



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE /PPGREC**

EVANILDA TELES DOS SANTOS PEDROSA

**“CURA GAY”: IDENTIDADES ÉTNICAS DOS JOVENS HOMOSSEXUAIS SOB OS
INTERDITOS DAS FAMÍLIAS CRISTÃS NO DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS -
JAGUAQUARA/BA**

Jequié-BA

2021

EVANILDA TELES DOS SANTOS PEDROSA

“CURA GAY”: IDENTIDADES ÉTNICAS DOS JOVENS HOMOSSEXUAIS SOB OS INTERDITOS DAS FAMÍLIAS CRISTÃS NO DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS - JAGUAQUARA/BA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Linha 2- Etnias, gênero e diversidade sexual.

Orientador: Prof. Dr.^a Maria de Fátima Araújo Di Gregório.

Jequié-BA

2021

P372c Pedrosa, Evanilda Teles dos Santos.

“Cura gay”: identidades étnicas dos jovens homossexuais sob os interditos das famílias cristãs no distrito Stela Câmara Dubois - Jaguaquara/Ba / Evanilda Teles dos Santos Pedrosa.- Jequié, 2021. 144f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Araújo Di Gregorio)

1.Etnicidade 2.Famílias cristãs 3.Identidades 4.Cura Gay
5.Ditizona I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

EVANILDA TELES DOS SANTOS PEDROSA

“CURA GAY”: IDENTIDADES ÉTNICAS DOS JOVENS HOMOSSEXUAIS SOB OS INTERDITOS DAS FAMÍLIAS CRISTÃS NO DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS - JAGUAQUARA/BA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 2: **Etnias, Gênero e Diversidade Sexual**

Aprovado em: 15 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria de Fátima Araújo Di Gregorio
(UESB)
Presidente da Banca/Orientadora



Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto
(UNEB)
Examinador Externo



Prof. Dr. Valter Luiz dos Santos Marcelo (UESB)
Examinador Externo



Prof. Dr. Natalino Perovano Filho (UESB)
Examinador Interno

JEQUIÉ -BA
2021

EPÍGRAFE

EX-GAY, EX-EX-GAY E A TAL DA 'CURA GAY'

Sérgio Viula era um menino que amava meninos. Entrou na puberdade e se apaixonou por um amigo. Com esse primeiro namoradinho, iniciou a vida sexual. Aos 16 anos, Sérgio era um rapaz que amava Jesus Cristo. Seduzido pelo papo da colega de trabalho, passou a frequentar uma igreja evangélica. A família, daquelas de formação bem “catolicona”, se converteu junto.

Um ano depois, ele se casou com uma moça da igreja. Era como se os desejos homoafetivos tivessem sido trancados no armário, no fundo da gaveta de meias, dentro de uma pastinha cor-de-rosa onde se lia: “Perigo”. A união durou 14 anos e gerou dois filhos. Nesse período, ele se formou e se pós-graduou em Teologia. Virou “ex-gay”, pastor batista, líder do Moses (Movimento pela Sexualidade Sadia) e, como tal, feroz crítico de alas mais liberais da igreja.

Sem conversa: Deus reprovava “a intimidade entre iguais”. Deu na Bíblia. Mais precisamente no texto de Levítico. Lá consta: homens que se deitam com outros homens praticam uma “abominação” e precisam ser executados (coordenadas dessa batalha naval: Lv 20:13). Em 2002, Sérgio era um homem que não amava Deus. Na verdade, sequer acreditava nele. Era ateu. Ateu e gay. Ou “ex-ex-gay”.

Chegou à conclusão que, se a humanidade precisava ser tratada por tanto sofrimento (no seu caso, o fracasso em reprimir a atração por homens), restavam três alternativas sobre Deus: 1) Não é todo-poderoso 2) Não é bom 3) Não existe de modo algum. Ficou com a última.¹

¹ Reflexões conforme livro “Entre a Cruz e o Arco-Íris – A Complexa Relação dos Cristãos com a Homoafetividade” (Ed. Gutenberg) de Marília de Camargo César, chega às prateleiras para discutir assuntos que interligam religião e homossexualidade. Como líder do Movimento pela Sexualidade Sadia, afinal, conheceu apenas um gay “curado”. “E ele tinha sempre a gaveta cheia de antidepressivos. O caso de Sérgio, agora professor de inglês numa escola particular do Rio, foi um dos que mais marcou a jornalista Marília de Camargo César. Por dois anos, ela entrevistou líderes evangélicos, de denominações tradicionais a igrejas inclusivas (que aceitam gays). Conversou com cristãos gays e “ex-gays”, fora psicólogos, filósofos, profissionais da saúde e pais de homossexuais

DEDICATÓRIA

... dedico a todos que sofrem ou sofreram a tentativa de “cura gay”, os silenciamentos e aprisionamentos gerados pela religião.

AGRADECIMENTOS

Às forças do Universo que regem a natureza e tudo que há nela.

Vida, pela oportunidade de recomeçar...

Aos meus filhos Levi, Anna e Lis, por compreenderem as minhas ausências, mesmo presente fisicamente, para estudar, por serem a minha dose de motivação diária para que não desistisse da caminhada até aqui. Tudo que suportei foi por vocês!

Levi, agradeço a você pelo excelente filho que és, por cuidar de suas irmãs, pelo beijo e afago carinhoso que direciona a mim todos os dias, a todo instante. Você é meu filho amado, meu primogênito, te amo tanto até transbordar!

Anna agradeço a você por me ensinar a cada dia coisas extraordinárias, por ser a doçura que alegra a cada minuto a minha vida, por me dar o melhor e mais afetuoso abraço de urso, por ser gentil e educada, por transbordar amor em nossa casa. Mamãe ama você incondicionalmente!

À minha caçulinha Lis Dandara, símbolo de minha força, liberdade e renascimento. Você chegou às nossas vidas em meio a este processo de escrita, abalou as estruturas, mais trouxe luz, paz e amor. Você é meu caso de amor com o ODEERE, uma homenagem justa ao espaço que me acolheu e possibilitou a experiência maravilhosas de conviver com as diferenças e para a diferença de forma tão significativa. Mamãe se tornou completa com a sua chegada!

Ao pai dos meus filhos, que enquanto estávamos casados esteve se dedicando para suprir a minha ausência, ao seu modo cuidou dos nossos filhos, deu-lhes amor, carinho e proteção. Obrigado Antônio você foi importante neste processo.

À minha mãe, minha avó e meus irmãos que se dedicaram aos cuidados com meus filhos nos momentos em que precisei. Ao meu pai (avô) *in-memória* tenho muito de você em mim e isso é a certeza que estou no caminho certo, pois com você aprendi que tudo que temos nessa vida são a família e os verdadeiros amigos.

Às tias dos meus filhos, Isabel Pedrosa e Veronica Pedrosa, por segurarem a minha mão quando tudo parecia desabar sobre mim.

Aos meus amigos Francisco Neto e Rosa Fonseca, a minha formação profissional não seria possível sem o apoio incondicional e vocês. Minha eterna gratidão, pois nos momentos mais difíceis de minha vida estão sempre presente com todo apoio e carinho.

Aos meus colaboradores de pesquisa, que sempre solícitos dedicavam um pouco do seu tempo para que fosse dado voz aos seus silêncios.

Ao coração cheio de paz e acolhida dos professores Dr. ^o Marcos Lopes, Dr. ^o

Natalino Perovano e Dr.^a Ana Angélica Leal Barbosa, a força e o apoio de vocês nos momentos mais difíceis foram primordiais. Obrigado pelos conselhos para a vida.

À orientadora Dr.^a Maria de Fátima A. Di Gregório, uma grande incentivadora acadêmica, uma pesquisadora de excelência e muito competente que muito contribuiu para a construção do aporte teórico desta pesquisa. Minha gratidão professora pelo acolhimento, por muitas vezes me receber em sua residência e por ser sempre solícita as minhas inquietações sobre a pesquisa.

Aos professores João Evangelista e Valter Luís pela disponibilidade e contribuições nesta dissertação.

Às minhas amigas e colegas de turma Juliana, Katiane e Dócio, as dindas da minha Dandara, meninas sem o apoio e ajuda de vocês eu não teria conseguido. Obrigado por estarem sempre ao meu lado desde os estudos teóricos, as pesquisas, as viagens e principalmente todo cuidado durante toda a gestação até o momento do nascimento.

Ao meu amigo Doly, meu querido amigo, padrinho da minha Dandara, iniciamos nossa amizade no trajeto diário para o ODEERE, você foi nosso companheiro (meu, de Katy e July) durante nossas viagens, esperando com paciência, atenção e colaboração. Passou a fazer parte de nosso convívio e tem sido meu braço direito nos últimos anos para resolver pequenos serviços ou quando preciso me deslocar. É um grande conselheiro e amigo, alguém que não me deixou desistir na caminhada...

Aos pastores que se propuseram a dialogar sobre a temática da pesquisa, que colaboraram indiretamente nas reflexões sobre a pesquisa fomentada.

Aos meus colegas de turma, com vocês aprendi mais sobre as diferenças, com pessoas distintas, de personalidades e identidades diversas foi maravilhoso, foram bons momentos!

Aos amigos que o ODEERE me presenteou, Antônia, Cida, Negão, Jackson e Jamis, a vocês minha gratidão por tudo, pelo café, pelo abraço caloroso, por todas as ligações para saber se estava bem, por todas as preces, pelo apoio e carinho.

Aos membros do Grupo de Estudo e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias pelas colaborações nos momentos de reuniões e estudos.

Aos meus queridos alunos que vibram com as minhas conquistas.

Aos meus colegas e amigos da Secretária Municipal de Educação por todo incentivo e apoio. Em especial a Mag, Izania, Manu, Allan, Laura, Cida, Vanda, Carlos, Gil, Fernanda, Anderson, Dalvinha, Dulce, Claudinha, Zelinha, Joanderson, Naty e Erica por segurar a barra quando o meu mundo desmoronava internamente. Vocês são um lindo presente em minha vida!

Às minhas amigas Branca e July Santiago, mais que chefes, vocês são irmãs que a vida me presenteou, obrigada por cada abraço que muitas vezes vocês não sabiam que eu precisava por me ligar nos momentos de solidão da Pandemia, por enxugar as minhas lágrimas com palavras afáveis por meio de uma conversa virtual.

À minha amiga Emanuelle Pita, amor você foi um anjo, me doando seu tempo, conselhos sábios, palavras de incentivo, não permitindo que eu perdesse a luta para o estado depressivo que estava caminhando. Você é meu anjo.

Aos profissionais Dr.^o Eduardo Ledo (psiquiatra), Dr.^a Márcia Ledo (Psicanalista) que me acompanharam durante o período em que desenvolvi a Síndrome de Burnout, sem ajuda de vocês não teria escrito uma linha se quer, vocês sabem o quanto as rupturas na construção deste trabalho me trouxe vivências traumáticas.

Aos meus amigos verdadeiros, que estão sempre comigo nos melhores e piores momentos, que me direcionam palavras de incentivo, mas também me dão broncas para que siga adiante com meus sonhos e projetos, e este aqui vocês fazem parte dele: Elzimari Pedrosa, Celma Dias, Eliana Caribé, Benilton, Rafaela Lima, Reny Costa, Luciene Rocha, Rosa Nery, Cléssia Costa, Euzi Cortes, Leonara Mello, Jean Pierre, Marcos Ché, Mariana Pereira, entre outros.

Enfim, agradeço a todos que fizeram e fazem parte da minha vida!

RESUMO

Esta Dissertação Intitulada “Cura Gay”: identidades étnicas dos jovens homossexuais sob os interditos das famílias cristãs no Distrito Stela Câmara Dubois - Jaguaquara/BA tem o objetivo de compreender de que maneira vêm sendo construídas as identidades étnicas de gays que fazem parte de famílias cristãs e conseqüentemente passaram por situações e não aceitação por parte das famílias na comunidade conhecida como Km 43 no município de Jaguaquara/Bahia. Para tanto, delimita-se os seguintes objetivos específicos: elucidar a história da família nos processos de colonização; identificar como os gays e lésbicas vêm construindo suas identidades entre família, igreja e sociedade; analisar os interditos presentes na instituição igreja e seus marcadores nas identidades étnicas desses; explicitar as fronteiras e formas de discriminação aos jovens gays na comunidade. Nesse viés, refletir sobre os elementos identitários transmitidos por gerações na igreja cristã, representa perceber, além das referências simbólicas, os significados e das funções sociais presentes, os mecanismos sociais que interferem na construção da identidade étnica desses jovens. É numa pesquisa social e empírica, aportando-se em na metodologia da História Oral (HO) como método e técnica, abrindo espaço para o uso de entrevistas aplicadas aos jovens e famílias cristãs desses jovens gays e lésbicas moradores do Distrito.

Palavras - chave: Etnicidade; Famílias cristãs; Identidades; Cura Gay.

ABSTRACT

This Dissertation Entitled 'Gay Cure': Ethnic Identities of Young Homosexuals Under the Prohibitions of Christian Families at District Stela Câmara Dubois - Jaguaquara/BA aims to understand how the ethnic identities of gays who are part of Christian families have been constructed and consequently they went through situations and non-acceptance by the families in the community known as Km 43 in the municipality of Jaquaquara/Bahia. Therefore, the following specific objectives are defined: elucidate the family history in the colonization processes; identify how gays and lesbians have been building their identities between family, church and society; analyze the interdictions present in the church institution and its markers in their ethnic identities; clarify the boundaries and forms of discrimination against young gay men in the community. In this perspective, reflecting on the identity elements transmitted by generations in the Christian church represents noticing, in addition to symbolic references, the meanings and present social functions, the social mechanisms that interfere in the construction of the ethnic identity of these young people. It is a social and empirical research, drawing on the methodology of Oral History (OH) as a method and technique, making room for the use of interviews applied to young people and Christian families of these young gays and lesbians living at District.

Keywords: Ethnicity; Christian Families; Identities; Gay cure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO I – IDENTIDADES, HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO.....	17
1.1 O FENÔMENO ÉTNICO E AS IDENTIDADES.....	23
1.2 AS IDENTIDADES CRISTÃS EM UMA SOCIEDADE NÃO CRISTÃ: GÊNERO, HOMOSSEXUALIDADE E SEXUALIDADE	30
1.3 FRONTEIRAS SOCIAIS: HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO	41
2 CAPÍTULO II – CAMINHOS METODOLÓGICOS E A PESQUISA “IN LÓCUS” : DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS - JAGUAQUARA/BAHIA	50
2.1 A PESQUISA E SUAS ABORDAGENS.....	59
2.2 AS ENTREVISTAS REALIZADAS.....	63
2.3 DESCRIÇÃO DOS COLABORADORES DA PESQUISA	79
3 CAPÍTULO III – SILENCIAMENTOS E CRISE DE IDENTIDADE	83
3.1 HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA CRISTÃ.....	88
3.2 DA REPRESSÃO AO MEDO: OS MODELOS EDUCACIONAIS DAS FAMÍLIAS CRISTÃS	97
3.3 IDENTIDADES EM CRISE E EX(IN)CLUSÃO SOCIAL.....	106
3.4 A CURA GAY E “OS DESAFIOS” DOS JOVENS HOMOSSEXUAIS EM FAMÍLIAS CRISTÃS	114
3.5 OS PERCURSOS ENTRE “ACEITAÇÃO” E “REJEIÇÃO”.	122
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

As inquietações que conduziram esta pesquisa surgiram a partir da minha atuação entre a igreja cristã protestante e a escola, quando a temática da homossexualidade começou a atrair atenção. Inquietava-me a necessidade de pesquisar sobre o tema para ajudar jovens e pastores nas obras da igreja, quando pude perceber que muitas famílias buscavam a ideia de “cura gay” para seus filhos. Como psicanalista e pedagoga, a compreensão era outra e estes jovens que estavam ocasionando “vergonha” às famílias, necessitavam de apoio fora e dentro da igreja. Iniciou-se então, a longa caminhada em busca deste objeto de estudo, pois a maioria dos livros que eu lia me levava a outros caminhos diferentes do religioso. Mas, volto à infância para justificar a escolha do tema: O interesse pela presente pesquisa surgiu, portanto, enquanto membro de uma denominação cristã protestante a cerca de 17 anos. Mas vamos retroceder um pouquinho para compreender as ponderações que serão elencadas pela pesquisadora.

Durante a infância tive contato com diferentes manifestações religiosas. Na primeira infância, meu contato as religiões se deram de maneira muito distinta, pois cresci com uma tia materna (*in memória*) assiduamente Católica Apostólica Romana, cumpridora de todos seus rituais eclesiais, a minha madrinha de batismo, uma prima cristã protestante, sendo elas filhas da minha tia, e um tio materno que era Espirita Kardecista. Aos 08 anos, regressei para o convívio com minha mãe, avós maternos e irmão que também vivenciavam um sincretismo religioso. Minha avó declara-se católica, minha mãe sem religião, porém frequentava as religiões de matriz africana, meu avô declarava-se sem religião e os meus irmãos ainda pequenos não tinham maturidade para declarar uma religião, o que os faziam permear em diferentes espaços.

Na adolescência, tive contato com diferentes amigos da família que são cristãos protestantes e em uma dessas experiências passei a me identificar com a forma de cultuar daquele grupo de pessoas. Foi neste cenário, na adolescência, que algumas inquietações surgiram, pois uma das filhas dos amigos da família apresentava um comportamento que fugia a norma para uma família protestante. Mas afinal qual é a norma?

Aquela adolescente vivenciava experiências diferentes dos demais, tinha gostos distintos dos de sua convivência. Lembro-me das inúmeras vezes que frequentava sua casa, seu quarto tinha as paredes repletas de fotografias de uma atriz e cantora mexicana muito famosa nas novelas brasileiras. Ela tinha/tem fissura por seu ídolo, não se tratava apenas por ser alguém famoso, mais o brilho nos olhos, as inúmeras coleções de fotos, vídeos, revistas, álbuns colecionáveis e reportagens, a forma como descrevia, os beijos emitidos nas imagens. Sim, você pode estar pensando “mas são comuns na adolescência estes comportamentos”. O que desejo elucidar não é como ela declara seu fanatismo pela atriz, mas as formas de enfrentamento da situação no qual vivenciei. Sua mãe é membro assíduo de uma Igreja Protestante de denominação pentecostal, assim, sua doutrinação era mais rígida diante dos comportamentos da filha adolescente. A esta senhora estava a missão de conduzir a educação de seus filhos, pois ela havia ficado viúva, assumindo a tarefa de chefe da família.

Esta garota não foi meu único ponto de partida para este tema gerador, pois no decorrer das atividades profissionais ouvi relatos de jovens homossexuais e suas experiências familiares, de fixação da identidade de gênero, crises de identidades e seus relatos de violências simbólicas, dos rituais de “cura”, das consultas psiquiátricas e psicológicas no qual eram submetidos para tratar o que fugia das normas familiares.

Acompanhei na juventude a história de outro jovem que sofria as pressões sociais da família, da igreja e de sua negação identitária por medo das repressões sociais, do sentimento de exclusão que sentia dentro da igreja e o medo de ser um dos “condenados ao inferno”. A memória traz os fatos que presenciei vários enfrentamentos, ouvindo muitas vezes a frase: “isso é doença, uma menina não pode se apaixonar por uma mulher”, “isto é demônio”, “eu vou fazer uma campanha de oração para Deus te libertar desta maldição”. Frases como estas ouvidas em distintos momentos ficaram guardadas em minha subjetividade.

Anos depois trilhamos caminhos diferentes. A jovem migrou para outro estado no intuito de conquistar suas aspirações pessoais e profissionais, de firmar sua identidade e conquistar sua “liberdade”, assumindo sua identidade de gênero. Em contato com outros pares que conheci dentro das igrejas que frequentei, percebi que várias histórias de vida que me trazia a memória as vivencias com

esta jovem, trazendo uma vasta reflexão sobre quais os aprisionamentos são causados pela religião e como eles interferem na construção das identidades. Mas esta jovem não foi apenas uma das experiências.

Ao findar o curso de magistério por não conseguir emprego na área e tendo a necessidade de subsistência, o anseio de fazer um curso superior, porém minha família não tinha condições financeiras para alcançar tal sonho, então o que era viável naquele momento era o trabalho. Fui trabalhar como empregada doméstica para poder ajudar financeiramente minha família e com o intuito de fazer um curso superior, mesmo que fosse particular à noite, pois a universidade se tornava um sonho cada vez mais distante. Porém, consegui conciliar o curso de Pedagogia e o trabalho.

Nesta casa em que trabalhei, minha função era cuidar da casa, três crianças e a avó deles que já idosa e com problemas de saúde, residia no mesmo espaço. Esta família me acolheu como parte integrante deles, me tornei membro da mesma igreja que eles e frequentávamos os lugares em comum. As crianças tinham a faixa etária entre 03 à 10 anos quando comecei a cuidar deles. A dinâmica das relações familiares baseava-se nas crenças religiosas e educacionais dos pares que ali conviviam. Todos apresentavam características e comportamentos bem distintos, mas a obediência ao que era ensinado pelos pais estavam sempre presentes.

Os garotos foram crescendo e ora se distanciavam do ciclo religioso protestante, porém o mais novo era quem mais chamava à atenção de todos por seu comportamento não condizer com os ideais de seus pais. Aos 07 anos, ele foi conduzido para algumas sessões com psicólogos e psicopedagogo, pois a escola no qual está criança estudava havia sinalizado que seu comportamento era “diferente” dos colegas.

Neste período da segunda infância dele, deixei de trabalhar na casa da família, mas mantivemos as relações que haviam sido solidificadas durante o tempo de convivência. Lembro-me que estava em alta em uma emissora de televisão a versão atualizada do Sítio do Pica-pau Amarelo, ele era apaixonado por cada episódio, mas sua personagem favorita era à boneca Emília, no qual muitas vezes ele vestiu a roupa e chorava por querer a peruca da personagem, tanto fez que minha mãe lhe deu uma de lá.

A mãe dele observa aquele comportamento, muitas vezes apontado pelos irmãos mais velhos e familiares como: “é coisa de criança”, é “uma fase, isso logo vai passar”, “vou fazer uma campanha de oração por esse menino, Deus não vai envergonhar minha família”. Estas, dentre muitas outras, eram as elucidações daquela mãe que chorava e buscava incessantemente por uma resposta divina para o seu filho.

Ele foi se tornando um adolescente distante do seio familiar, de ciclo de amizade, desenvolvendo crises de ansiedade, compulsão alimentar, depressão, baixa autoestima. Foi conduzido à sessões com psicólogos, psiquiatras e outros profissionais para investigar seu comportamento e seu silêncio, sua angustia, e este foi um período de crise identitária muito acentuado entre os desejos de “liberdade” e o aprisionamento dos dogmas da religião de seus pais.

Em meio a todos estes interditos entre a família e a religião, estava o sentimento de fracasso, no qual sofria a mãe. Em suas ponderações, choros, orações e conversações, estava o grito que ecoava: “satanás não vai destruir minha família”. A concepção dada pela mãe para a orientação sexual de seu filho é vista pela óptica da igreja, como norma reguladora de seus corpos, que definem e determina as identidades, que “santifica” ou “endemoniza” os corpos que fogem a heteronormatividade.

Dado o exposto, a partir das múltiplas vivências, nos diferentes espaços sociais, entre escola, família e igreja, surgiram às inúmeras inquietações sobre a questão fundante desta pesquisa. Assim, a presente dissertação, aborda como ocorrem as relações étnicas nas famílias cristãs protestantes quando surge a figura do filho homossexual, que suporta com muita dor a repressão e fala assim: “Só não tive coragem de morrer... Um sentimento de fracasso e derrota me frustra diariamente, por não poder me abrir com meus colegas, meus familiares... Eu me sinto só, apesar de ter ouvido que Jesus é o melhor de todos os meus amigos e que poderia me ajudar...”. Seguidamente, outra fala na igreja: “Não vivo, me acho diferente dos outros e sou, mas se fosse apenas isso... É que me sinto incapaz de ser feliz. Não saí da igreja, mas mesmo quando estava protegido pelas paredes do templo, sentia um vazio e uma vergonha indescritíveis, porque pensava nunca poder ser amado por Deus, apesar de ter ouvido que ele era um Deus de amor, o próprio Amor”.

Em segundo momento, entendendo que trabalhos que analisavam a homossexualidade no Brasil ainda estão escassos, há sempre algo a contribuir em cada texto que se lê. Anos acompanhando as passagens sobre as paradas gays pelo mundo, pelos estados nordestinos, despertou a vontade de estudar a respeito da homossexualidade que por vezes é vista como algo de menor importância e coisa de gente doente e que precisava ser curada desse mal.

Assim, a presente pesquisa está organizada da seguinte forma: no Capítulo I abordaremos os assuntos fundantes, como a concepção de identidade, homossexualidade e religião, tendo a etnicidade como base sociológica para a discussão; No Capítulo II apresentaremos a trajetória metodológica de planejamento e de concepção da pesquisa qualitativa para coleta, seleção da amostragem, o detalhamento do campo, como foi realizada a análise dos dados, as configurações familiares e seus modelos educacionais. Por fim, no Capítulo III, apresentaremos sobre os interditos, os silenciamentos, aceitação e rejeição; as acepções da família sobre a homossexualidade e a perspectiva de cura gay.



1 CAPÍTULO I – IDENTIDADES, HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO.

IMAGEM 1².

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 1990, p.109).

No início do século 21, enfrentamos um conjunto desconcertante de desafios que há alguns anos, jamais teríamos sequer imaginado. De um lado, as ferozes mudanças tecnológicas confirmam a sagacidade da humanidade; de outro, permanece a luta por justiça social, combate à pobreza global e igualdade de direitos. Mesmo com todas estas transformações, um temor chega ao Ocidente, a ideia postulada de falência da família, impondo um fardo pesado sobre os pais, ameaçando a coesão da comunidade e, em muitos casos, levou a um senso de alienação entre os jovens. Todas essas questões, e muitas outras, afetam cristãos e pessoas sem fé religiosa. Elas desafiam nosso senso de identidade e nosso propósito.

² Imagem disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/grupo-catolico-lgbt-celebra-6-anos-com-livro-de-testemunho>. Acesso em setembro de 2021.

Os estudos sobre a identidade étnica tem sido um tema importante nas ciências sociais, pois trata especificamente da relação indivíduo/sociedade. No entanto, o pensamento social sobre as questões étnicas e raciais compartilhou uma perspectiva eurocêntrica, resultado de um “evolucionismo social”, onde a história é concebida a partir de uma linearidade sem levar em consideração os diversos contextos políticos e condições sociais na relação que se estabelece entre indivíduo e sociedade (ATHIAS, 2007, p. 16).

Nesta permissa, a presente dissertação trata sobre as relações étnicas estabelecidas entre os jovens homossexuais e suas famílias cristãs protestantes, o que no tocante, traz a abordagem acerca das identidades construídas nestes interditos. O estudo sobre as identidades étnicas neste viés discorre sobre o contexto das relações de grupos, das diferenças entre o ‘eu’ e o ‘outro’, envolto da questão de pesquisa levantada sobre ideal de “cura gay” que vem sendo propagado pela comunidade política religiosa.

O tema “cura gay” pode parecer estranho para muitos, mas recentemente encontramos muitas manchetes que falam do preconceito, da homofobia, da conjugalidade e adoção de crianças por casais do mesmo sexo em diversas leituras, o discurso político-religioso ganhou força no cenário atual brasileiro e em setores ligados à sociedade civil. A emergência desses assuntos em nossa sociedade é sem dúvida uma grande contribuição para os estudos da área de sexualidade e, estando relacionado ao fenômeno de “cura gay”, a proposta é de desconstruir determinados estigmas impostos às pessoas que possuem uma identidade sexual destoante da normatização heterossexual.

Notadamente, a sociedade sempre tem seus interditos a partir de conflitos entre os valores morais, entre o que é “certo” ou “errado”, a partir dos modelos educacionais e normatizações que são impostos pela sociedade e consequentemente pela igreja, cujo modelo é um dos pontos centrais desta discussão. Essa preocupação com os julgamentos, com os rótulos e estigmas postulados socialmente por um grupo de indivíduos faz parte do nosso cotidiano. Desta forma, a identidade passa por inúmeras e sucessivas transformações, gerando reflexões sobre o que é bom ou não para um determinado grupo, e com isso as normatizações vão se tornando valores e convicções.

Com base nestas elucidações, para o desenvolvimento desta pesquisa foi preciso que vários caminhos fossem traçados e o escolhido por opção, foi a coleta

de narrações de jovens homossexuais e seus familiares, onde os mesmos contam as decisões de vida diante da percepção de seus pais que perpassa entre aceitação, ignorância e repreensão por causa das rupturas entre a educação familiar religiosa e o seu modelo heterossexual normativo, onde a ideia de ter um filho homossexual é fonte de aprisionamento, o que tornam um campo de ocultação e vergonha para as famílias que se reconhecem como cristãs, especificamente as protestantes.

Junto a esta questão, a angústia de jovens diante do silêncio dos pais e amigos sobre sua sexualidade e identidade de gênero, gerando várias formas de aprisionamentos que sufocam desde a infância quando não se encaixam às normas estabelecidas por seus pares.

No lócus da pesquisa, - a igreja cristã e a casa de cada jovem gay, a inquietação e angustia da volta à dita normalidade e zona de conforto. Nessa perspectiva, a convivência com estes colaboradores nas relações escola, igreja e comunidade, mais precisamente como professora e atuante membro da igreja cristã no Distrito Stela Câmara Dubois - Jaguaquara/Bahia foi de fundamental importância para a definição do objeto de pesquisa.

Mas, o que ocorre com os corpos silenciados gerados pelos interditos familiares e religiosos? Assim, o senso comum apregoa um conceito de felicidade momentânea tanto para a família que busca a “cura gay”, como para o jovem que espera sua liberdade e reconhecimento da identidade étnica. E assim, alguns grupos ganham força em seus discursos com viés pela bandeira da conquista da felicidade e da liberdade. E enquanto conceitos construtores de uma dada identidade étnica de gay, os jovens como um produto resultante de discursos e práticas políticas e cotidianas, procuravam desconstruir os antigos estigmas desqualificadores como ‘bicha’, ‘viado’, ‘sem vergonha’ e busca um reconhecimento. A pesquisa busca em Paul Ricoeur (1913-2005), na obra *Percurso do Reconhecimento* a ideia de estabelecer o debate acerca do conceito de reconhecimento, visando constituir um percurso de passagem do reconhecimento como (a) noção epistemológica enquanto identificação com grupo determinado, sobretudo, a apresentar o aspecto que caracteriza a negação do reconhecimento na qual o indivíduo não é reconhecido pelo o que é, mas segundo os objetivos de sobrevivência. O medo, a insegurança e a desconfiança descritas, trazem um olhar para a compreensão relacional do reconhecimento do

jovem não só na família, mas nos contextos em que vive, inclusive o religioso.

Muitos questionamentos são gerados para compreenderem os motivos que conduziram esta pesquisa em vários espaços acadêmicos, tais como: Mas você é lésbica? Porque você quer falar de homossexuais se é mulher hetero cisgênero? Estes questionamentos frequentemente permeiam o universo desta pesquisa, pois os colaboradores não compreendiam o meu interesse em realizá-la. Afinal, qual era o meu lugar de fala neste contexto?

Entre todas as identidades que o indivíduo pode ter, a identidade étnica é a que responde de modo mais completo a essas necessidades, porque o grupo étnico representa por excelência o “refúgio” de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós. Esta propriedade de “etnicidade é realçada por uma utilização abundante de metáforas, como as de “lar” (*house, home, mansion*), do arco, do templo, da matriz, que reforçam os *priori* do autor mais do que trazem qualquer demonstração de sua tese” (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1998, p. 90).

Santos (1993) explana que as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação.

A preocupação com a identidade não é, obviamente, nova. Podemos dizer até que a modernidade nasce dela e com ela. O primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade. O colapso da cosmovisão teocrática medieval trouxe consigo a questão da autoria do mundo e o indivíduo constituiu a primeira resposta.

Este processo histórico de contextualização e de recontextualização de identidades culturais vem sendo interrompido violentamente por um ato de pilhagem política e religiosa que impõe uma ordem que, por se arrogar o monopólio regulador das consciências e das práticas, dispensa a intervenção transformadora dos contextos, da negociação e do diálogo. Assim se instaura uma nova era de fanatismo, de racismo e de centrismo.

O vínculo religioso foi progressivamente marginalizado por várias vias, pela repressão violenta (nas proibições de culto e confisco dos bens da Igreja), pela substituição de funções (nas diferentes formas de secularização

protagonizadas pelo Estado, dos ritos funerários à educação), e pela acomodação em posição de subordinação (nas leis de separação da Igreja e do Estado). A secularização das práticas sociais foi particularmente intensa. [...] O verdadeiro debate sobre as prerrogativas rivais da religião e do Estado sobre o controle da educação dos cidadãos, um debate que foi impedido pela Igreja.

Quanto ao vínculo étnico, a sua descaracterização teve um lugar através da anátema lançado sobre todas as formas de “primordialismo” que não correspondessem à base étnica do racismo dominante e da sua absorção no conceito de nação, um conceito inventado ora para legitimar a dominação de uma etnia sobre as demais, ora para criar um dominador sociocultural comum suficientemente homogêneo para poder funcionar como base social adequada à obrigação política geral e universal exigida pelo Estado, autodesignado assim como Estado-nação. Este processo de homogeneização foi tanto necessário quanto mais complexa era a base étnica do Estado (SMELSER, 1991 *apud* SANTOS, 1994, p.37).

Hall (1990) a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. Uma vez que para Hall (1998):

A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 1998, p. 21).

As pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno.

A leitura que pensadores psicanalíticos, como Lacan, fazem de Freud é que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende

apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras maternas e paternas. Naquilo que Lacan chama de “fase do espelho”, a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer autoimagem como uma pessoa “inteira”, se vê ou se “imagina” a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro – como uma “pessoa inteira” (LACAN, 1988 *apud* HALL, 1997, p.37).

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com seus sistemas simbólicos fora dela mesmos e é assim, o momento da sua estrada a vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre o amor e o ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso de rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes “boa” e “má”, a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos-chave da “formação inconsciente do sujeito” e que deixa o sujeito “dividido” permanecem na pessoa por toda a vida.

Dado o exposto, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e, não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com eles e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, ao invés de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. “A identidade surge não tanto da plenitude de identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas, através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 1998, p.38-39).

1.1 O FENÔMENO ÉTNICO E AS IDENTIDADES

Esta pesquisa visa aprofundar sobre as questões étnicas, uma vez que a mesma é um produto histórico, teórico, político e sociocultural. Os processos étnicos aqui apresentados situam-se nas fronteiras de uma comunidade e seus indivíduos e o que estes teriam em comum, capazes de uni-los ou diferencia-los em seus coletivos.

Tais concepções sobre os grupos étnicos aqui apresentados, família, jovens homossexuais e igreja protestante, nos traz a luz sobre as relações estabelecidas neste contexto. Assim, a percepção do conceito de identidade como ponto central deste estudo reflete os inúmeros processos na construção do “eu”. Ela surge como uma espécie de espaço em formação, interligada a diferentes discursos, como uma intersecção especialmente no contexto cultural. “A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente” (SILVA, 2009, p. 93).

Para Hall (1989), a lógica da identidade é a lógica de algo como um “verdadeiro eu”. E a linguagem da identidade tem sido frequentemente relacionada à procura por um tipo de autenticidade para a própria experiência, algo que me diz de onde eu vim. Assim, muitos de nós reconhecemos o nosso processo de mudança ao longo da formação do “eu”, e à medida que ela se transforma, refletimos sobre os elementos que nos conduzem para reconhecer através do tempo como estes processos ocorrem não se esquecendo do papel social e da dimensão emocional que ela ocupa.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 1996).

Dessa maneira, estudar a etnicidade consiste num domínio da impressão e dos processos que remete o papel étnico ao outro, este por sua vez diferente de mim, à medida que somos todos étnicos. A etnicidade designa simplesmente a pertença a um grupo, com características distintas (gênero, idade, classe ou religião). Cohen (1974, p.11), “eticidade é essencialmente a forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos culturais comuns”.

Barth (1969, p.17) elucida que “a etnicidade não pode ser reduzida a conteúdos culturais homogeneamente distribuídos nos grupos e transmitidos entre gerações. A existência do grupo étnico está ligada a fronteiras criadas e mantidas por relações de poder e processo de controle, silenciamentos e apagamento das experiências pessoais que fujam ao modelo cultural reificado como definidor dele”.

Para o autor se um grupo de pessoas com os mesmos ideais de valores confronta-se com diferentes oportunidades em meios distintos seguiriam também padrões de vidas e comportamentos diferentes. A identidade é entendida, a partir da noção de “grupos de relação”, como forma de organização social. É importante compreender que para ele o processo de construção identitária refletem processos variados assumidos por um indivíduo ou pela coletividade.

As dimensões sociais ocupadas por diferentes sujeitos nas relações com seus pares tornam se fatores fundantes na formação da identidade. Diante disto, “a identidade social e a identidade pessoal são parte, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão” (GOFFMAN, 1963, p. 105-106). Está por sua vez, segundo Schwarcz (1999):

A identidade não é, portanto, atemporal e imutável em seus traços culturais (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, vestimentas, culinárias...) transmitidos pelo grupo. Ela resulta da ação e reação entre esses grupos e os outros, num tipo de jogo que não para de se alterar (SCHWARCZ, 1999, p.295).

Assim, a identidade pronta e acabada não existe, pois ela é uma estrutura sempre cindida, em constantes transformações. Assumimos e ativamos

diferentes identidades em diferentes contextos, o que emerge a necessidade de reconceitualizar a identidade como um processo de identificação e isso é muito diferente. Afinal, “toda identidade é necessariamente contrastiva, ou não seria identidade” (CUNHA, 1986, p.44).

Descentralizar o conceito de identidade da perspectiva biológica tornou-se um paradigma, pois lutar contra esta percepção biológica é sempre uma luta, uma vez que desenraizar a concepção de sexo e gênero é uma tarefa árdua.

Embora o pensamento cultural fosse adquirido no contexto social, as identidades estão em constantes deslocamentos, pois estamos em contato com outros pares, e óbvio que este trânsito identitário é primordial na constituição da identidade étnica. Por isso, que o conceito de identidade étnica se difere das demais identidades, sendo ela de natureza histórica.

Segundo Cunha (1986), a etnicidade só se aflora, só é mobilizada, em circunstâncias históricas específicas, ou seja, certos contextos sociais e políticos. As formas culturais que assumem dependem do conjunto social em que se inserem. Elas se dobram a linguagem, que nesse contexto social, serve para expressar diferenças.

Tais diferenças geraram a proliferação das reivindicações identitárias, tendo a identidade como uma categoria de análise prática. Deste modo, Hall (1996, p.2) caracteriza a identidade como “uma ideia que não pode ser pensada à maneira antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser pensadas”. Questões essas que se encontram obscuras nas discussões mais sofisticadas. Em um sentido mais amplo a identidade surge através do tempo, em continuidade, para alguns como símbolo de força e resistência. Portanto, para Silva (2009):

[...] a identidade – tudo isso vale, igualmente, para a diferença – não é o que a identidade é. Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade ela é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A

identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, p.99).

O que podemos dizer que é que as “práticas das vivências humanas” nunca serão universais. As identidades estarão sempre em modificação a partir das relações com o outro e consigo mesmo. O olhar da Outridade é o olhar da diferença. Hall (2016, p.323) elucida que “não há identidade que esteja fora da relação dialógica com o Outro. O Outro não está fora, mas também dentro do Eu, da identidade”. Portanto, a identidade é um processo intrínseco de “Eu e o Outro”.

Este processo político das identidades é para além de como você ver o outro, mas o ponto fundante é como você se ver em relação ao outro. Como os deslocamentos dessas identidades, de natureza humana comum, traz a ambivalência para simplesmente questionar as relações de poder, dos domínios e discursos dos diferentes grupos sociais numa perspectiva de raça, classe, gênero e cultura. Uma compreensão sincrônica da identidade hegemônica, mas benevolente e da identidade subalterna, mas “respeitada”.

Assim, o seio das relações identitárias não pode ser vista separada das variáveis culturais. Essas situações de contato multicultural e interétnico tende a gerar situações de conflitos. Elas surgem como enfretamento às políticas públicas de reconhecimento, pois a busca para pertencer a um grupo, para ser reconhecido ou aceito em um grupo social representa a luta identitária individual ou coletiva. Para Oliveira (2006):

O reconhecimento público pleno conta com duas formas de respeito: 1. o respeito pela identidade inconfundível de cada indivíduo, independentemente de sexo, raça ou procedência étnica; 2. o respeito por suas formas de ação, práticas e visões peculiares de mundo que gozam prestígio junto aos integrantes de grupos desprivilegiados, ou que estão intimamente ligados a essas pessoas, sendo que um país como os Estados Unidos tanto mulheres pertencem a tais grupos desprivilegiados, quanto americanos de origem asiática, afro-americanos, americanos de origem indígena e um grande número de outros grupos (OLIVEIRA, 2006, p. 35-36).³

³ Essas ideias de Gutmann, segundo a interpretação de Hebermans reproduzida por Oliveira (2006), foi retirada da tradução brasileira *A inclusão do outro: Estudos de teoria política*, São Paulo, Loyola, 2004, p.240.

Este olhar do autor favorece ao reconhecimento de como a noção de respeito pode ser pensada em uma dualidade de dimensões. Primeiro a concepção de respeito à identidade étnica e a segunda a noção de respeito as diferentes culturas, imersas em um mesmo território, para além dos limites geográficos. Vemos aqui a identidade como um fenômeno social. Assim, a questão da identidade está na pauta da Ciências Sociais, como dizia Claude Lévi-Strauss (1997, p.9), “a crise de identidade seria o novo mal do século” e que a questão da diferença percorre o nosso tempo.

Balibar (2002, p.114), evidencia que “toda identidade corresponde um sentimento de uma comunicação”. A representação do *eu* cruza a individualidade do sujeito para entrar em comunicação com um *outro*, ela constitui o *prima* pelo qual se recebe e se constitui este outro. Este pertencimento é uma crença subjetiva numa origem comum que une indivíduos distintos.

Pensar na construção da identidade de diferentes sujeitos, e até na nossa própria identidade é pensar em si mesmo como parte de uma coletividade, no qual os símbolos e os códigos de comunicação desse grupo expressam valores, medos e aspirações. Neste sentido, destacam-se as características culturais. Desta forma Poutignat & Streiff-Fenart (1998) elucida que,

A primeira ingenuidade é a de se acreditar que pode definir uma unidade étnica [...] segunda ingenuidade: a de acreditar que o isolamento geográfico e social esteja na base da diversidade étnica. [...] terceira ingenuidade: acreditar que um rótulo étnico = um modo de vida = um grupo real de pessoas, enquanto é precisamente a análise da relação problemática entre esses três elementos que o etnólogo deveria aceitar como tarefa (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998, p.61-63).

A dualidade entre igualdade e diferença parece exceder os limites de nossos vocábulos atuais. As correntes liberais vêm sendo incapazes de se conciliar com a diferença cultural ou garantir a igualdade de direitos e a justiça social para os grupos invisibilizados.

As comunidades étnicas minoritárias não são atores coletivos inseridos em uma organização social que lhes permite tornam-se sujeitos sem acesso aos “privilégios” de um determinado grupo, um contrapondo-se ao outro num processo

de hierarquização social e cultural. Assim, as identidades são construídas no interior do jogo do poder e da exclusão.

A opressão e a exclusão que se leva a cabo respeita uma concepção de normalidade sem fixação a modelos contínuos, ela está ancorada numa complexa rede de instituições, na qual o Estado seria sua última e mais ampla expressão, o que Balibar (1999, p.131) vai denominar de “politização das identidades”, elas constituem as aderências e propiciam as relações de poder. Laclau (1990) argumenta de forma persuasiva, que “a constituição de uma identidade social é um ato de poder”,

[...], pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre dois polos resultantes – homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido – em oposição à essencialidade do primeiro – à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com a relação negro/branco, no qual o branco é obviamente, equivalente a “ser humano”. “Mulher” e “negro” são, assim, “marcas” (isto, é termos marcados) em contraste com os termos não-marcados “homem” e “branco” (LACLAU, 1990, p.33 *apud* HALL, 1996, p.110).

Para Avtar Brah (1992, p.143 *apud* HALL, 1996), em seu artigo “Diferença, diversidade e diferenciação”, levanta uma série de importantes questões que esses novos modos de conceber a identidade colocam:

Apesar de Fanon, é ainda necessário trabalhar muito sobre a questão como o “outro” racializado é construído no domínio psíquico. Como se deve analisar a subjetividade pós-colonial em sua relação com o gênero e a raça? O privilegiamento da “diferença sexual” e da primeira infância na psicanálise limita seu valor explicativo para a compreensão das dimensões psíquicas de fenômenos sociais tais como o racismo? De qualquer forma a “diferença sexual” e a ordem social se articulam no processo de formação dos sujeitos? Em outras palavras, de que forma se deve teorizar o vínculo entre a realidade social e a realidade psíquica? (BRAH 1992, p.143 *apud* HALL, 1996).

Assim, a identidade nunca é dada, não é natural, ela é uma construção em eterna transformação, uma identificação, seja ela voluntária ou não, a uma

ampla gama de grupos sociais. Ela se encontra amparada na noção de cultura, quando costumes e ritos compõe uma imaginária similitude entre os indivíduos dentro de uma comunidade tal como se houvesse uma “natureza” ou “substância” comum, que observaria no âmbito físico e espiritual em relação à regularidade dos gestos, comportamentos, da aparência de um equilíbrio simbólico (BALIBAR, 1996).

Estas “ambiguidades”⁴ da identidade como conceitua o autor, reporta a ideia de Bauman (2003), que defende que a construção da identidade é um processo sem fim, passível de experimentação e mudança, de caráter não definitivo, fazendo com que ela seja construída continuamente ao longo da vida.

O processo identitário se mostra como um olhar, uma observação, análise ou domínio o outro e, em um só movimento, compreender a si mesmo como membro de uma comunidade que vem se relacionando e contrapondo para construir o nós. Assim, “quem busca sua identidade fora de si está condenado a viver na ausência de si mesmo, movido pelas opiniões e desejos dos demais, “não estará nem aí”” (MATURANA & REZEPKA, 2003, p.10).

As relações sociais entre os sujeitos são vivenciadas dentro de um contexto de inúmeras diferenças, não apenas no que se refere a sexo, raça e classe, mas também nos valores culturais. Estabelecendo um olhar sobre a etnicidade para além dos traços biológicos. O olhar sobre as diferenças no campo das relações étnicas nos leva a compreender o movimento existente dentro dos grupos étnicos e suas fronteiras étnicas.

Assim, podemos lançar um olhar sobre a grande onda de identidade pensada no início do século XX, olhar latente sobre as *diferenças* produzidas insistentemente por diversos grupos étnicos. A ideia de Igor Renó Machado quando elucida que “o conceito de identidade passou a ser uma ferramenta que dava a possibilidade de pensar as diferenças dentro das diferenças. As pessoas “têm” identidades variadas que são assumidas circunstancialmente” (MACHADO, 2014, p.7).

Tais diferenças são a regulação da vida e é a condição indispensável para que todo ser humano possa desenvolver sua autonomia, compreensão do “eu”, dando lhes subsídios para alcançar a verdade e o caminho para liberdade.

⁴ Conceito dado por Étienne Balibar, em seu caráter mais claro significa mistura de coisas opostas.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva,

A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009, p.76).

Portanto, todas as formas de existir do ser humano estão em constante movimento, a construção das identidades se dá como um grande processo de transformação, como um continuo avanço evolutivo, uma energia móvel em expansão. As modificações são os pontos norteadores dos discursos identitários, uma vez que a identificação são normatizações culturais e linguísticas insuficientes para a construção do “eu”. Estas reconfigurações identitárias é induzida nas pessoas por meio das relações com seus grupos étnicos por meio do qual se dá o aprendizado.

1.2 AS IDENTIDADES CRISTÃS EM UMA SOCIEDADE NÃO CRISTÃ: GÊNERO, HOMOSSEXUALIDADE E SEXUALIDADE

A igreja contemporânea no Ocidente tem enfrentado várias provações no que diz respeito ao pluralismo religioso que vem enfrentado na sociedade pós-cristã. Tal fenômeno se deve, em grande parte, a três fatores: o processo de secularização, o declínio do cristianismo devido o aumento em alternativas religiosas e o desenvolvimento da sociedade pós-moderna. Deste modo, a igreja cristã tem se ocupado com a doutrina bíblica a fim de educar os seres humanos para o “encontro” com Deus.

Segundo Stott (2019, p. 94), “os cristão podem influenciar a sociedade até mesmo quando ela rejeita fortemente a fé cristã”, o que por sua vez, elucida o caráter disciplinador e dogmático da igreja no que diz respeito ao casamento, as práticas sexuais e educação familiar.

As ambiguidades utilizadas neste percurso da pesquisa quando se referem aos cristãos em uma sociedade não cristã aponta a direção que pretendemos levar no decorrer desta pesquisa, cujo foco principal é compreender

a formação identitária dos jovens homossexuais sob os interditos das famílias protestantes.

A igreja possui em sua caracterização inicial um padrão de normatização e imposição das regras sociais para alcance da “salvação” e da graça divina. Assim, seu caráter disciplinador orienta a vida em sociedade, as práticas sexuais, os papéis de homens e mulheres, a regularização do estado-nação e até mesmo a educação e o casamento, apregoando um modelo nuclear de família patriarcal.

Ao estudar a História do Cristianismo ao longo dos séculos, observamos que as diversas mudanças ocorridas no pensamento social não foram o bastante para a mudança do caráter disciplinar da igreja. Desde a igreja primitiva, cujas referências cristãs, estão nas figuras dos Apóstolos Paulo e Pedro, vemos que os papéis de homens e mulheres eram questionadas socialmente, o silenciamento feminino, a admoestação da sexualidade e da criação dos filhos de forma mais rígida.

A regulação social proposta pela igreja tem se difundido até os dias atuais, pois temos vivenciado nos últimos dias uma sociedade marcada pelo medo, pela subordinação e aprisionamento das identidades, de vozes que querem dominar os seus corpos, suas vidas em prol dos seus direitos e liberdade sexual. Assim, ponderamos esta discussão sobre a construção das identidades de jovens homossexuais de famílias cristãs protestantes e a luta contra o silenciamento por parte dos mesmos e da igreja.

O debate que ocorre hoje na igreja e na cultura mais ampla sobre a homossexualidade não é nada menos que feroz. O poderoso instituto do acasalamento religioso sob a óptica humana consiste no discurso do binarismo e o que foge a essa regra é estigmatizado como aberração.

Nas esferas culturais, na política, religião e educação, questões relacionadas à homossexualidade e a pessoa homossexual são onipresentes e objetos de calorosas controvérsias nos discursos. Por um lado, a reivindicação dos direitos sociais e das políticas públicas em prol da comunidade LGBTQIA+ por outro lado a repreensão acalorada da igreja com seus discursos discriminatórios, proibições e exclusões.

O texto de Gêneses 19:1-29⁵ tem sido tradicionalmente considerado a clássica história bíblica sobre a homossexualidade. No entanto, uma vez que ela não trata diretamente de relações homossexuais consensuais, não podemos afirmar que é o texto “referência” para orientação da ética e moral cristã da sociedade pós-moderna. Deste modo, pode-se elucidar que não está ligada a homossexualidade e atribuí-la a outros fatos, como a falta de hospitalidade, o qual era considerado uma falta grave nas sociedades antigas.

A referência à imoralidade sexual nessa passagem bíblica e ambígua (embora provavelmente se refira a atos homossexuais), o panorama apresentado pela passagem bíblica não sugere em parte alguma que os homens tinham consciência de que os visitantes eram anjos ou de que os homens desejavam ter

⁵ Gêneses 19: 1-29 - 1 E chegaram dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro, e inclinou-se com o rosto à terra; 2 E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, na casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavai os vossos pés; e de madrugada vos levantareis, e seguireis vosso caminho. E eles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite. 3 E porfiou com eles muito, e foram com ele, e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete, e assou bolos sem levedura, e comeram. 4 E antes que se deitassem, cercaram a casa os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, desde o moço até o velho; todo o povo de todos os bairros. 5 E chamaram Ló e disseram-lhe: Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os para fora a nós, para que os conheçamos. 6 Então saiu Ló a eles à porta, e fechou a porta atrás de si, 7 E disse: Meus irmãos, rogovos que não façais mal. 8 Eis aqui, duas filhas tenho, que ainda não conheceram homem; deixai-me, rogovos, trazê-las para fora, e fareis delas como for bom aos vossos olhos; somente nada façais a estes homens, porque por isso vieram à sombra do meu telhado. 9 Eles, porém, disseram: Sai daí. Disseram mais: Como estrangeiro este indivíduo veio aqui habitar, e quereria ser juiz em tudo? Agora faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o homem, sobre Ló, e aproximaram-se para arrombar a porta. 10 Aqueles homens, porém, estenderam a sua mão, e fizeram Ló entrar com eles na casa, e fecharam a porta, 11 E feriram de cegueira os homens que estavam à porta da casa, desde o menor até o maior, de maneira que se cansaram à procura da porta. 12 Então disseram aqueles homens a Ló: Tens alguém mais aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens nesta cidade, tira-os para fora deste lugar; 13 Porque nós vamos destruir este lugar, porque o seu clamor aumentou diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou para destruí-lo. 14 Então saiu Ló e falou a seus genros, aos que haviam de casar com as suas filhas, e disse: Levantai-vos, aí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Foi tido, porém, por zombador aos olhos de seus genros. 15 E ao amanhecer os anjos apressaram Ló, dizendo: Levanta-te, toma tua mulher, e tuas duas filhas que aqui estão, para que não pereças na injustiça desta cidade. 16 Ele, porém, demorava-se, e aqueles homens o pegaram pela mão, e pela mão de sua mulher, e pela mão de suas duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso e tiraram-no, e puseram-no fora da cidade. 17 E aconteceu que, tirando-os para fora, disse: Escapa por tua vida; e não olhes para trás de ti, e não pares em toda esta campina; escapa lá para o monte, para que não pereças. 18 E Ló disse-lhe: Assim não, meu Senhor! 19 Eis que agora o teu servo achou graça aos teus olhos, e engrandeceste a tua misericórdia que a mim me fizeste, para guardar a minha alma em vida; e eu não posso escapar para o monte, para que porventura não me apanhe esse mal, e eu morra. 20 Eis que agora está cidade está perto, para fugir para lá, e é pequena; ora, deixa-me escapar para lá (não é pequena?), para que minha alma viva. 21 E disse-lhe: Eis que eu te concedo também esse pedido, de não derrubar essa cidade de que falaste. 22 Apressa-te, escapa para ali; porque nada poderei fazer enquanto não tiveres ali chegado. Por isso se chamou o nome da cidade de Zoar. 23 Saiu o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. 24 Então o Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do Senhor desde os céus; 25 E derrubou aquelas cidades, e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra. 26 E a mulher de Ló olhou para trás dele, e ficou convertida numa estátua de sal. 27 E Abraão levantou-se aquela mesma manhã, de madrugada, e foi para aquele lugar onde estivera diante da face do Senhor; 28 E olhou para Sodoma e Gomorra, e para toda a terra da campina; e viu, e eis que a fumaça da terra subia, como a fumaça de uma fornalha. 29 E aconteceu que, quando destruiu Deus as cidades da campina, Deus se lembrou de Abraão, e tirou Ló do meio da destruição, quando derrubou aquelas cidades em que Ló habitara.

sexo com os anjos, essa interpretação parece forçada. O que se pode notar neste texto é que a liberdade sexual de um grupo sempre gerará a difamação do outro.

Para Allberry (2018), por si só o texto de Gênesis pode parecer uma condenação. Todavia, outras partes do Antigo Testamento acusam Sodoma de pecados bastante diferentes: opressão, adultério, mentira, estímulo ao crime, arrogância, complacência e indiferença para com os pobres. Nenhuma delas menciona a conduta homossexual. Então onde estão as práticas homossexuais na interpretação da literatura bíblica? Será uma forma de controle promovida pela igreja judaico-cristã?

Neste jogo político dos rótulos está à destruição social dos corpos homossexuais, o que deve ser veementemente combatido, porém no acalorado discurso entre homossexualidade e religião não podemos quiçá as questões sobre gênero, sexualidade e políticas de corpos. Mas o que leva uma sociedade enfatizar o domínio de um sexo (biológico) sobre o outro? A elucidar o poder da masculinidade, colocando a mulher num espaço de domínio e submissão? A equiparar a heteronormatividade como sinônimo de grandeza?

Com a ascensão do feminismo nas sociedades ocidentais revelam-se inúmeras mudanças ocorridas nos papéis de homens e mulheres nas últimas décadas. As questões de gênero e sexualidade cruzam as fronteiras, e por isso às vezes torna-se mais difícil combinar a história do gênero com a história mundial, pois a mesma é vista cada vez mais em termos de processos compartilhados. Assim, os valores de gênero são profundamente pessoais, faz parte da identidade pessoal de cada sujeito, sendo eles tão importantes quanto os contatos culturais.

Desta forma, ao se estudar as identidades a partir das diferenças sexuais, esbarraremos nos aportes da cultura que torna o aporte da pré-social e pré-discursivo sobre as diferenças inerentes aos corpos sexuados. Assim, podemos nos debruçar sobre as ponderações da Butler (1999) segundo a qual a diferença sexual pode levar a uma coisificação do gênero, da identidade de gênero e da sexualidade.

Uma vez que a sociedade humana começou na base de pequenos grupos de pessoas, em bandos de caçadores e coletores. Estas organizações sociais foram avançando, o que enfatiza as distintas formas de organizações sociais e culturais dentro de um grupo com seu mundo exterior. A medida em que

elas se desenvolveram, a partir dos contatos e limitações, das trocas culturais, os sistemas de gênero – as relações homem e mulher – definindo papéis e atribuindo “funções” e “padrões” para cada sexo.

Kofes (1994) elucida que o gênero é um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, cujos referentes falam da distinção sexual; quer onde estejam os sujeitos concretos, substantivos, homens e mulheres, quer onde nem mesmo encontremos esses sujeitos.

Assim, com a evolução das organizações sociais a deterioração da figura feminina tornou-se cada vez mais uma tendência em determinadas civilizações, limitando as mulheres de terem direitos agrícolas, possuir bens e o domínio de seu próprio corpo. Este impacto poder simbólico de domínio e poder categorizado ao sexo masculino, deu ao homem a ideia de “superiores”. Assim, culturalmente os sistemas patriarcais enfatizavam a fragilidade das mulheres e sua inferioridade. Insistiam nos deveres domésticos e a restrição das mulheres transitarem em espaços públicos. A atuação nestes espaços, assim como os papéis atléticos, era reservada para a figura masculina.

Costa (1994) pontua que nascemos sozinhos, mas não podemos crescer isolados de outras pessoas. A consciência que temos de pertencer ao gênero masculino ou feminino vem do comportamento de nossos pais, dos familiares e da vida em sociedade. A isso, soma-se a percepção de nosso próprio corpo. É impossível, do ponto de vista social, que alguém cresça sem pertencer ao gênero masculino ou feminino. Pessoas “neutras”, socialmente falando, não existem.

Deste modo, quando gênero se coloca como um conjunto de questões sobre o que ainda não sabemos e quando mulheres são entendidas em si mesmo como uma construção (não os papeis das mulheres, mas ‘mulheres’), então gênero torna-se uma maneira de interrogar as complexas fontes que fazem das mulheres uma “coletividade flutuante” digna de atenção política e acadêmica (SCOTT, 2012).

Nesse sentido, um dos problemas em destacar apenas a construção social é que isso retira o foco central da identidade dos sujeitos e seus papéis sociais junto à coletividade. O fundamentalismo biológico ver o corpo fora das suas relações sociais, como se fosse necessário houver “permissão” para fazer o que está fora da norma. “Enquanto não podemos exatamente separar nossos

corpos de nós mesmos, nós podemos cogitar a ideia de que corpos não são o suficiente para providenciar uma segura definição de identidade, papéis e orientação sexual” (SCOTT, 2012, p.337).

Gênero, enquanto categoria histórica e sociocultural, emerge a necessidade de se questionar esses espaços que definem o comportamento de homens e mulheres baseados no sexo. Bourdieu (2003) nos diz que as mulheres constituem elementos fundamentais na economia de bens simbólicos, onde as disposições que ele chama de *habitus*, não se separam das estruturas que as produzem e reproduzem. Ele enfatiza que,

[...] princípio da inferioridade e da exclusão das mulheres, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capitalismo simbólico, cujo dispositivo central é o mercado do matrimonial, que está na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens (BOURDIEU, 2003, p.55).

Uma vez que as configurações do conceito de *habitus*, elencados por Bourdieu está presente nos modelos educacionais propostos pelas famílias, pela religião, nas formas de reprodução dos valores e no cotidiano dos sujeitos. Nesta permissa, vale ressaltar que as diferenças são construídas na coletividade, e quem infringe as normas, transgredi os corpos.

Segundo Louro (2008), nas últimas décadas houve uma maior compreensão e reconhecimento da pluralidade de gênero e sexual, advinda, mormente, da luta dos movimentos feministas e das nomeadas minorias sexuais, no caso, os grupos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTTI), contestando as normas regulatórias que defendem, por exemplo, a heterossexualidade como legítima e desconsiderando outras possibilidades de desejos afetivos e sexuais.

Assim, a constituição do sujeito na pós-modernidade tange a lente das transgressões e regulações da sociedade ocidental. A homossexualidade neste

viés é uma dessas normas desviantes fortemente enquadradas e classificadas como anormalidades, estando excluído do conceito do padrão ideal de indivíduos, proposto pelo patriarcado. A construção da identidade desses sujeitos passou apontada, criticada, violada em suas formas de representação e de significados.

É evidente, então, que o comportamento genético ou intrauterino no que diz respeito à homossexualidade é indireto e não dominante, pois o comportamento humano é resultado de uma mistura complexa de desejos biologicamente relacionados (desenvolvimento cerebral genético, intrauterino e pós-natal), influências familiares e ambientais, psicologia humana e escolhas repetidas. Qualquer que seja a orientação sexual, ela está longe da predestinação ou do determinismo biológico.

Deste modo, as interpretações do conceito de gênero perpassam o determinismo biológico, vai muito além do SER HOMEM ou SER MULHER, a construção social e histórica dos sujeitos não está atrelada à genitália, mas pautada num viés social de dominação e poder. Segundo Scott (1990), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos e a maneira primordial de significar as relações de poder. Esta mesma autora destaca pilares fundamentais interrelacionados, envoltos nos processos socioculturais do conceito de gênero, destacando a identidade de gênero. Ela enfatiza sobre a necessidade de se examinar os modos como as identidades de gênero são construídas e relacionar esses achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas.

Nem sempre os papéis de gênero assumidos pelo indivíduo estão em consonância com os seus atributos físicos. Estes desempenhos são estabelecidos pela sociedade, existindo assim, uma linha mais ou menos comuns a todos os homens e mulheres, em termos de comportamento. Estes vão acontecer dentro dos aparatos culturais de cada indivíduo, em diferentes épocas e contextos.

Para Costa (1994), no mundo, a maior parte das relações entre as pessoas é de gênero e pouco envolve a sexualidade propriamente dita. Se considerarmos a grande quantidade de papéis que assumimos, o lado sexual só vai se manifestar com uma pessoa que amamos ou desejamos.

Nessas experiências, há um deslocamento entre o corpo e a sexualidade, entre o corpo e subjetividade, entre o corpo e as performances de gênero. Ainda que a binariedade esteja presente como uma matriz de construção do sentidos, negociados para sujeitos que transitam entre o masculino e o feminino, essas experiências negam, ao mesmo tempo, em que os significados que atribuem aos níveis constitutivos de suas identidades sejam determinados pelas diferenças sexuais (BENTO, 2006).

Com a expansão social o conceito de sexualidade foi atrelado ao de gênero e por esse motivo influenciou determinantemente a forma do que deveria ser “homem” ou ser “mulher”, tendo como base o determinismo biológico que condicionam os corpos físicos de ambos os sexos. Butler (2014) elucida que,

Dizer que gênero é uma norma não é exatamente o mesmo que dizer que existem visões normativas de feminilidade e masculinidade, mesmo que tais visões normativas claramente existam. Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume (BUTLER, 2014, p.253).

Scott (1990) propõe que, no seu uso apenas descritivo, gênero é somente um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres, mas não dispõe de força de análise suficiente para propor mudanças nos paradigmas históricos postos. Para a autora, gênero está relacionado as relações de poder.

Portanto, as diferenças que tange o macho e a fêmea nos determinismos biológicos, em especial aos órgãos sexuais, são vistas como justificativas naturais para diferença socialmente construída sobre as desigualdades de gênero. Uma vez que as mulheres tratadas como objetos simbólicos, circulando com a ideia de pouco valor, mesmo que embora os homens são afetados pelas exigências da virilidade, as violências simbólicas são acometidas a todo tempo nas políticas de domínio dos corpos. Conforme Bourdieu (2003),

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante. Este programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as

coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social (BOURDIEU, 2003, p.19-20).

Para o autor, as posições subalternas estão sempre relacionadas ao feminino. O sexo é dado pela natureza e o gênero é construído no campo da cultura pelo processo de socialização. Assim, nas sociedades de classe, as diferenças são tratadas como desigualdades, dentre as quais as questões de gênero têm um importante papel. As intersecções entre gênero raça e classe assumiram uma função de dar voz a sujeitos excluídos, assinalando que as desigualdades de poder se estabelecem a partir dessas relações. Uma vez que a violência simbólica é o conjunto de regras estabelecidas pela sociedade que vai determinar o comportamento, a orientação sexual e os modos de vida de acordo com a estrutura genética da pessoa.

A forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, à diferença da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultado (ou exibido), impõem-se através de atos coletivos de categorização que dão margem as diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. Saffioti (1992, p. 90), enfatiza que “tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais. O gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas”.

Neste contexto, o gênero é expresso através das relações sociais entre os sujeitos o que desta forma nos faz refletir sobre todas as formas de compreensão social, cultural e histórica sobre os corpos, a sexualidade, os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres e os atravessamentos para aqueles que “desviam” das normas. Foucault (1984) evidencia que é no contexto da formação da sociedade burguesa moderna, que o Sexo e a Sexualidade passaram a ser tematizados nas várias especificidades científicas, na medicina, na psiquiatria, na psicologia e na pedagogia, principalmente alocando-se estes sujeitos em campos

da “normalidade” ou da “anormalidade”.

A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, uma construção social, uma ficção coletiva da ordem “heteronormativa”, que se constituiu, aliás, em parte contra o homossexual, e lembrando a diversidade extrema de todos os membros dessa categoria construída, o movimento tende (é uma outra antinomia) a dissolver de certo modo suas próprias bases sociais, aquelas mesmas que ele tem que construir para existir enquanto força social capaz de reverter a ordem simbólica dominante e para dar força à reivindicação de que é portador (BOURDIEU, 2003).

Akotirene (2019) enfatiza que a interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo, e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas que realmente acidentadas pela matriz de opressões. A interseccionalidade dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletivamente construída, por melhores que sejam as intenções de quem se deseja se filiar à marca fenotípica da negritude, neste caso, as estruturas não atravessam tais identidades fora da categoria de Outros.

Ela não é narrativa teórica de excluídos. Grada Kilomba (2018 *apud* AKOTIRENE, 2019, p.30), nos diz que: “as diferenças são sempre relacionais, todas e todos são diferentes uns em relação aos outros”. Desta forma, gênero é um conceito que não pode ser compreendido se não for articulado com a ideia de classe e com as questões étnico-raciais.

Os sujeitos devem ser analisados como singular, que está envolto por uma realidade sociocultural de seu tempo, território, que tem uma história própria, mas que também é um ser coletivo, não podendo ser compreendido de forma isolado.

[...] perfis se constituem social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer que as relações de gênero são elementos constitutivos das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquica que distinguem os sexos e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder. Sendo uma de suas preocupações evitarem as oposições binárias fixas e neutralizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos, relações de poder, conceitos normativos e relações de parentescos econômicos e

políticas (MATOS, 1997, p.97-98).

Neste viés, as elucidações sobre gênero não podem ser vislumbradas de forma isolada, como uma categoria a ser discutida a parte. O próprio poder analítico sobre as políticas identitárias e de corpos necessitam ser analisadas em diferentes contextos, para reconhecer o lugar de fala dos sujeitos, quiçá dentro da raça, classe, geração, escolaridade, religião, profissão, território e dentre outros marcadores sociais. Para Butler (2003),

[...] a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se trona inteligível exige que certos tipos de “identidades” não possam “existir”, isto é, aquelas em que o gênero decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo”, nem do “gênero”. (BUTLER, 2003, p.38-39).

A categoria gênero tornou-se profundamente relevante no estudo das percepções analisadas a partir das discussões sobre identidades e homossexualidade. Nos termos de Scott (2005), os símbolos culturais (religiosos) colocados na vida social evocam múltiplas representações diferentes (e até mesmo contraditórias), formando toda uma simbologia em torno do ser homem e ser mulher. Ou seja, dentro das instituições eclesásticas nas quais se dão as relações sociais dos sujeitos apresentados ao longo dos capítulos, as doutrinas religiosas são responsáveis pela reprodução sistemática, na forma típica de oposição dualista, dos conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos religiosos, categorizando finalmente o masculino e o feminino.

Para Foucault (1999), o sujeito produz-se nas relações de poder como um efeito do discurso. Assim, ele não tem controle sobre o seu discurso, tornando-se sólido a partir dos espaços que o mesmo ocupa, ou seja, ele não faz o que quer, mas aquilo que lhe é permitido dentro do seu grupo. Neste sentido, quando tratamos da homossexualidade é quase impossível conter os discursos distorcidos pela sociedade e especialmente no seio das religiões judaico-cristãs.

É, portanto, diante de discursos frágeis que o ser humano transforma a realidade de grupos minoritários em práticas sociais violentas. Podemos elucidar a ideia do Foucault (1996) chamou de dispositivo da sexualidade, pelo qual a sexualidade seria produzida e regida, assim como o sexo, e disciplinada. Este fato é marcadamente notório nas igrejas quando conduz seu dogmatismo para o

controle da sexualidade e das relações sexuais de seus adeptos como uma relação de domínio e poder sobre outros.

Segundo Foucault (1996, p.96), o dispositivo da sexualidade englobaria “discurso, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo”.

Assim, a sexualidade humana passa a assumir um papel importante no controle social tendo a igreja como uma aliada a dominação e poder sobre a outridade. As relações sexuais são apregoadas pela igreja para acontecerem apenas após o casamento, sendo assim uma forma de controlar os jovens e seus corpos das experiências sexuais e por sua vez evitar as relações entre seus pares e iguais.

Uma vez que a sexualidade humana passa a ser uma forma de controle social e econômico, pois tais aspectos influenciarão no controle da taxa populacional e na manutenção do capital social, passamos a observar que a dominação dos corpos pelo poder eclesiástico está mais atrelada ao viés político-religiosa do que as suas oratórias convencionais de “salvação”.

1.3 FRONTEIRAS SOCIAIS: HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO

Historicamente, os primeiros registros sobre a homossexualidade no Ocidente datam 4500 anos a.C. Ela sempre existiu, em todos os povos e nas mais diferentes camadas sociais. Podemos elucidar, o Batalhão dos Amantes, um exército composto por homossexuais na Grécia Antiga, onde também se destaca figuras como os filósofos Platão e Sócrates; e Alexandre Magno, todos homossexuais. No percurso histórico da homossexualidade não foi dada uma devida atenção ao lesbianismo, pois para os moralistas as relações sexuais entre mulheres não representavam perigo, pois na compreensão de seus discursos com o “homem” está a perpetuação da espécie.

Considerando que os primeiros registros escritos da história da humanidade datam por volta de 5 mil anos antes de Cristo, eis que podemos afirmar que a homossexualidade é tão antiga quanto a história da humanidade (MOTT, 1994). veja este trecho:

“Eu fui criado no evangelho, quem me conhece a muito tempo sabe muito bem, meu nome é Rodrigo Westermann Malafaia, último nome do qual é difícil de me descer na goela. Cresci apanhando e ficando de castigo por tudo, inclusive por estar com sono as 7 da manhã e não querer ir na igreja. Ok, serviu como disciplina, me considero uma pessoa bem disciplinada. Mas esse suposto cuidado de vocês poderia ter me levado a tantos lugares ou mesmo me tirado a vida. Com 13 anos entrei em coma alcoólico por 2 dias depois de inúmeras doses de insulina acordei do nada, um milagre de um Deus que me ama como eu sou, é claro, segui bebendo e muito e sim eu tinha apenas 13 anos. Prometi mil vezes mudar, arrumei namoradas de mentira, fugi de casa, apanhei mais muitas vezes. Mas um Deus (longe do Deus vocês pregam) me tirou dessa vida hipócrita, mentirosa e cheia de preconceito e ódio. E acreditem esse meio evangélico é muito pesado, não é só o mundo como é pregado. Eu sozinho me forcei a parar de achar todo mundo errado, menor, endemoniado, ou qualquer coisa do tipo. A igreja pregou todos os preconceitos a mim, com ódio. Assim como meu parente vive pregando, o qual não preciso nomear. Eu sou muito abençoado de ter saído disso sozinho, ou melhor, por Deus. A minha conexão com Deus é muito maior do que vocês ditam. Passei por depressão, perdi o maior amor da minha vida, sofri um relacionamento abusivo, fui ameaçado de morte, sobrevivi, depois de me sentir seguro e melhor tive crises de ansiedades bem fortes que poderiam ter me levado a morte, e é isso mesmo a morte. E nunca duvidei ou me revolttei com ele. Mas ninguém da minha família estava lá, ninguém soube (além do meu irmão que eu pedi ajuda) e da minha mãe que cuida de mim todos os dias. A religião cega vocês e o amor que vocês pregam é infelizmente falso. Isso não é amor. E graças a Deus, eu tenho muito amor em mim e ao meu redor. Eu vou casar com a pessoa que mais cuida de mim e me faz feliz na vida e não recebi um legal de ninguém da minha família. Quer saber? Com toda educação: foda-se sua crença”.⁶

O fragmento acima traz um breve relato do jovem Rodrigo Westermann Malafaia, que traz em sua história de vida as marcas da repressão, doutrinação e exclusão. A dor social provocada pelas rupturas dos laços familiares é frequente na vida de jovens homossexuais, pois o modelo cisheteronormativo e patriarcal tende a persistir em meio a nossa sociedade. Os artefatos da pós-modernidade ainda não conseguiram romper com esses estigmas nas relações interpessoais, a negação dos laços afetivos familiares. Neste tocante podemos nos amparar nos que nos diz Bauman (2004, p.71):

⁶ Texto testemunho de Rodrigo Westermann Malafaia em sua conta no Instagram, disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pipocando/gay-sobrinho-neto-de-malafaia-desabafa-sobre-religiao-cega-voces>. Acesso em 11/04/2021.

“Amar o próximo como a si mesmo” coloca o amor-próprio como um dado indiscutível, como algo que sempre esteve ali. O amor-próprio é uma questão de sobrevivência, e a sobrevivência não precisa de mandamentos, já outras criaturas (não-humanas) passam muito bem sem eles, obrigado. Amar o próximo como se ama a si mesmo torna a sobrevivência humana diferente daquela de qualquer outra criatura viva. Sem a extensão/transcendência do amor-próprio, o prolongamento da vida física, corpórea, ainda não é, por si mesmo, uma sobrevivência humana – não é o tipo de sobrevivência que separa os seres humanos das feras (e, não se esqueçam dos anjos). O preceito do amor ao próximo desafia e interpela os instintos estabelecidos pela natureza, mas também o significado da sobrevivência por ela instituído, assim como o amor-próprio que o protege.

A sexualidade humana manifesta-se através dos padrões culturais historicamente construídos e determinados, sendo que a sociedade se incumbem de reforça-los. Ao longo da nossa história, a sexualidade pôde ser vivida e experimentada por culturas e períodos de abertura sexual, intercalados por outros momentos de recato e de privações sexuais (FOUCAULT, 1984).

A passagem do século XX para o XXI foi marcada pelo desenvolvimento de duas tendências, a princípio paradoxais, envolvendo as esferas religiosas e jurídicas das sociedades ocidentais. Este acalorado debate implicam uma multiplicidade de questões que elucidam o desejo da liberdade sexual entre gays e lésbicas e seus direitos sexuais.

De acordo com a história o domínio judaico-cristão sobre o Estado é determinante para o pensamento social. É importante lembrar que o poder regulador da religião não age apenas sobre o sujeito pré-existente, mas também delimita como esse sujeito interage com o mundo a sua volta e quais condutas ele deve seguir, ou seja, a sua submissão às normas imposta pelo outro.

A discussão acerca da homossexualidade dentro do contexto cristão protestante não é algo fácil, pois os discursos dos sujeitos que permeiam neste espaço são doutrinários, sobrecarregado de dogmatismos religiosos. Compreender o contexto familiar cristão nos requer uma longa jornada sobre estudos hermenêuticos bíblicos e da história das religiões.

Seguindo as nuances de Weber e Gauchet, Hervieu-Leger (2005, p.38,60-61) afirma que as religiões vêm continuamente perdendo a capacidade de fornecer aos atores individuais e coletivos das sociedades ocidentais “o conjunto

de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar sentido à vida e às suas experiências”. Ou seja, os laços sociais e a organização política nas sociedades laicizadas não são mais definidos pelo religioso, e “um ecumenismo de valores, no qual o ideal de fraternidade entre os homens absorve e dilui toda referência à transcendência, parece estar em vias de se impor através de uma moral geralmente aceita dos direitos humanos”.

A igreja cristã protestante a qual nos debouçaremos neste estudo, surge em meados do século XVI com a Reforma Protestante, esta que por sua vez, se deu devido ao inconformismo do padre Martin Lutero sobre as práticas adotadas pela igreja católica. Sim, mas se o fundamento do protestantismo está em não aceitar as velhas práticas de exclusão e condenação dos adeptos, como este mesmo contexto religioso condena, exclui, amaldiçoa os filhos de seus pelas suas práticas?

Conforme Mott (2001), a homofobia judaico-cristã tornou-se ainda mais violenta nos nossos em nosso país, devido ao escravismo colonial, na medida em que os ‘efeminados’ eram vistos e tratados como perigosa ameaça à hegemonia do macho branco e a continuidade do projeto do colonizador do Novo Mundo. Uma revolução positiva se faz necessário, pensar sobre as práticas discriminatórias e de exclusão que permeiam em nossa sociedade, repensar o projeto civilizatório, a fim de reduzir as taxas de violência, tragédias e mortes da população LGBTQI+.

Tudo parece ter começado a mudar nos últimos anos e as revisões profundas pelas quais estão passando os discursos e as práticas identitárias deixam no ar a dúvida sobre a concepção hegemônica da modernidade que se equivocou na identificação das tendências dos processos sociais, ou se tais tendências se inverteram totalmente em tempos recentes, ou ainda sobre se está perante uma inversão de tendências ou, antes, perante cruzamentos múltiplos de tendências opostas sem que seja possível identificar os vetores mais potentes.

Como Giddens (1991), numa situação de pluralização institucional, as identidades religiosas são permanentemente confrontadas com as identidades e os discursos dos diferentes atores coletivos que atuam na esfera pública, exigindo um reposicionamento de estruturas eclesiais e grupos confessionais. Ou seja, as transformações ocorridas nos dois últimos séculos na ordem social ocidental colocaram em xeque os discursos já cristalizados, exigindo a reinterpretação

criativa e a adequação da tradição ao contexto contemporâneo.

Na produção das novas identidades, a colonialidade do novo padrão de poder foi, sem dúvida, uma das mais ativas determinações. A influência do religião judaico-cristã implicou em um longo processo de colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentidos aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (QUIJANO, 2005).

O autor assegura que o conceito de colonialidade refere-se às condições de estabelecimento do sistema capitalista como modo operante das relações de poder na modernidade, que atuam mediante a “imposição de uma classificação étnico-racial da produção de mundo”. Deste modo, o capitalismo opera subsidiando um paradigma completamente novo de império, classifica socialmente os sujeitos mediante seus papéis e aspectos culturais, exercendo o domínio dos subalternizados pelo colonialismo, o que implica em um árduo processo de descolonização intelectual dos fatores operantes do colonialismo.

Essa instância histórica expressou-se numa operação mental de fundamental importância para todo o padrão mundial, para as organizações da sociedade e a determinação das relações intersubjetivas, com um conjunto de elementos reguladores de raça, classe, gênero e sexualidade.

A Butler (2014) enfatiza que a norma governa a inteligibilidade social da ação, mas não é o mesmo que a ação que ela governa, pois, a norma parece ser indiferente às ações [...]. A norma governa a inteligibilidade, permitindo que determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de legibilidade sobre o social e definindo parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio social.

A questão acerca do que será excluído da norma estabelece um paradoxo, pois normatiza esse campo para nós, então estar fora da norma é continuar, em certo sentido, a ser definido em relação a ela. Para a autora não ser totalmente masculino ou não ser totalmente feminina é continuar sendo entendido exclusivamente em termos de uma relação à “totalmente masculino” e “totalmente feminino”.

Esta característica muito peculiar da contemporaneidade nos remete as confissões sobre o ativismo religioso e um amplo conflito sobre a importância dos direitos humanos, uma vez que a preocupação da esfera religiosa sobre os

direitos humanos concentra-se no cenário político e econômico, nos interesses do Estado. Tais aspectos nos faz refletir sobre as encruzilhadas eruditas sobre as questões de gênero e a religião, de certo que as tensões existentes entre as esferas públicas e privadas acaloraram a modernização dos costumes, perpassando pelas instituições religiosas de modo cada vez mais dogmático.

O embate entre a religião e os direitos humanos sempre foram apontados pelos movimentos feministas, denunciando o papel das instituições religiosas como reguladoras das normas, estereótipos e legitimadoras das desigualdades entre homens, mulheres, gays e lésbicas.

As ONGs relatam que no Brasil a cada 16 horas um LGBTQI+ é assassinado em virtude dos crimes de homofobia, fruto de uma construção histórico-social, de um modelo de heteronormatividade regulatória. Esse cenário aponta para os estudos acerca de compreender do poder da igreja sobre as famílias e sociedade, exercendo um papel dominador sobre os corpos, a política e a economia.

Para Natividade (2010) a preocupação política com a homofobia de algumas tradições religiosas motivou o início de um debate no qual se afirmava a necessidade de reconhecimento da igualdade de homossexuais e heterossexuais. Assim, o debate chaga a esfera privada da família, sendo possível compreender a percepção sociológica da sociedade, difundindo a sexualidade ao papel de reprodução das espécies, a continuação da espécie humana.

O desenvolvimento da sociedade contemporânea consiste em seguir as regras, mas com certa flexibilidade, o que difunde do dogmatismo imposto pela igreja cristã. Voltemos a análise da sociedade holística, as normas ligadas a religião assumem a forma de mando, assim um interdito, uma sanção, uma desobediência ao que é proposto por esses princípios fogem a regra, sendo a homossexualidade um desses 'desvio' das normas.

Segundo Mott (2001) os homossexuais – mais do sexo masculino do que as lésbicas – foram condenadas a diferentes penas de morte: apedrejados, segundo a Lei Judaica, decapitados, por ordem de Constantino em 324 d.C; enforcados, afogados ou queimados nas fogueiras da Inquisição, durante a Idade Média e até os tempos modernos; despedaçados na boca de um canhão, como se registrou no Maranhão colonial; queimados pelos nazistas nos campos de concentração. Hoje, no Brasil, a cada dois dias, um gay, travesti, transexual ou

lésbica é assassinado, vítima da homofobia – o ódio à homossexualidade, fazendo de nosso país o campeão mundial de crimes homofóbicos.

A igreja evangélica brasileira legitima a difusão de um discurso religioso que reforça as instituições (família, escola, estado) e práticas sociais que colaboram para a manutenção de uma hierarquização da sociedade, exercendo o seu poder performativo na construção das identidades, na compreensão e no enquadramento dos modos de vida na contemporaneidade.

O discurso religioso é capaz de criar formas e práticas de consentimentos pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. Ou seja, ao transformar uma experiência particular em pretensamente universal, inferioriza-se qualquer outra possibilidade de experiência social (BOURDIEU, 2003). Evidentemente, as instituições religiosas tomam o corpo masculino como medida de todas as coisas, reforçando a domesticação das mulheres, bem como se envolvendo nas práticas de vários agentes, bem como a atuação de importantes agências sociais, por como é o caso da família.

Analisando a pedagogia sexual do protestantismo brasileiro, Gomes (2006) chama atenção para a necessidade de se estudarem as representações sobre o corpo e a sexualidade humana nas distintas doutrinas que compõem esse universo, uma vez que as origens históricas e as matrizes teológicas dos grupos religiosos nem sempre são as mesmas. Para Foucault (2004), a produção da verdade interior consiste como um elemento fundamental no exercício do pastorado, de modo que,

É pela constituição de uma subjetividade, de uma consciência de si perpetuamente alertada sobre suas próprias fraquezas [...], que o cristianismo conseguiu fazer funcionar essa moral, no fundo mediana, comum, relativamente pouco interessante, entre o ascetismo e a sociedade civil. Creio que a técnica de interiorização, a técnica de tomada de consciência, a técnica de despertar de si sobre si mesmo em relação às suas fraquezas, ao seu corpo, à sua sexualidade, à sua carne foi a contribuição essencial do cristianismo à história da sexualidade (FOUCAULT, 2004, p.70).

Se as instituições em geral violam os direitos, como elas permanecem exercendo seu poder normativo até os dias atuais? Somos sujeitos regulados pelo

viés ideológico (econômico) de um agente social, uma vez que como reguladora das ações do Estado, ela tenta exercer sobre os corpos o poder neutralizador, aprisionando-o em seus dogmas. Trata-se de discutir o inconsciente histórico nas relações sociais, nas relações de poder, interferindo na construção das identidades dos sujeitos.

A deflagração deste conceito de naturalização do discurso de gênero pelo viés religioso é uma questão provocativa na contemporaneidade. A identidade sexual dos indivíduos poderá ser estabelecida apenas com a operação dos cromossomos? A orientação sexual é outra uma questão?

Na história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos a linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças (FOUCAULT, 1999).

Para Foucault (1999) o sexo não é essa parte do corpo que a burguesia teve que desqualificar ou anular para pôr para trabalhar os que ela dominava. É, ao contrário, esse elemento dela mesma que a inquietou e preocupou mais do que qualquer outro, que solicitou e obteve seus cuidados e que ela cultivou com uma mistura de terror, curiosidade, deleitação e febre.

As marcas indissociáveis da colonialidade simplesmente não abandonaram os povos colonizados, tão poucos foram esquecidos ou deixados de ser praticada, ela penetrou incontestavelmente um emaranhado de vozes contra a hegemonia política, econômica e cultural, fruto do neocolonialismo. Frantz Fanon (2008) demonstra que o colonialismo não está baseado somente no período bélico e econômico das nações europeias, mas principalmente na diferença de raça. Fanon (2008) elucida que:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio no qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua

originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da noção civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p.34).

Portanto, ao considerar tal perspectiva teórica, torna-se mais fácil compreender a primazia de que as normas elaboradas no contexto social pretendem elaborar sujeitos subalternos a dominação do Estado, e que o sentido importante da regulação é que as pessoas operem sob narrativas históricas situacionais. Assim, o estado de natureza da sociedade torna-se visivelmente desumanizado, ausente da socialização, das relações “Eu” e outro, e das transmissões culturais.

Segundo Bendix (1986 *apud* MACHADO & PICCOLO, 2010, p. 41), na sociologia de Weber “o judaísmo e o cristianismo são tipificados por um ascetismo religioso ativo, pela ideia de uma ação ética positiva sob orientação divina. O homem é simplesmente um instrumento nas mãos de Deus e deve, portanto, estar constantemente consciente de que suas ações estão entre os meios pelos quais Deus realiza seus desígnios. A partir desse ponto de vista, o mundo é uma fonte de tentações; todas as satisfações sensuais levam ao afastamento de Deus”.

Assim, as discussões acerca da homossexualidade no contexto do protestantismo brasileiro perpassam os mecanismos impostos pela heteronormatividade. A concepção de identidade sexual defendida pela igreja é altamente biológica, ou seja, o sexo dos indivíduos é definido pelo caráter da “Criação”, homem e mulher. Portanto, a sociologia das religiões proposta por Weber implica que as dualidades entre as éticas religiosas e a racionalização social e a sexualidade, impõe o ascetismo religioso como ativo que se confronta com o erotismo e faz da abstinência sexual um domínio de si mesmo, numa relação casuística, e não racional, metódica, orientada para um fim.

2 CAPÍTULO II – CAMINHOS METODOLÓGICOS E A PESQUISA “IN LÓCUS”: DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS - JAGUAQUARA/BAHIA

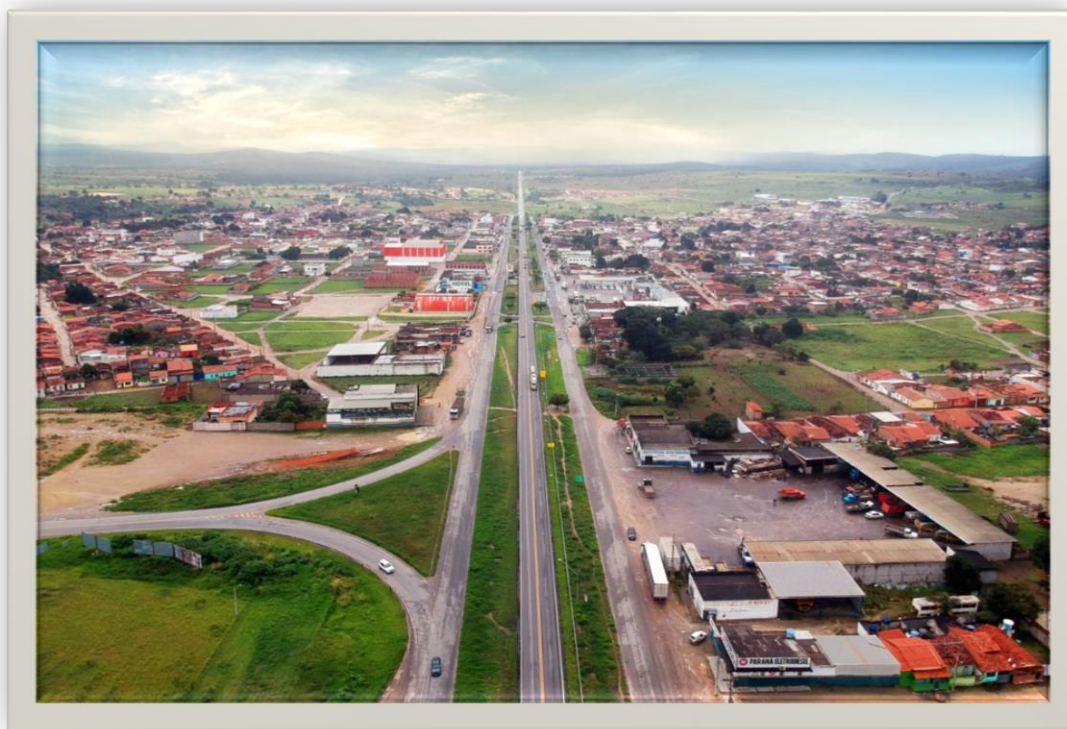


IMAGEM 2⁷

O mundo social pode ser objeto de três modos de conhecimento teórico que implicam, em cada caso, um conjunto de teses antropológicas, frequentemente tácitas, e que apesar de não serem de forma alguma exclusivos, ao menos em direito, só têm em comum o fato de se oporem ao modo de conhecimento prático. O conhecimento que chamaremos de fenomenológico [...] explicita a verdade da experiência primeira do mundo social [...] O conhecimento que podemos chamar objetivista [...] constrói relações objetivas [...] que estruturam as práticas e as representações das práticas (BOURDIEU, 2018, p.58).

Durante minha trajetória pessoal e acadêmica convivi com amigos e alunos que relataram suas experiências familiares e religiosas. No chão da igreja as mais diversas experiências aconteceram. Ser confidente dos jovens e adolescentes sobre suas aspirações pessoais, relacionamentos com outros pares, crises identitárias por orientação sexual me causava certa inquietação, pois de um

⁷ Imagem disponível em: <https://www.jaguaquara.ba.gov.br/album/16/jaguaquara-entroncamento-km-43-stela-dubois>. Acesso Setembro de 2021.

lado estavam eles e do outro os familiares que levantavam situações de enfretamento para com os mesmos e uma busca desenfreada por uma cura divina do comportamento fora dos ensinamentos de sua religião.

O sentimento de “fracasso” era expresso pelas mães, que nos momentos de reuniões de mulheres externavam suas angústias sobre os filhos e os problemas familiares. Mulheres estas que não conseguiam conceber a hipótese de seus/as filhos/as terem uma orientação sexual que vai contra “deus”.

Uma vez que as questões identitárias estão sendo amplamente discutidas na atualidade, as elucidações fomentadas nesta pesquisa refletem sobre de que maneira os interditos das famílias cristãs protestantes tem interferido na construção das identidades étnicas dos filhos homossexuais? Elencando as acepções das mesmas sobre a orientação sexual dos filhos, atribuindo-lhes muitas vezes uma patologia em decorrência a homossexualidade, submetendo estes jovens a “tratamentos” como se essas identidades pudessem ser reformuladas, reinventadas, numa perspectiva de “cura gay”.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar, sob a óptica das relações étnicas, de que maneira os interditos das famílias cristãs têm interferido na construção das identidades dos filhos homossexuais.

Neste propósito, busca-se analisar o funcionamento das famílias contemporâneas a uma nova concepção dos indivíduos em relação a outros grupos de pertencimento e, particularmente, em relação à família e à identidade de gênero e seus conflitos entrelaçados entre modelos educacionais e igreja. Há de se perceber que mesmo em meio a tantas mudanças sociais, o dogmatismo religioso predomina nas famílias tradicionais, sendo estas educadas e moldadas nos princípios religiosos judaico-cristãos, nos quais o modelo de família religiosa é predominante. Em contraponto a estes princípios, as famílias perpassam por sucessivas mudanças quanto à orientação sexual dos filhos, uma vez que no seio desta instituição nuclear, surge a homossexualidade. Para uns, a ideia de “cura gay” é forte.

O modelo de família nuclear, assim com a análise das famílias reinventadas, a caracterização de conceitos de patologia “gay” e a relação desses jovens com suas famílias, além do sentimento de “falha” exasperado pelas mães no que se refere à orientação sexual dos filhos homossexuais, geraram e geram

questionamentos fomentando o desejo da pesquisa acadêmica em torno da temática “Cura Gay!”.

Partindo deste princípio, a etnicidade vem subsidiando o cunho teórico desta pesquisa no intuito de descrever as identidades étnicas e as ambiguidades entre famílias cristãs e filhos homossexuais; compreender as identidades entre lutas e resiliências de grupos; elucidar os tipos de famílias e suas aceções sobre a temática.

Nesse viés, a temática tem como motivação pessoal a identidade étnica da pesquisadora no sentido de que, a partir das narrações dos jovens crescidos em famílias cristãs foi possível fazer uma releitura acerca das identidades construídas no seio desses grupos: jovens, família e igreja, onde os conflitos existentes em torno da temática e as mais divergentes opiniões quanto à orientação sexual e, enquanto professora, pude lidar com crises de alunos em relação a essas questões, entre o modelo imposto pela família e a identidade de gênero.

Atualmente, as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis e de acordo com Hall (1998), as implicações sempre transitórias e prófugas de processos de identificação, tornando mais consistentes, como a de mulher, homem, que estão em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações sexuais que de uma época para outra, tem dado corpo e vida às identidades, que são, pois, identificações em curso que sofrem sucessivas (re)construções entre contextos..

As identidades étnicas desses jovens homossexuais são construídas entre os interditos das famílias cristãs e o desejo de afirmar sua orientação sexual. Uma vez que a questão da identidade está sendo extremamente discutida na teoria social, o argumento vale-se da ideia que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”, fazendo surgir novas identidades e o indivíduo moderno está em invisibilidade e conflito (HALL, 2006, p.7).

Conforme este mesmo autor, a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança e movimento que está deslocando as estruturas e processos centrais são deslocados, abalando os quadros de referência que até então dão aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Essas mudanças estruturais, para Hall (1998), estão em transformação na sociedade atual que está se fragmentando com as novas construções culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Tais transformações estão também mudando as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de que os próprios sujeitos são integrados gerando a perda de um “sentido de si” estável, é chamada algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito, pois no passado, eram fornecidas sólidas localizações, atualmente não mais.

A ideia pensada por Hall (1998, p. 13), ao postular seu conceito de “identidade marcadamente não fixa, unificada e estável ao dizer que o sujeito assume identidades distintas em diferentes momentos, já que elas são unificadas ao redor de um “eu” coerente, porém em movimento”. Dentro de cada sujeito há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que essas identificações podem ser continuamente deslocadas.

Este mesmo autor observa que tais concepções remetem ao fato de que não existe uma identidade prévia, inata, mas processos de identificação que vão se construindo ao longo da existência. Tais processos são influenciados pelos diversos atravessamentos que constituem os sujeitos - classe social, raça, etnia, religião, gênero, etc. e estes estarem sempre em formação, à identidade caracteriza-se pela incompletude.

Desta forma, em análise aos processos atributivos e designativos da identidade, Poutignat e Streiff-Fenart (1998), mencionam que a mesma consiste em “examinar as modalidades segundo as quais uma visão de mundo 'étnica' é tornada pertinente para os atores”. Sendo assim, a identidade étnica está fundamentada em uma concepção de si, fruto de uma ação circunstancial, pois uma sociedade e seus membros sobrevivem de uma maneira culturalmente marcada em um mundo significante.

Para Bourdieu (1989, p.387) “a educação é uma estratégia entre uma série delas utilizadas pelas famílias para perpetuar ou avançar sua posição social (as outras envolviam fertilidade – garantir um herdeiro, e a herança – garantir que as leis beneficiem a transmissão de propriedade; assim como estratégias puramente econômicas como investimento financeiro e o investimento na construção de redes sociais vantajosas)”. A educação como capital simbólico trabalhava em conjunto com outros capitais para oferecer vantagens e desvantagens, e para posicionar agentes em múltiplos campos.

Conforme o autor o indivíduo é levado a compreender os modos de formação da mobilidade social e os indivíduos que permeiam nestes espaços educacionais, culturais e religiosos, fazendo uma análise sobre os modos em que os sistemas educacionais e familiares operam na regulação social.

Nos relatos, as concepções sobre a homossexualidade dos filhos advindos de famílias cristãs, nas explicações de “vergonha”, “decepção”, “medo” e “preconceito” dos pais, dos amigos e da sociedade, sendo muitas vezes intitulado como “doentes”, pela orientação sexual. Jovens sendo tratados como se estivessem com uma patologia a ser medicada, ou seja, a ser moldada, reformulada ou reinventada.

Por outro lado, atualmente, a educação familiar se transformou, depreciando a obediência e valorizando a iniciativa, a autonomia e a satisfação pessoal. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas, e sustentado também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como "política de identidades" (STUART HALL, 1997 *apud* LOURO, 2000, p.4).

Por outro lado, jovens experimentam, mais cedo, a maternidade e a paternidade; uniões afetivas e sexuais estáveis entre sujeitos do mesmo sexo se tornam crescentemente visíveis e rotineiras; arranjos familiares se multiplicam e se modificam [...]. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto.

Partindo da discussão sobre identidade de gênero, Modesto (2011) enfoca que o conceito de homossexualidade que se adota insere no contexto da diversidade sexual humana. Os jovens confusos, com depressão ou autoestima muito baixa, falam em suicídio, e muitos internalizam a noção de que deveriam sentir-se atraídos pelo gênero contrário ao deles, e isso não acontece.

Embora se façam, no mundo inteiro, tantas pesquisas a seu respeito, a sexualidade humana continua sendo um mistério. Atualmente, os pesquisadores não têm dados seguros que comprovam o motivo pelo qual a maioria das pessoas

é heterossexual, mas há pessoas que são homossexuais. Foi confirmado, contudo, por instituições internacionais e nacionais, que a homossexualidade não é uma doença. O discurso médico teve um importante papel na formação do conceito de homossexualidade. Com o passar do tempo, as relações entre pessoas do mesmo sexo, foi sendo discutida entre diversos campos do saber, principalmente pelas Ciências Sociais.

Fray e Macrae (1991) explicam que em 1870, o texto “As Sensações Sexuais Contrárias”, de Westphal, definiu a homossexualidade em termos psiquiátricos como desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino. Os médicos também reivindicavam o seu direito de falar sobre a sexualidade, transformando a homossexualidade em “crime” e “pecado” em “doença”.

Foucault (1984, p.43) afirma que “as transformações ocorridas durante o século XVIII e XIX construíram um novo discurso sobre o sexo e também sobre os indivíduos, dissecando e especificando práticas, desvios, doenças e seus sujeitos”.

Tais afirmações elencava o discurso da homossexualidade categorizada como doença, para segregar homossexuais nos sanatórios e outras instituições psiquiátricas, bem como para “experimentos científicos” de “cura”. “A medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou' mental, originada das práticas sexuais 'incompletas'; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao 'desenvolvimento' e às 'perturbações' do instinto; empreendeu a gestão de todos eles” (FOUCAULT, 1996, p.41).

As políticas higienistas ganham força em muitos lares no Brasil, as altas taxas de mortalidade conduziam os discursos que a homossexualidade feria a conduta moral. Somente no século XX surge o termo “homossexualismo” para determinar as relações entre pessoas do mesmo sexo. A apropriação desta nomenclatura ganha solidez, reforçando a prática como uma “doença” a ser tratada. Esta concepção vigorou até a década de 80, quando a Organização Mundial de Saúde, finalmente retira o termo “homossexualismo” da lista de fatalidades patológicas.

Essa medida foi um grande avanço para os movimentos feministas e LGBT, pois a luta contra as discriminações e violências contra gays e lésbicas ganhavam força no cenário nacional e internacional. Desde 1973, a

homossexualidade já havia deixado de ser classificada como tal pela Associação Americana de Psiquiatria.

Na década de 90 a Organização Mundial de Saúde (OMS), retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais, constituindo que a homossexualidade não faz parte da lista de distúrbios e nem perversões, e que psicólogos não colaboraria com “tratamentos” e “cura”. Porém, apesar das recomendações do Conselho Federal de Medicina e de Psicologia no Brasil, há ainda profissionais que categorizam a homossexualidade como “doença”, “desvio de conduta”, dedicando-se a “conversão” dos mesmos.

No Brasil, em agosto de 2003, um projeto⁸ em tramitação na Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro chamou a atenção da opinião pública e desdobrou-se em delicada controvérsia sobre a possibilidade de mudança da orientação sexual dos homossexuais. Segundo Ferrari, Lopes & Castro (2017 *apud* MISKOLCI, 2012), essa produção da homossexualidade como doença, embora tenha sido contestada por diferentes grupos sociais, ainda se faz presente como discurso, colocando essa expressão da sexualidade como uma pátria desviante e fortalecendo a ordem social e regulatória heteronormativa, na qual a heterossexualidade é concebida como a forma natural, correta e esperada de se relacionar amorosa e sexualmente, ou seja, um modelo inquestionável.

Assegurados pelo discurso religioso da possibilidade de “transformação” dos “ex-homossexuais”, enunciada pelos ministérios pastorais, a fala dos religiosos ganham um novo e acalorado folego cenário político brasileiro em 2017 com as eleições presidenciais e a elucidação sobre a “defesa de Deus, Pátria e a Família”⁹.

Freud (1995) acredita que a sexualidade ocorre nas crianças quase desde o seu nascimento, e que a prática sexual entre os adultos pode ser bem mais livre do que supunham os teóricos moralistas do começo do século. O autor traz ao mundo ocidental uma teoria de cunho psicanalista com aspectos antropológicos da família e da sociedade fundada em dois elementos importantes: a culpa e a lei moral.

⁸Projeto de Lei 717/2003, de autoria do deputado religioso Édino Fonseca, apresentado a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em 27 de agosto de 2003. Apesar de receber parecer positivo, em dezembro de 2004 foi rejeitado.

⁹ Lema da campanha do Presidente Jair Bolsonaro eleito em 2018.

A concepção freudiana, segundo a qual “as condições da liberdade subjetiva e o exercício do desejo supõem sempre um conflito entre o um e o múltiplo, entre a autoridade e a contestação da autoridade, entre o universal e a diferença, mas que nunca se com o gozo pulsional ilimitado tais como o veem em prática, por exemplo, no crime, na crueldade, ou na negação sistemática de todas as formas do *logos* separador ou da ordem simbólica” (ROUDINESCO, 1944, p. 41).

Diante dos dados supracitados, o marco teórico desta pesquisa se subsidiará em torno das categorias de análises: identidade ética, cultura/religião, família e homossexualidade – o que fomentará as discussões da linha de pesquisa Etnias, Gênero e Diversidade Sexual.

As categorias foram discutidas em uma perspectiva interseccional, pois ela nos permite “enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias [...]. A interseccionalidade é uma sensibilidade analítica, uma forma de pensar sobre identidade e a sua relação com o poder, não apenas a partir deste viés, mas sim sobre instituições que usam a mesma como exclusão ou privilégios” (CRENSHAW, 2015, p.14).

O aporte teórico que subsidia e está subjacente a essa pesquisa é o Pierre Bourdieu que com seus estudos sempre exigiu um tipo de pensamento dialético, o potencial de suas ideias sobre o funcionamento social é ao mesmo tempo inspirador e intimidante.

As discussões a cerca da categoria Identidade Étnica nos debruçamos sobre o aporte teórico de Poutignat & Férvat (1998), Hall (1998), Athias (2007), Oliveira (2006), Balibar (1990), Santos (1994), Cunha (2009) e Silva (2003), os critérios para escolha destes autores se deu pela amplitude de suas pesquisas no campo das Relações Étnicas, não se trata de apresentar um estudo amplo e minucioso sobre a ideia de identidade étnica, mas de tentar aproximar o discurso políticos das ciências sociais.

Para a categoria Cultura/Religião subsidiaremos nos estudos de autores como Guatarri (1974), Laraia (2001), Sodré (2005), a religião é um ponto importe nesta pesquisa, a escolha dos autores se dar a partir das necessidades de compreender como nossas ações estão impregnadas de *habitus*¹⁰, com a

¹⁰ Bourdieu (2018, p.73)

função de transcender uma série de dicotomias profundamente enraizadas que moldam os modos de pensar o mundo social. Assim, a cultura religiosa de um determinado coletivo de pessoas necessita ser observado para que possamos tecer as suas contribuições no campo das ciências sociais.

Nas discussões acerca de Gênero e Sexualidade/ Homossexualidade embasa-se nos autores Freud (1995), Modesto (2011), Lacan (1988), Fry (1985), Natividade (2006) e Miskolci (2012), os estudos dos autores acima descrevem sobre as tensões existentes nas ciências sociais em relação aos corpos transgressores, a orientação e identidade sexual dos indivíduos, onde a ideia reguladora é sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

As definições e elucidações acerca do conceito de Famílias é subsidiado em Roudinesco (2003), Donati (2008), Sarti (1994) e Singly (2000), uma vez que o ponto central desta pesquisa é analisar sobre os papéis da família cristã protestante na educação dos filhos. A família ultrapassa os limites da casa, envolvendo a rede de parentesco mais ampla, sobretudo quando se frustram as expectativas de se ter uma casa e realizar papéis masculinos e femininos. O funcionamento interno das famílias se transformou, abrindo espaços para a expressão pessoal e para a autonomia de cada um de seus membros, novo quadro de vida familiar foi progressivamente sendo reelaborado.

A pesquisa lançou mão de diferentes abordagens metodológicas, bem como distintas técnicas de construção dos dados. Utilizamos a abordagem qualitativa para realização de entrevistas com participantes, uma vez que ela não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Em um estudo é preciso encontrar um ou mais indivíduos para estudar, indivíduos esses que sejam acessíveis, dispostos a dar informações peculiares quanto às suas relações ou seus costumes, ou que lancem luz sobre um fenômeno específico ou questão a ser explorada (CRESWELL, 2014).

Neste viés os sujeitos da pesquisa foram os jovens homossexuais que convivem sob os interditos da religião cristã, especificamente a protestante, analisando a dinâmica dos sujeitos sobre a ideia de “cura gay”. Pois para o autor, “o mais importante é que eles tenham experimentado o fenômeno que está sendo explorado e possam articular as experiências vividas” (CRESWELL, 2014, p.123).

A importância de usar maneiras diferentes (ou fontes distintas) na construção dos dados é o caráter de contraponto que as informações obtidas

assumem em situações diversas. Isso contribui para a apreensão de diferentes visões e versões sobre os fatos, visto que estes são apresentados contextualmente, e para se atentar em como se arranjam idiossincrasias individuais e constrangimentos sociais.

2.1 A PESQUISA E SUAS ABORDAGENS

O crescente movimento ocorrido no campo das Ciências Social elucida o desejo em compreender os espaços e os sujeitos inseridos neste contexto. Nesta perspectiva, se valida o viés em que tal olhar para estes corpos, não apenas enquanto corpo biológico, mais corpo marcado por fatores sociais e produtores culturais. Assim, no campo das ciências humanas discorre sobre o campo das mudanças de paradigma científicos positivistas para o olhar sobre o paradigma das subjetividades.

O campo científico, “apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições” (MINAYO, 2002, p. 10), assim, tendo em vista o desenvolvimento desta pesquisa, que é de ordem social e de natureza qualitativa, visa compreender o conceito de “Cura Gay” e as dinâmicas estabelecidas nas relações de grupos, e uma vez que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo, e é desse caráter a metodologia para reconstruir teoricamente seu significado e as suas representações.

O método de pesquisa é o elemento que fornece a confiabilidade, a veracidade e assegura o prestígio deste processo, sendo necessário à sua aplicabilidade de forma adequada. Segundo Ander-Egg (1978, p.28) uma pesquisa consiste em um “procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer conhecimento”.

Pesquisa é a exploração, é a inquisição, é o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. A pesquisa é definida como forma de estudo de um objeto. Este estudo sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido (BARROS; LEHFELD, 1990, p.14).

Quanto a abordagem qualitativa, cabe registrar que foram articuladas duas técnicas de pesquisa: entrevistas semiestruturadas com jovens homossexuais e suas histórias de vida. O projeto inicial previa entrevistar os membros das famílias protestantes para compreender suas aceções acerca da temática, porém no decorrer da construção da pesquisa as coletas obtidas no campo nos conduziram a apreciação das elucidações dos jovens, uma vez que o foco central é a como suas identidades étnicas são construídas no seio do lar protestante, sendo os dados obtidos no campo o suficiente para subsidiar estas discussões.

A pesquisa qualitativa se diferencia nesse sentido porque não há separação entre conjunto de dados e análise de dados. A análise pode e deve começar em campo. À medida que coleta seus dados, por meio de entrevistas, notas de campo, aquisição de documentos e assim por diante, é possível iniciar sua análise (GRAHAM GIBBS, 2009).

Ela é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros e lembretes para a pessoa. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa de naturalística do mundo (CRESWELL, 2014).

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa de investigação, a coleta de dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e sua contribuição para a literatura ou a um chamado à mudança (CRESWELL, 2014, p.49-50).

Desta forma, a compreensão de certos fenômenos sociais é essencialmente qualitativa, pois na investigação social a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente. “A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a

concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação” (MINAYO, 2002, p.14-15).

O caminho traçado pelo pesquisador é a bússola que o conduzirá aos resultados da pesquisa. A metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente e bem elaborado, capaz de orientar e encaminhar os impasses teóricos para o desafio de sua prática. Conduzindo o pesquisador a dar poder aos indivíduos para partilharem suas histórias de vida, ouvir suas vozes e minimizar as relações de poder entre pesquisador e participantes que tendem a surgir.

Neste viés “conduzir uma investigação com pessoas que conhece pode ser confuso e embaraçoso. O treino de um investigador, mais do que a aprendizagem de competências e procedimentos específicos, consiste na análise de impressões acerca de si próprio e da sua relação com os outros. Implica que se sinta confortável no papel de "investigador". Se os objetos do seu estudo são pessoas que conhece, a transferência da sua personalidade própria para a de investigador faz-se de forma ambígua” (BOGDAN & BAKLEN, 1994, p.87).

O pesquisador escreve de modo persuasivo para que o leitor tenha a sessão de “estar lá”, pois os melhores estudos qualitativos precisam envolver o leitor em todas as suas dimensões. O estudo envolve a cultura, a história e as experiências pessoais do pesquisador. Para Creswell (2014, p. 57), “a pesquisa qualitativa de um bom estudo é ética”, não apenas no que se refere ao comitê, mas nas ponderações realizadas pelo pesquisador.

Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O percurso metodológico nesta dissertação foi de fundamental importância para obtenção dos resultados devido à pluralização das esferas da vida. Beck (1992 *apud* FLICK, 2008, p.20) “é a dissolução das desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida”. Essas mudanças exigem uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões.

Estes conhecimentos e as práticas são estudados enquanto conhecimentos locais, questionando as práticas cotidianas e a análise subjetiva das experiências vividas. Neste aspecto, tratando-se das identidades destes jovens e suas relações com a família, esta pesquisa apresenta um fundante filosófico sobre as subjetividades deste grupo, buscando assegurar ao leitor que o propósito desta investigação não foi alcançar a generalização, mas fornecer exemplos situacionais à experiência dos leitores.

Os pressupostos filosóficos residem em algumas bases comuns: o da experiência vivida e o desenvolvimento de descrições da essência dessas experiências. Desta forma, adotamos uma análise fenomenológica para compreender o fenômeno da “cura gay” defendida por uma parcela dos grupos eclesiais. Embora a fenomenologia foi utilizada como um interjogo dinâmico entre as atividades da pesquisa.

Para Dartigues (2013), o pesquisador estará, aliás, tanto mais consciente do caráter significativo do objeto quanto menos se desvenda ainda estiver essa significação; o objeto se propõe a ele como um enigma, isto é, como uma questão dirigida ao autor que deixou sua obra o vestígio de uma intenção desaparecida.

A intencionalidade da pesquisa foi compreender as subjetividades destes jovens e suas crises identitárias, compreender um comportamento, percebê-lo, no interior e exterior de suas práticas sociais. Noutras palavras Durkheim afirma que é preciso tratar os fatos sociais como “coisas sociais”, ou seja, captar e assimilar as vivências cotidianas e é isso que a fenomenologia procura perceber, pois “o mundo humano é um sistema aberto e inacabado e a mesma contingência fundamental que o ameaça de discordância ou subtrai à fatalidade da desordem e impede que se desespere dele”¹¹.

Essa dinâmica existente na metodologia qualitativa envolve o uso de uma variedade de materiais empírico, uma vez que ela se caracteriza por ser “interpretativa, baseada nas experiências, situacional e humanística”, sendo solidificada em suas prioridades singulares e contexto (STAKE, 2011, p.41).

¹¹ M. Merleau-Ponty, *Humanisme et Terreur*, Paris, Gallimard, 1947, pág.206.

2.2 AS ENTREVISTAS REALIZADAS

Considerando as relações étnicas presentes nesses interditos, esta pesquisa terá como base a “técnica de uma entrevista prolongada que apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo ou uma organização” (BOM MEIHY, 1996, p. 25), preocupando-se com as experiências e interpretações desses sujeitos, e, sendo eles colaboradoras deste estudo ao qual será relatado as experiências do campo.

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e História Oral de Vida destes sujeitos, considerando a história oral, apta a fornecer subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea, vez que se baseia em depoimentos gravados de atores sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade (HAGUETTE, 2001, p.65). Subsidiando-se nos estudos de Albert (2004) a História Oral como técnica permite reconstruir discursos cotidianos, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte.

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, em por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro previamente elaborado, constando uma lista de pontos que permeia o universo da pesquisa.

Para Haguette (2001) a problematização destes componentes é necessária para que se conheçam as virtualidades do dado que é obtido através deste processo e se possa, ao mesmo tempo, minimizar as possibilidades de desvio através de mecanismos de controle que poderão ser impostos aos elementos que constituem a entrevista. Assim, enquanto elemento de coleta de dados, a entrevista, como qualquer outro instrumento, está submetida ao método científico, pois a busca pela objetividade, a tentativa de captação do real, sem contaminações externas ou por parte do pesquisador modificam o sentido da pesquisa.

Bourdieu (2006) elucida que para compreender as interações entre pessoas ou explicar um evento ou fenômeno social não era suficiente olhar o que era dito ou o que acontecia. “Era necessário examinar o espaço social onde as interações, transações e eventos ocorriam” (BOURDIEU, 2006, p.202). Segundo

o autor, uma análise do espaço social não é apenas identificar o objeto de estudo em seu espaço social, histórico, local/nacional/internacional e relacional, mas também questionar os modos que ocasionaram o conhecimento anterior do objeto sob investigação.

O primeiro passo foi identificar como essas redes de parentescos permeiam no contexto religioso, os relacionamentos estabelecidos entre os participantes da pesquisa e as instituições religiosas na construção das identidades étnicas, atentando para o fato de que elas não são necessariamente redes formais, mas um conjunto de indivíduos que se conhecem e se articulam pela vivência da fé ou mesmo da orientação sexual.

As observações e escutas realizadas nos templos religiosos visou facilitar a realização das entrevistas de história oral de vida, por permitir um contato mais direto entre pesquisador e pesquisados. Além disso, os dados etnográficos produzidos a partir dessa observação também serviram para avaliarmos as interações sociais dos entrevistados e seus familiares. Essas interações são importantes para a pesquisa porque através dela, e da observação das práticas cotidianas dos leigos em seus espaços religiosos, pode-se perceber como os indivíduos encenam suas posições sexuais naquele contexto, como os frequentadores se comportam na comunidade confessional e como são vistos e tratados por seus pares.

Porque as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida (BOM MEIHY, 2017).

A estrutura do comportamento se mostra uma relação entre a consciência e o mundo, e jamais cortada por pontos finais. Sendo “um traço de união entre o que foi e o que será, é antes de tudo memória” (BOSI, 2004, p. 52). Partido dessa reflexão, eclode a ideia de memória, pois a todo tempo podemos recuperar momentos vividos no passado o que segundo Bosi (2004), a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São, portanto, configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. Olhar este, que deve ser sempre analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e nas relações sociais.

Cabe ressaltar que o grupo no qual foi mais fácil manter a aproximação para o desenvolvimento da foram os participantes do sexo feminino, identidade de gênero lésbica, pois os do sexo masculino, declarados homossexuais demonstrou maior insegurança em participar da pesquisa, porém no decorrer da coleta de dados eles reconheceram a importância da mesma para a comunidade LGBTQIA+ e indicaram alguns amigos que fazem parte deste mesmo universo.

Desta forma, à medida que o narrador expõe as suas percepções acerca das narrativas, a origem dos acontecimentos passa a ser analisado em um campo empírico, o que gera sempre uma importância social a qual muitas pessoas não estão habituadas. Um ponto muito peculiar das narrativas de memória individual é “ela acaba por ser identificada com o relevo das pessoas na sociedade. Quase sempre, é possível encontrar pessoas que não se acham importantes ou que delegam a outros a capacidade de narrar” (BOM MEIHY, 2017, p.57).

Para compreender as histórias de vida desses gays e lésbicas, elaboramos um roteiro que elencasse narrativas sobre as práticas e os valores relativos à religiosidade, a homossexualidade e as identidades construídas neste contexto. Os elementos sociais e culturais estruturais, dando conta das relações sociais, mitos, crenças, valores e comportamentos. Assim, o entrevistado pôde narrar sua vida na sequência em que fazia sentido para ele, o que por si só já é um dado a ser analisado.

O objetivo da coleta de relatos foi iluminar os pontos de contato entre religião e sexualidade no processo de construção da subjetividade, entendida, tal como nos apresenta Ortner (2007, p.376), como um “conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo que animam sujeitos atuantes”. Portanto, os eixos entre religião e sexualidade são dimensões valiosas para a compreensão do sentido, para a flexibilidade individual. O ponto determinante é estar atento aquilo que não está sendo dito, mas cujos silêncios, respiração profunda e pausas dão significados mais convincentes.

A compreensão dos relatos de história de vida como recurso de análise do processo de construção de subjetividade requer, conforme Plummer (1995), a atenção para alguns pontos: a motivação do narrado; a forma de narrar à história; o contexto a partir do qual a história se produz e com qual ela se relaciona e as ausências dessa história.

Orientados por estas observações, os relatos recolhidos para a pesquisa. Antes, porém, é plausível lembrar que essas narrativas foram fomentadas pela própria pesquisa. Os entrevistados foram procurados para dar seus depoimentos. Desta forma, são narrativas que existem na medida em que a pesquisa as fez vir à tona, como diária a Albert (2004, p.23) que “reconstruir o cotidiano não é fácil, pois sempre vem acompanhado de certa nostalgia, misturada com sentimentos de pesar”, onde os mecanismos existentes subjacentes às narrativas incitam a sua existência e o interesse dos pesquisadores.

O interesse da pesquisa em articular as discussões sobre a construção da identidade étnica dos jovens homossexuais de famílias cristãs protestantes encontrou algumas barreiras no campo religioso, uma delas é a barreira judaico-cristã, sobre a concepção da sexualidade reprodutiva é o parâmetro assimétrico para as relações de gênero. Uma vez que temos ciência que o a própria situação da pesquisa acadêmica sobre diversidade sexual e religião é também indicativa de pouco interesse nas ciências sociais.

Fomos nós, os pesquisadores, quem convidamos as pessoas para fazer essa articulação entre pertença religiosa e homossexualidade e, com isso, assumir a posição de narradora. As coletas destas narrativas foram restritas, uma vez que “a presença de outra pessoa não só inibe a franqueza, como exerce uma sutil pressão no sentido de um testemunho social aceitável” (THOMPSON, 1998, p.264). Elas não serão publicadas na íntegra nem identificadas, são materiais sigilosos, colhido depois assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com as regras do Comitê de Ética da Plataforma Brasil, com CAAE: 23777419.7.0000.0055, parecer número: 3.668.849, de acordo com a Resolução 510/2016 do Comitê de Ética e Pesquisa da UESB.

Por fim, ressaltamos que a fala dos colaboradores receberão nomes de personagens das narrativas bíblicas, especificamente do livro de Gêneses, que subsidia grande parte de nossas discussões, pois elencamos as elucidações da destruição das cidades Sodoma e Gomorra a análise dos fatos fomentados na pesquisa, uma vez que suas identidades precisam ser resguardadas mantendo o sigilo e a ética da pesquisa.

Ao se pensar na coleta de dados qualitativos é focar-se nos reais tipos de dados e procedimentos necessários para reuni-los. Desenvolver meios para

registrar as informações e prever questões éticas que possam surgir. A opção pelas falas de jovens e famílias cristãs foi uma opção. Para o bom andamento da pesquisa de dados faz-se necessário elaborar um roteiro a ser seguido para ambos, obedecendo alguns critérios que objetivam a reunião de boas informações para responder às perguntas de pesquisa.

Assim, o primeiro passo foi definir o campo/local de pesquisa, neste caso o Distrito Stela Câmara Dubois, na escolha do lócus, selecionarmos os colaboradores, que são jovens homossexuais e suas famílias, especificamente as protestantes. Na seleção da amostra de pesquisa nos deparamos com situações que muitos jovens não aceitaram participar, elucidando evitar “problemas” com a família.

Em um estudo fenomenológico em que a amostra inclui indivíduos que experimentaram o fenômeno, também é importante obter a permissão escrita dos participantes a serem estudados. Diante destes aspectos, foi elaborado o Termo de Livre Esclarecimento a fim de obter a permissão dos colaboradores para realização do estudo qualitativo no que se refere ao problema de pesquisa.

Os primeiros contatos com os colaboradores ocorreram de maneira informal. Nestas primeiras aproximações foram explicados como seria o processo de realização da pesquisa, os objetivos, o problema de pesquisa, esclarecimento das dúvidas e coleta das assinaturas nos TCLE.

Segundo Meihy (2017) história oral implica uma série de decisões sobre circunstâncias das entrevistas, assim, deve-se especificar, além das definições de espaço e tempo de duração, se elas terão ou não estímulos e se as narrativas decorrentes serão livres ou estruturadas. Neste sentido todos os encontros com os colaboradores foram pensados estrategicamente em espaços que não houvesse interrupções ou comprometimento nos relatos.

Ao escrever uma história de vida narrativa o pesquisador precisa desenvolver um sistema de arquivos para o “chumaço de notas manuscritas ou uma fita” (CRESWELL, 2014, p.143 *apud* PLUMMER, 1983, p.98). A escuta das entrevistas de história oral de vida dos colaboradores exigiu adequações no processo de coleta. Foi utilizado um aparelho gravador para que nada fosse perdido durante o processo, e posteriormente foi executada a transcrição fidedigna das falas para o caderno de campo.

Neste caderno constam as observações do campo, as impressões sobre os possíveis resultados, levando a formulação de hipóteses a partir da escuta e transcrição dos relatos. Ele possibilitou uma visita constante ao esboço inicial do problema de pesquisa, uma vez que o contato com os colaboradores gerou uma rede de colaboradores com um objetivo em comum. Estando presente em todo o processo de construção desta dissertação.

Meihy (2017, p.155) propõe que “a história oral concretiza-se somente quando o texto, superando a etapa de entrevista e da formação de arquivos, deve haver um processo de “transcrição” das entrevistas que assegure a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador”. Assim, caderno de campo foi uma importante ferramenta durante o processo de coleta os dados. Nele além das transcrições foram realizadas colagem de prints das redes sociais dos colaboradores, de mensagens compartilhadas pelo WhatsApp que contextualizavam com o problema de pesquisa. A transcrição surge como necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura.

Para Creswell (2014, p.126), “a pesquisa qualitativa envolve o estudo do local(is) de pesquisa e a obtenção da permissão para estudar o local, de forma a possibilitar a fácil coleta dos dados. Isso significa obter a aprovação da universidade ou do comitê institucional responsável pela avaliação, bem como dos indivíduos no local da pesquisa”. Assim, estes aspectos possibilitam o acesso ao local e aos colaboradores, facilitando a coleta dos dados.

O roteiro das entrevistas com os participantes abordou os seguintes temas: as contribuições da família na construção da identidade étnica; as acepções da família sobre a homossexualidade; a homossexualidade em uma família cristã protestante, onde impera a normatividade; a percepções da religião quanto a orientação sexual, direitos sociais, violências simbólicas, homofobia e cura gay.

Para Graham Gibbs (2009) as entrevistas não são a única fonte de material para análise narrativa. As conversas que ocorrem naturalmente podem ser usadas (desde que tenham sido superados os obstáculos éticos e práticos para registrá-las) bem como grupos focais e todos os tipos de fontes documentais ou escritas, incluindo autobiografias explícitas. Em alguns casos, pode-se fazer referência a fontes documentais para sustentar e enriquecer suas interpretações

narrativas das entrevistas. O autor elucida que em alguns tipos de pesquisa social, estimula-se a coleta de todos os dados antes do início de qualquer tipo de análise.

A escuta sensível das histórias de vida dos colaboradores foi um ponto determinante no decorrer de toda pesquisa. Em alguns momentos foi necessário retomar algumas lacunas deixadas no momento da escuta. O campo das emoções foi ativado quando os mesmos relatavam suas histórias de vida, seus anseios e encontros no contexto social e familiar.

Através das entrevistas pode-se perceber a coerência pela qual os entrevistados compreendam a realidade. Com a “atenção flutuante” do pesquisador, essa técnica permitiu aprofundar alguns tópicos relevantes, captando, por exemplo, nas narrativas dos entrevistados, suas representações e percepções sociais sobre sexualidade, diversidade sexual e religiosa, identidade étnica e outros tópicos.

Santos (2019) elucida que:

Pesquisar é antes de tudo inquietar-se, é questionar a realidade procurando respostas sempre temporárias, pois, no contato com estas, novas inquietações engendram-se levando-nos a uma busca incessante por novas respostas e explicações. Nesse processo, o pesquisador busca em princípio parcerias intelectuais e teóricas colocando a teoria num lugar de destaque. Contudo, o objeto só se desvela na interface entre o campo empírico e o referencial teórico (SANTOS, 2019, p. 122-123).

No decorrer da coleta dos dados nos deparamos com a situação da Covid-19, este fato, Pandemia Mundial ocasionou algumas alterações na metodologia. As novas exigências para o cenário atual nos fizeram reelaborar novos caminhos, com isso algumas entrevistas e informações faltosas foram feitas por meio de mídias sociais, usando ferramentas como e-mail, plataformas de vídeo chamadas e reuniões remotas. Estes espaços de cibercultura nos possibilitou inovar e prosseguir com a proposta.

Com a incidência da Pandemia do Covid-19 e as limitações causadas pelo distanciamento social, teve-se a necessidade de refazer o planejamento da pesquisa para coleta dos dados faltosos e agregar mais colaboradores. Diante dos fatos, foi elaborado pelo Google Forms.

A coleta de dados qualitativos na internet tem as vantagens do curso e eficiência de tempo em termos de custos reduzidos para viagem e transcrição de dados. Também proporciona aos participantes flexibilidades de tempo e espaço e lhes possibilita mais tempo para pensarem e responderem às solicitações de informações. Além do mais a coleta on-line ajuda a criar um ambiente não ameaçador e confortável e proporciona maior facilidade para que os participantes discutam questões delicadas (CRESWELL, 2014 *apud* NICHOLAS, 2010).

A atual pandemia mudou o rumo das sociedades, fez aflorar o desejo pela investigação no campo das ciências sociais, das relações eu e o outro. O distanciamento social, mas a aproximação no contexto familiar devido as situações de “aprisionamento domiciliar” como garantia da preservação da vida, aproximou as famílias e fortaleceu as relações outrora afastados pelas atividades cotidianas.

Conforme Santos (2020) existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer e relevar coisas diferentes.

No decorrer da construção desta “colcha de retalhos”, a dissertação, que interligamos histórias de vidas de diferentes sujeitos, a tarefa mais importante desse tear é o processo de análise dos resultados. Um requisito fundamental é o cuidado para não emitir julgamentos, extraíndo o que é relevante e significativo.

Como diz Patton (1980, p.313), “esse esforço de detectar padrões, temas e categorias é um processo criativo que requer julgamentos cuidadosos sobre o que é realmente relevante e significativo nos dados. Como as pessoas que analisam os dados qualitativos não têm testes estatísticos para dizer-lhes se uma observação é ou não significativa, elas devem basear-se na sua própria inteligência, experiência e julgamento”. Quando se pensa em história oral de vida, a boa análise implica que deve ser feita de forma regresso de todo o processo das narrativas, das impressões obtidas no decorrer das falas, a gesticulação, os movimentos, o olhar, o tom de voz, a emoção e os fatos observáveis no contexto das relações com o outro.

O processo de análise dos dados da pesquisa se deu a partir do

engajamento com o universo de pesquisa, dos desdobramentos entre os fatores internos e externos, resultado das constatações. “As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações” (BAUMAN, 2003 *apud* MEIHY, 2017, p.130). A descrição possibilitou a reflexão sobre contexto familiar e as relações existentes entre os colaboradores e os interditos existentes nas acepções das questões de gênero, identidade, orientação sexual e sobre as instituições eclesásticas.

Essa descrição textual e estrutural sobre onde e como o fenômeno ocorreu, neste caso a “cura gay” impostas pelas famílias cristãs protestantes, trazendo a luz do texto a essência das emoções expressadas, os desejos de liberdade e os aprisionamentos, apresentando declarações significativas para o campo das ciências sociais.

Essas bases objetivas e subjetivas obtidas na análise dos dados também possibilitou a compreensão de cultura dos colaboradores como um instrumento de comunicação e conhecimento, onde as interações na família e na igreja eram fatores importantes em suas identidades. Para Bourdieu (2018), o elemento que não é investigado em qualquer análise teórica é a relação do teórico com mundo social e as condições sociais objetivas nas quais ela se fundamenta. Essa ausência leva a uma espécie de “intelectualcentrismo”. Portanto, é necessário subordinar “a prática científica a um conhecimento do ‘sujeito conhecimento’, conhecimento essencialmente crítico dos limites inerentes a qualquer conhecimento teórico, tanto subjetivista como objetivista” (BOURDIEU, 2009, p.46).

Muitas organizações religiosas adotaram uma posição de que as outras religiões mundiais são incorretas ou “más”. Esse tipo de postura (a de que os outros sistemas de crenças estão “errados”) serve não somente para reforçar suas próprias crenças como visões “corretas”, mas também, muitas vezes, para coagir os seus seguidores a aceitar a todos ou nenhuma das crenças e assim comprometer os seus recursos espirituais e financeiros com a organização (HARDIN, autoestima para homossexuais).

Desta forma, o que é mais instigante é compreender o poder que nos é dado, subtraído e controlado ao longo de nossa existência. Não estamos e nem somos relativamente prontos, obras acabadas e identidades fixas, não somos isso ou aquilo, mas buscamos completar e formar a nossa existência a partir de

vivências e das relações estabelecidas dentro e fora de diferentes contextos.

As igrejas apregoam que a promiscuidade tomou conta dos corpos santificados. Porém, se “Deus é amor”, por que condenará as outras formas de amor que não se enquadram nos padrões heteronormativos? Se Ele se manifesta ao longo da história como libertador, por que há de aprisionar nos armários os que fogem as Escrituras Sagradas? Cujas identidades, orientações sexuais precisam obedecer a um modelo patriarcal e heteronormativo, “então precisamos encontrar a face de Deus nos relacionamentos amorosos fora das fronteiras da teologia decente, e no contexto do Outro como o pobre e o excluído” (ALTHAUS-REID, 2019, p.21).

Desta forma, a formação social do eu permeia na dialógica da construção identitária. Afinal somos o reflexo do campo de experiência de outras pessoas? Quem sou eu? Certamente você já se perguntou algumas vezes isso ao longo de sua vida, mas afinal encontrou a resposta? O armário é um espaço de gerenciamento de estigmas, de um segredo, uma informação que tem um peso social muito forte. É sempre um momento de muita tensão, um ritual de passagem. Vejamos uma fala: “Seja gay, a gente tolera, mas saiba que nunca trataremos isso com naturalidade.”

Esse é o discurso de um pai aflito ao saber que seu filho é gay. Fala que segue velada em tantas famílias! O luto da perda de um filho que sonhou varão de uma família sendo definido como uma reação característica a uma perda bastante significativa é sem dúvida uma realidade constrangedora para uma família cristã que parece tentar englobar toda a pessoa humana nas suas diversas dimensões. É preciso abrir este caminho, sair da zona de conforto da normatividade que os pais sonham, não fugir de tudo o que diz respeito à homossexualidade em si. O “eu” não é aquilo que o outro vê, mas que somos, o que enfrentamos diariamente em nosso eu, “em constante negociações, tentando resolver os conflitos de fronteiras que assolam o meu interior” (BUTLER, 1994, p.218), somos resultados das trocas que realizamos nos campos sociais, culturais e afetivos. No campo etnicidade vislumbramos estes aspectos, uma vez que compreendemos os conceitos de identidades e sua formação.

Sob as lentes da constituição do sujeito e as normas que regulam os corpos em nossa sociedade está a problemática: “aquele que foge a norma, torna-se transgressor”. Assim visamos discutir sobre os “corpos transgressores”

que quebraram os códigos familiares, romperam as normas ou se encontram silenciados pelo patriarcado, pelo dogmatismo religioso. Corpos que gritam socorro!

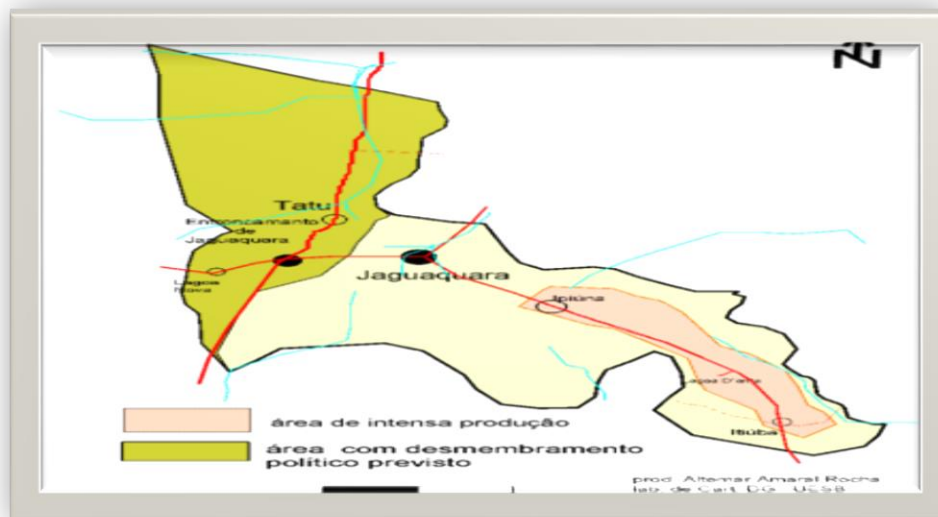
Somente seguindo ponto a ponto as histórias de vida individuais é que se pode documentar as conexões existentes entre, por um lado, o sistema geral de estrutura econômica, de classe, de sexo e de idade, e, por outro lado, o desenvolvimento do caráter pessoal, através das influências mediadoras dos pais, irmãos e irmãs, e da família mais ampla, dos grupos de pares e de vizinhos, da escola e da religião, dos jornais e meios de comunicação de massa, da arte e da cultura. Apenas quando se definir o exato papel dessas instituições intermediadoras, por exemplo, na socialização em papéis sexuais e de classe, é que se tornará possível uma integração teórica. Até chegar-se a essa definição, podemos apenas conjecturar até que ponto o sistema econômico e social molda a personalidade, ou o sistema é, ele próprio, moldado por impulsos biológicos básicos (THOMPSON, 1998).

As instituições perderam força, elas não desaparecem, mas os indivíduos não desejam mais serem dependentes do seu controle social e livres dos rituais confessionais. Aspiram pela liberdade de pensamento, por suas práticas religiosas, por seus processos identitárias e por sua orientação sexual. O que elencamos nestas discussões é nos aproximar da história de jovens homossexuais e a “problematização” da orientação sexual no contexto do protestantismo. Foucault (2006),

O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá sentido, é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e toma-la como objeto de pensamento e interroga-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pela qual dele nos separamos, construimo-lo como objeto e pensamo-lo como problema (FOUCAULT, 2006, p. 231-232).

No Brasil, a produção de novas formas de “subjetividade feminina se entrelaça com mudanças significativas nos arranjos familiares, tais como: redução dos casamentos religioso e civil, o aumento contínuo dos divórcios e o crescimento dos lares unipessoais e chefiados por mulheres” (MACHADO, 2006,

p.89), a maior autonomia dos filhos em relação aos pais sinalizou o enfraquecimento da autoridade patriarcal no mundo ocidental, não sem tensões no contexto dos núcleos familiares. O *Lócus* da Pesquisa _ Jaguaquara - BA



O Distrito Stela Câmara Dubois, pertence ao Município de Jaguaquara que geograficamente está localizado no espaço territorial do Vale do Jiquiriçá, faixa intermediária entre a zona litorânea e o sertão baiano, abrangendo vinte, dos vinte e cinco municípios que compõe a bacia hidrográfica do Rio Jiquiriçá. O processo de ocupação desta região se deu a partir dos primeiros núcleos instalados na faixa litoral no século XV. Ao longo do tempo foram surgindo aglomerações humanas que se deu a partir das Capitânicas de São Jorge dos Ilhéus e da Bahia de Todos os Santos, unificados em 1775, como Capitania da Bahia.

Passaremos a abordar o processo de desenvolvimento da pesquisa, isto é, como os foram construídos e as implicações das relações sociais estabelecidas entre os agentes participantes – entrevistados e pesquisadora. Cabe esclarecer que o “*lócus*” da pesquisa foi o Distrito Stela Câmara Dubois, pertencente ao território do Município de Jaguaquara/BA. O núcleo urbano do povoado é cortado de norte a sul pela BR 116 e de leste a oeste pela BA 250. Sua população aproximada é de 12.855 habitantes, dados do IBGE/2010.

¹² Mapa disponível em: https://silo.tips/queue/movimento-em-prol-da-emancipacao-do-entroncamento-de-jaguaquara-ba-uma-analise-da?&queue_id=-1&v=1598756250&u=MTc3LjE5MC4yMjMuMg==
Dinâmica Sócio -Territorial. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.6, N.10, 2010 Pág.5. Acesso em: 18/07/2020

Geograficamente está localizado na região Sudoeste do estado, na microrregião de Jequié, há 336, 2 Km da capital baiana. Sua população é caracterizada por diferentes influências culturais e religiosas, sendo de predomínio a Igreja Católica e as Igrejas protestantes.

Em sua trajetória histórica, após a Segunda Guerra Mundial o Presidente da República era o General Eurico Gaspar Dutra, o Governo Federal teve a ideia de abrir novas rodovias que ligassem as regiões Norte e Nordeste com as regiões Sudeste e Sul. Essa rodovia foi chamada no início de Rio-Bahia. Atualmente conhecemos como BR-116.

Naquele tempo a abertura do trabalho de estradas era árduo, longo e cansativo. Como a maioria do trabalho era braçal e havia escassez de máquinas foram construídos barracos de madeira para abrigar os garimpeiros que trabalhavam na construção da rodovia. Com esses seis barracos construídos ao lado da nova rodovia justamente nas proximidades da estrada que liga Jaguaquara a Itiruçu, sendo iniciado o Entroncamento de Jaguaquara. A partir de então começaram a serem construídas as primeiras casas cujos terrenos foram doados, outros vendidos, pelo Major José Ignácio Pinto, Benedito Cardoso e Alvinho Bispo.

O povoado conhecido como Entroncamento de Jaguaquara, que recebeu o nome de Distrito Stela Câmara Dubois, foi crescendo sempre mais tanto em dimensões geográficas quanto a nível populacional. Os primeiros moradores eram pessoas simples: agricultores, pequenos comerciantes e povos remanescentes dos quilombos. O povoado crescia, com isso a preocupação com as famílias e com a fé dos que ali residiam.

Durante o período da II Guerra Mundial, a sede do município de Jaguaquara, que ainda era muito jovem, recebia o casal de pastores Carlos Dubois e Stela Câmara Dubois, cuja missão era administrar o Colégio Batista Taylor Egídio.



FONTE: Acervo da Família Dubois

A figura marcante da professora pernambucana Stela Câmara Dubois, torna-se um marco importante para esta comunidade. Ela cuja missão nas terras jaguaquarense era cooperar com o trabalho de seu esposo no ministério pastoral e cuidado com as internas do colégio, destaca-se como figura imponente, por ser uma mulher autodidata, cujas habilidades em composição, tradução de textos em língua estrangeira, produção de literaturas e música, assim como o cuidado e o zelo pelas obras missionárias no território que residiam.

A mulher por trás do Distrito faz jus a sua homenagem, pelo destaque na área educacional e prestígio que conquistou em todo território nacional. A professora Stela, uma figura forte e imponente, em uma época no qual as mulheres ocupavam-se das tarefas domésticas, dos filhos e da família, rompeu os paradigmas sociais de uma cidade em seus primeiros anos de expansão territorial.

Acumulando as atividades na igreja e no colégio, ela foi secretária pessoal do seu marido, o pastor Carlos Dubois. Esposa dedicada e trabalhadora na obra de Deus, Stela ocupou posições de liderança no trabalho com as crianças, internos, jovens e sociedade de senhoras batista.

Grande foi o legado de Stela Câmara a sociedade jaguaquarense, seus ensinamentos, as inspirações de vida e toda atmosfera moral e espiritual que está nobre mulher deixou transcende as gerações dos que a conheceram. Com ela, o caminho para as missões e evangelizações chegava até a população por intermédios de suas amplas relações sociais.

Em 1965 a 1968 houve uma campanha de evangelização no Brasil, chamada Campanha de Evangelização Nacional que tinha como tema: “Cristo é a Única Esperança”. No povoado havia alguns membros da Igreja Batista de Jaguaquara, sede do município, que se reuniam com frequência em uma casa as margens da BR-116, nas proximidades do posto de combustível instalado recentemente naquela localidade para atender as demandas iniciais do trafego de veículos da estrada em obras que ligava o estado da Bahia ao Rio de Janeiro. Assim, com a chegada dos pastores batista Jerry Smith e Francês Smith deu-se o trabalho de evangelização de campo e posteriormente com a ascensão do povoado e a chegada de migrantes foi iniciado o trajeto das primeiras igrejas protestantes no Distrito Stela Dubois.

Um dos membros fundadores das missões protestantes no Distrito tinha uma ligação direta com Stela Câmara Dubois, pois o jovem Maximiano Bispo, um homem negro, oriundo dos aquilombamentos existentes no envolto da cidade de Jaguaquara, trabalhava como caseiro na fazenda pertencente ao Colégio Taylor Egídio. Tal aspecto enfatiza os laços de influência do protestantismo no território de pesquisa e as fronteiras étnicas existentes neste espaço aculturação.

Foi, portanto em Jaguaquara, que o casal Dubois realizou uma grande e maravilhosa obra de educação e pregação do evangelho por mais de cinquenta anos. Daquele lugarejo, saíram muitos alunos, que, com a cultura recebida, influenciaram diversos cantos país, atuando como advogados, jornalistas, deputados, professores, ministros, prefeitos (ALMEIDA, 2014). Para esta mesma autora, em seus escritos no livro intitulado *Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro*¹³, a importante participação de Stela Câmara Dubois na difusão do protestantismo no Brasil, em especial no interior da Bahia foi de grande relevância para a comunidade judaico-cristã, como também suas contribuições

¹³ ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro*. Hagnos Editora: São Paulo, 2014.

em traduções do francês e inglês de grandes obras, seus manuscritos como poemas, poesias, composições para o hinário cristão, além da sua atuação a frente da educação.

Deste modo, podemos observar que o protestantismo é uma religião com influencia latente neste território. Assim, a dinâmica social dos territórios diante das novas reorganizações locais acalora debates que exigem um olhar sobre a influência das identidades e da cultura na delimitação do espaço. Em seu processo histórico o Distrito Stela Câmara Dubois surgiu do povoado conhecido como Entroncamento pertencente ao município de Jaguaquara/BA.

Pensar a identidade de uma população implica buscar compreender os valores por detrás da lógica de pensamento e de sua vida cultural. Saberes, costumes e a cosmovisão integram os laços identitários e reafirmam a experiência de um grupo social.

Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo [...]. No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado (CASTELLS, 2008, p.22).

Assim, as identidades surgem como movimento de resistência às opressões. No processo de reelaboração identitária a memória desempenha um papel fundamental, porque é ela que desempenha o projeto para o passado sem jamais esquecer das questões elaboradas no presente que se quer compreender.

O município, conta com uma imensa diversidade cultural que engloba as diferenças existentes entre os munícipes, como a linguagem, danças, vestimentas, tradições locais, manifestações religiosas (católicos, protestantes, umbandistas, candomblecistas, agnósticos, ateus entre outras), interferência dos povos imigrantes, num contexto interseccional das relações entre raça, gênero, sexualidade e classe.

Haesbeart (2001, p.102) considerando a dimensão cultural do território, concebe-o como um espaço dotado de identidades, as quais são especificadas em “identidades territoriais”. Então, têm-se identidades territoriais e não territórios de identidades.

Este campo de pesquisa foi escolhido tanto por apresentar uma diversidade religiosa com significativas representações dos grupos católicos e

protestantes, onde o discurso acerca da proposta é reforçado em seus cultos e por seus adeptos. Tais configurações sócias espaciais se destacam ainda pelo engajamento crescente de templos protestantes neste espaço geográfico.

Assim, o conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território a ideia de poder, que se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas e identitárias. Pois, a formação de um território dá as pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização, entre as mesmas.

Neste âmbito da competição eclesiástica e das tensões familiares e religiosas, a expansão dessa comunidade revela o crescente número de jovens homossexuais que pertencem ao seio da família tradicional protestante que lutam para manifestar seu desejo de liberdade e construção das suas identidades sem intermédio dos dogmatismos religiosos de seu núcleo parental. Assim, percorrer um trajeto em busca de respostas para alguns questionamentos no âmbito da pesquisa acadêmica muitas vezes parece ser uma tarefa simples, porém a escolha do método nos levará a compreender o universo de pesquisa e os sujeitos que permeiam neste espaço.

2.3 DESCRIÇÃO DOS COLABORADORES DA PESQUISA

As informações básicas relacionadas a cada um desses atores - sexo, idade, grupo confessional, escolaridade, classe social, identidade de gênero, orientação sexual – encontra-se na descrição abaixo. Mas cabe registrar desde já que examinaremos as percepções de cinco jovens, sendo dois gays e três lésbicas, conforme os dados da **tabela 1**.

Conforme Flick (2008), a pesquisa qualitativa normalmente não se interessa simplesmente pela apresentação exterior dos grupos sociais. Ao contrário disso, o que se quer é envolver-se em um mundo ou subcultura diferentes e, em primeiro lugar, compreendê-lo, ao máximo possível, a partir de dentro dele e de sua própria lógica. Uma fonte de conhecimento, nesse contexto,

é assumir gradualmente uma perspectiva de *insider* – compreender o ponto de vista do indivíduo ou os princípios organizacionais dos grupos sociais a partir da perspectiva de um membro.

O detalhamento sobre as especificidades dos colaboradores nos permite um olhar mais detalhado sobre o campo de pesquisa. Bourdieu (2018) propõe que:

[...] analisar os *habitus* dos agentes, dos sistemas diferentes de disposições que eles adquiriram através da interiorização de um tipo determinado de condições sociais e econômicas e que encontram numa trajetória definida no interior do campo em questão uma ocasião mais ou menos favorável de se realizar (BOURDIEU, 2018, p.105).

Essa abordagem revelou as posições que estes colaboradores assumem no campo, possibilitando compreender a tomada de decisões que os agentes fazem em seus contextos sociais, econômicos e culturais específicos. Desta forma, as acepções obtidas no campo revelam e reproduzem o mundo social dos mesmos. Portanto, investigar um colaborador ou um grupo, no sentido de comprovar cientificamente hipóteses, requer descrevê-los, explorar os fatos, sendo indispensável estudar as ações dos sujeitos na vida cotidiana.

O uso dos nomes bíblicos também será adotado para os familiares, conforme os dados caracterizados na **Tabela 2**, para destacar a fala deles durante os processos de escuta das impressões sobre a educação familiar cristã, as relações estabelecidas com os filhos homossexuais, as vivências na igreja e a ideia de cura gay. A escolha dos nomes fictícios destes familiares se deu a partir da aproximação dos mesmos com as narrativas bíblicas. Assim, para melhor compreensão dos colaboradores vamos apresentar os seus perfis conforme os dados da tabela abaixo:

2.3.1 TABELA 1 – DADOS DOS COLABORADORES DA PESQUISA – OS JOVENS HOMOSSEXUAIS

NOME FICTÍCIO	IDADE	DECLARAÇÃO ÉTNICA/RAÇA	GÊNERO	IDENTIDADE DE GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	CLASSE SOCIAL
SETE	18-24 anos	Branca	Feminino	Cisgênero	Lésbica	Superior incompleto	Sem religião	Classe média baixa
SARA	18-24 anos	Branca	Feminino	Cisgênero	Lésbica	Superior completo	Cristã protestante	Classe média
RAQUEL	30 - 40 anos	Branca	Feminino	Cisgênero	Lésbica	Superior completo	Cristã	Classe média
SAUL	18-24 anos	Branco	Masculino	Não-binário	Gay	Superior incompleto	Sem religião	Classe média alta.
ABRAÃO	25-35 anos	Negro	Masculino	Cisgênero	Gay	Superior completo	Sem religião	Classe média baixa

FONTE: Banco de Dados da Pesquisa 2019 – 2021

2.3.2 TABELA 2 – DADOS DOS COLABORADORES DA PESQUISA – FAMÍLIARES

NOME FICTÍCIO	IDADE	DECLARAÇÃO ÉTNICA/RAÇA	GÊNERO	IDENTIDADE DE GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO	CLASSE SOCIAL
ISAQUE	24 - 30 anos	Branco	Masculino	Cisgênero	Heterossexual	Superior incompleto	Sem religião	Classe média alta
MARIA	40 – 50 anos	Branca	Feminino	Cisgênero	Heterossexual	Ensino Médio completo	Cristã protestante	Classe média baixa
ANA	50 – 60 anos	Branca	Feminino	Cisgênero	Heterossexual	Superior completo	Cristã protestante	Classe média alta
EVA	50 – 60 anos	Parda	Feminino	Cisgênero	Heterossexual	Superior completo	Cristã protestante	Classe média baixa
DÉBORA	40 – 50 anos	Parda	Feminino	Cisgênero	Heterossexual	Superior incompleto	Cristã protestante	Classe média baixa

FONTE: Banco de Dados da Pesquisa 2019 – 2021

Para Creswell (2014, p.34 *apud* DENZIN E LINCOIN, 2001, p.11), “queremos uma ciência social comprometida com questões de justiça social, equidade, não violência, paz, direitos humanos universais”. Os dados do perfil dos colaboradores é a base norteadora para compreender as problemáticas interseccionais encontradas nas observações e nos relatos de história oral de vida.

Desta forma, os fatos que demonstram que a identidade, a sexualidade e a classe social são pilares fundantes nas relações étnicas existentes nos mais diversos espaços o que por sua vez, de acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através da aproximação sucessiva da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção real.

3 CAPÍTULO III – SILENCIAMENTOS E CRISE DE IDENTIDADE



IMAGEM 5¹⁴

Não me pergunte quem sou e não me peça para permanecer o mesmo
 É necessário está incompleto
 Derrubar e reconstruir
 Perder parte de si
 Deixar outras secas sem reboco
 Não me pergunte quem sou e não me peça para permanecer o mesmo
 Não faço discursos de mim e rejeito
 Arbitrariedades categóricas
 Catálogos análogos a bulas
 De remédios
 Que curam pseudo males humanos
 É necessário estar incompleto
 Me livre das garras de seu entendimento
 Permita-me transbordar

(ANDRADE *apud* FOUCAULT, 2005, p.19-20)

¹⁴ Imagem disponível em: <https://www.geledes.org.br/conselho-de-psicologia-critica-discussao-de-cura-gay/>. Acesso em Setembro de 2021.

O modelo de família nuclear, assim como a análise das famílias reinventadas, a caracterização de conceitos de patologia “gay” e a relação desses jovens com suas famílias, além do sentimento de “falha” exasperado pelas mães no que se refere à orientação sexual dos filhos homossexuais, geraram e geram questionamentos fomentando o desejo da pesquisa acadêmica em torno da temática “Cura Gay!”.

Para Bourdieu (1989, p.387), “a educação é uma estratégia entre uma série delas utilizadas pelas famílias para perpetuar ou avançar sua posição social (as outras envolviam fertilidade – garantir um herdeiro, e a herança – garantir que as leis beneficiem a transmissão de propriedade; assim como estratégias puramente econômicas como investimento financeiro e o investimento na construção de redes sociais vantajosas)”. A educação como capital simbólico trabalhava em conjunto com outros capitais para oferecer vantagens e desvantagens, e para posicionar agentes em múltiplos campos.

Conforme o autor o indivíduo é levado a compreender os modos de formação da mobilidade social e os indivíduos que permeiam nestes espaços educacionais, culturais e religiosos, fazendo uma análise sobre os modos em que os sistemas educacionais e familiares operam na regulação social.

Nos relatos, as concepções sobre a homossexualidade dos filhos advindos de famílias cristãs, nas explanações de “vergonha”, “decepção”, “medo” e “preconceito” dos pais, dos amigos e da sociedade, sendo muitas vezes intitulado como “doentes”, pela orientação sexual. Jovens sendo tratados como se estivessem com uma patologia a ser medicada, ou seja, a ser moldada, reformulada ou reinventada.

Por outro lado, atualmente, a educação familiar se transformou, depreciando a obediência e valorizando a iniciativa, a autonomia e a satisfação pessoal. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como “política de identidades” (STUART HALL, 1997 *apud* LOURO, 2000, p.4).

Por outro lado, jovens experimentam, mais cedo, a maternidade e a paternidade; uniões afetivas e sexuais estáveis entre sujeitos do mesmo sexo se tornam crescentemente visíveis e rotineiras; arranjos familiares se multiplicam e se modificam [...]. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto.

Partindo da temática gênero, Modesto (2011) enfoca que o conceito de homossexualidade que se adota insere no contexto da diversidade sexual humana. Os jovens confusos, com depressão ou autoestima muito baixa, falam em suicídio, e muitos internalizam a noção de que deveriam sentir-se atraídos pelo gênero contrário ao deles, e isso não acontece.

Embora se façam, no mundo inteiro, tantas pesquisas a seu respeito, a sexualidade humana continua sendo um mistério. Atualmente, os pesquisadores não têm dados seguros que comprovam o motivo pelo qual a maioria das pessoas é heterossexual, mas há pessoas que são homossexuais. Foi confirmado, contudo, por instituições internacionais e nacionais, que a homossexualidade não é uma doença. O discurso médico teve um importante papel na formação do conceito de homossexualidade. Com o passar do tempo, as relações entre pessoas do mesmo sexo, foi sendo discutida entre diversos campos do saber, principalmente pelas Ciências Sociais.

Fray e Macrae (1991) explicam que em 1870, o texto “As Sensações Sexuais Contrárias”, de Westphal, definiu a homossexualidade em termos psiquiátricos como desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino. Os médicos também reivindicavam o seu direito de falar sobre a sexualidade, transformando a homossexualidade em “crime” e “pecado” em “doença”.

Foucault (1984, p.43) afirma que “as transformações ocorridas durante o século XVIII e XIX construíram um novo discurso sobre o sexo e também sobre os indivíduos, dissecando e especificando práticas, desvios, doenças e seus sujeitos”.

Tais afirmações elencava o discurso da homossexualidade categorizada como doença, para segregar homossexuais nos sanatórios e outras instituições psiquiátricas, bem como para “experimentos científicos” de “cura”. “A medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou' mental, originada das práticas sexuais

‘incompletas’; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao ‘desenvolvimento’ e às ‘perturbações’ do instinto; empreendeu a gestão de todos eles” (FOUCAULT, 1996, p.41).

As políticas higienistas ganham força em muitos lares no Brasil, as altas taxas de mortalidade conduziram os discursos que a homossexualidade feria a conduta moral. Somente no século XX surge o termo “homossexualismo” para determinar as relações entre pessoas do mesmo sexo. A apropriação desta nomenclatura ganha solidez, reforçando a prática como uma “doença” a ser tratada. Esta concepção vigorou até a década de 80, quando a Organização Mundial de Saúde, finalmente retira o termo “homossexualismo” da lista de fatalidades patológicas.

Essa medida foi um grande avanço para os movimentos feministas e LGBT, pois a luta contra as discriminações e violências contra gays e lésbicas ganhavam força no cenário nacional e internacional. Desde 1973, a homossexualidade já havia deixado de ser classificada como tal pela Associação Americana de Psiquiatria.

Na década de 90 a Organização Mundial de Saúde (OMS), retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais, constituindo que a homossexualidade não faz parte da lista de distúrbios e nem perversões, e que psicólogos não colaboraria com “tratamentos” e “cura”. Porém, apesar das recomendações do Conselho Federal de Medicina e de Psicologia no Brasil, há ainda profissionais que categorizam a homossexualidade como “doença”, “desvio de conduta”, dedicando-se a “conversão” dos mesmos.

No Brasil, em agosto de 2003, um projeto¹⁵ em tramitação na Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro chamou a atenção da opinião pública e desdobrou-se em delicada controvérsia sobre a possibilidade de mudança da orientação sexual dos homossexuais. Segundo Ferrari, Lopes & Castro (2017 *apud* MISKOLCI, 2012), essa produção da homossexualidade como doença, embora tenha sido contestada por diferentes grupos sociais, ainda se faz presente como discurso, colocando essa expressão da sexualidade como uma pátria desviante e fortalecendo a ordem social e regulatória heteronormativa, na

¹⁵Projeto de Lei 717/2003, de autoria do deputado religioso Édino Fonseca, apresentado a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em 27 de agosto de 2003. Apesar de receber parecer positivo, em dezembro de 2004 foi rejeitado.

qual a heterossexualidade é concebida como a forma natural, correta e esperada de se relacionar amorosa e sexualmente, ou seja, um modelo inquestionável.

Assegurados pelo discurso religioso da possibilidade de “transformação” dos “ex-homossexuais”, enunciada pelos ministérios pastorais, a fala dos religiosos ganham um novo e acalorado folego cenário político brasileiro em 2017 com as eleições presidenciais e a elucidação sobre a “defesa de Deus, Pátria e a Família”¹⁶.

Freud (1995) acredita que a sexualidade ocorre nas crianças quase desde o seu nascimento, e que a prática sexual entre os adultos pode ser bem mais livre do que supunham os teóricos moralistas do começo do século. O autor traz ao mundo ocidental uma teoria de cunho psicanalista com aspectos antropológicos da família e da sociedade fundada em dois elementos importantes: a culpa e a lei moral.

A concepção freudiana, segundo a qual “as condições da liberdade subjetiva e o exercício do desejo supõem sempre um conflito entre o um e o múltiplo, entre a autoridade e a contestação da autoridade, entre o universal e a diferença, mas que nunca se com o gozo pulsional ilimitado tais como o veem em prática, por exemplo, no crime, na crueldade, ou na negação sistemática de todas as formas do *logos* separador ou da ordem simbólica” (ROUDINESCO, 1944, p. 41).

Nesta permissa as narrativas, obtidas por meio da técnica de história oral, “as entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer-nos informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana” (THOMPSON, 1998, p.315). Assim, as elucidações apresentadas no corpo desta pesquisa revelam histórias de vidas de diversos colaboradores, pertencentes a diferentes classes sociais, nível de escolaridade, gênero e raça, porém com marcadores religiosos em comum, neste caso as instituições cristãs protestantes.

Desta forma, o presente capítulo visa elucidar sob a óptica das relações étnicas as impressões e resultados da pesquisa de campo na perspectiva das identidades e religião protestante a ideia de “cura gay”.

¹⁶ Lema da campanha do Presidente Jair Bolsonaro eleito em 2018.

3.1 HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA CRISTÃ

O acalorado discurso das ciências sociais invadiu os lares brasileiros, o que outrora era sinônimo de tabu, hoje tem ganhado força nas rodas de conversas familiares. Mas, isto de algum modo ocorre em todos os lares? Obviamente a resposta será não!

A família está precisamente no paradoxo que carrega a contradição dos princípios da individualidade e a exigência moral. Ela indica a constituição de uma norma social de autonomia como modo de ação coerente no seio de uma sociedade, que tenta incansavelmente determinar como os indivíduos devem se comportar.

No interior das religiões judaico-cristã, a manutenção de costumes e tradições patriarcais assumiu formas e proporções diferentes da contingência histórica social. “As grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos” (PERROT, 2008, p.83).

Como a reconstrução da família é a principal característica da identidade fundamentalista cristã (CASTELLS, 1999), as lideranças religiosas atuavam quase sempre de forma relativa, sobretudo no campo dos direitos das mulheres e no que tange a sexualidade e a política de domínio dos corpos. “Enquanto a sociedade contemporânea reconhece a opressão da mulher na construção social do modelo patriarcal e recebe majoritariamente a emancipação feminina” (GOUVÊA, 2008, p.17).

ANA - Deus não me deu um filho para envergonhar a minha família. Meus filhos são herança do Senhor.

Na evolução dos modelos de família, preservar a família tradicional formada pelo casamento sexista e a postulação de novos costumes e valores com respeito ao ser humano e suas opiniões, tem sido visto como direito inerentes à personalidade humana, impondo o reconhecimento de novas modalidades de família, respeitando as intrínsecas diferenças que compõem os seres humanos.

Aqui, as discussões em torno da família e das representações identitárias no ideário evangélico se articulam com o conceito de “fundamentalismo cristão”. As igrejas evangélicas reforçam a importância dos

papéis de esposa e mãe nas identidades femininas, difundem uma visão fundamentalista da família, dificultando as revisões nos arranjos afetivos e sexuais. Tais questionamentos fundamentam-se envoltos dos princípios morais impostos pela igreja e o patriarcado, uma ideia de pureza e virtude que conduz ao “paraíso” e a “felicidade”, a “salvação” dos pecadores. Mas “a virtude pode ser ensinada? Há uma moral em forma de saber transmissível?” (RICOEUR, 2014, p.28).

Se a religião conduz os homens à salvação e práticas de “boas” virtudes, como estas acepções são legitimadas pela sociedade contemporânea? A forma dominante como foi replicado historicamente o modelo a ser seguido pelo viés religioso as relações familiares com os sujeitos em sua construção social elucida uma educação pautada nos silenciamentos e enquadramentos daqueles que fogem as normas, os corpos abjetos de jovens que reivindicam seus espaços e o direito à liberdade sexual, sua identidade de gênero e suas formas de representações, assim, “os limites entre o visível e o invisível estariam só fragilmente delineados” (SCHWARCZ, 1998, p.25).

Aqueles que fogem as regras são perseguidos, excluídos e declarados amaldiçoados pelas instituições eclesásticas. A igreja muitas vezes classificada como a cura para todos os “maus” que assolam a vida dos homens, mergulha no campo da sexualidade humana como forma de controle social e repulsão do desejo, propondo uma noção de virtude e pureza desenvolvida em a partir das concepções que se tem sobre Deus, “a fim de libertar nosso corpo terreno da corrupção externa” (PELIKAN, 2014, p.242). Deste modo, o caráter didático doutrinal das religiões tem “o objetivo de essencial de orientar o comportamento social e moralizar a conduta humana” (SILVEIRA, 2005, p.149).

As condições de existência dos sujeitos estão representadas em suas relações sociais que gerem suas condições de existência e a vida coletiva e individual. Desta forma, existir requer configurar papéis social onde suas identidades não estão pontas e acabadas, estáticas, nem jamais estabilizadas ou completas. Ao ele é dada a função de produzir ou reproduzir ações com seus pares ou grupos, pautados ou não em um “modelo” familiar.

Esta mãe relata:

DÉBORA - Eu fui criada na fé católica, mas não sou praticante. De qualquer modo, me senti traída por meu filho que fugiu da regra de Deus. Briguei com porque sempre achei que não merecia passar por essa prova. E é assim que sinto até hoje, embora com muita dificuldade eu tenha me conformado com o fato de meu filho ser gay. Eu fiz promessa para mim mesma de não falar nada.

A família, a escola, a fábrica, a universidade, o hospital, a igreja são instituições baseadas em uma clara distribuição de papéis sociais rígidos. O mais característico destas instituições é uma cortante separação entre os que detêm o poder e os que não os têm, gerando uma relação de opressão e violência entre poder e não-poder, sendo ela a base de todas exclusões nas relações sociais.

A mãe continua:

MARIA - Pouco a pouco tomei consciência devagarzinho de que eu o rejeitei um pouco, eu o amava demais, mas o repelia um pouco, aí, quando fiquei consciente do que acontecia comigo e de que o motivo podia ser esse da homossexualidade, sofri muito, chorei muito, mas ainda não sabia o que fazer com minhas amigas da igreja, com os olhares delas.

Os graus de aplicação desta violência a si mesma variam pelo poder de ocultar ou revelar a homossexualidade do filho (a). A violência e a exclusão nestas instituições, neste caso nos reportaram a homossexualidade e os enfrentamentos no campo familiar e o discurso religioso judaico-cristão, é justificado em nome da necessidade, como função educativa e disciplinar para as primeiras culpas e da doença para as segundas, podendo ser definidas como instituições da violência.

Nos processos de reprodução da vida social, o discurso religioso é capaz de criar formas e práticas de consentimentos pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. Ou seja, ao transformar uma experiência particular em universal, inferioriza-se (ou inviabiliza-se) qualquer outra possibilidade de experiência social (BOURDIEU, 2003).

As vozes eloquentes dos colaboradores da pesquisa serão aqui apresentadas a partir da análise do material empírico obtidos no campo das escutas, da observação e da história oral de vida dos mesmos.

Para Roudinesco (2003) não basta, portanto, definir a família de um simples ponto de vista antropológico; sendo preciso saber qual a sua história e como se deram as mudanças que caracterizam a desordem de que parece

atingida na atualidade. [...] Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento entre homem e mulher com a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns dos outros: um *genos*, uma linhagem, uma raça, uma dinastia, uma casa etc.

Na perspectiva de Donati (2004), a família mediava as relações externas no sentido de conferir não apenas uma identidade marcante, não modificável ou modificável apenas em parte e com fadiga, mas, sobretudo, aos indivíduos um número muito restrito de possibilidade de alcançar certas posições sociais externas. Nos sistemas sociais modernizados, porém, a mediação social da família deixa de ser rígida e obrigatória e essa tem outra dinâmica.

DÉBORA - É ele chegou em casa com essa novidade, eu já desconfiava, não foi isso que ensinei a ela. Mas ele já é adulto, não sei se errei em algum momento ou se foi por tudo que aconteceu devido à ausência do pai. Estou orando para que Deus dê a ele entendimento e se liberte disso.

Seria até uma utopia pensar em um “modelo” de família, heteronormativa, patriarcal em plena pós-modernidade. Aquela família nuclear está cada vez menos pertinente. Os padrões aqui descritos, nesta pesquisa, apresentam um variado nível de arranjos familiares, o que a Roudinesco vai denominar de família recomposta.

Para Roudinesco (2003), a família ultrapassa os limites da casa, envolvendo a rede de parentesco mais ampla, sobretudo quando se frustram as expectativas de se ter uma casa e realizar papéis masculinos e femininos. Nesse sentido, sem ordem paterna, sem lei simbólica, a família mutilada das sociedades pós-industriais seria, dizem, pervertida em sua própria função de célula de base da sociedade. A vida familiar apresenta-se em muitas sociedades, como hábitos sexuais e educativos muito distantes dos nossos (ROUDINESCO, 2003, p. 8-9).

Tendo em vista a análise dos interditos das famílias em seu processo de construção identitárias Roudinesco (2003) aponta que os últimos levantamentos e laudos contemporâneos sobre a família ou sobre a situação das famílias têm como corolário novos estudos sexológicos sobre os casais e acasalamentos mais requintões. Ela se entregaria ao hedonismo, à ideologia do “sem tabu”. Monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, clonada, gerada artificialmente, atacada do interior por pretensos negadores da diferença entre os sexos, a família não seria mais

capaz de transmitir seus próprios valores. Como consequência, o Ocidente judaico-cristão e, pior ainda, a democracia republicana estariam ameaçados de decomposição.

A ética cristã ocupa-se de um discurso preocupado com o posicionamento dos corpos e com as reconfigurações das práxis individuais e coletivas, a objetificação e santificação dos corpos como sagrado. Como confessores e penitentes de fé, os colaboradores precisam ir além da família diádica posicionada teologicamente, rompendo os moldes que lhes são impostos pela família e a igreja.

MARIA - Não foi essa educação que dei a ela, eu confesso que quase morri, eu tive medo que as pessoas a maltratasse porque ela é assim, achei que a culpa foi minha.

Este seio familiar é o centro de uma clivagem que separa drasticamente a esfera privada da habitação, em torno da qual se erigem verdadeiras barricadas afetivas, é o espaço público das relações sociais externas, tais como trabalho, grupo de amigos, associações, escola, muitas vezes percebido como hostil, incentivador da liberdade e que conduzem para os caminhos diferentes das orientações familiares da esfera privada que é definido como um espaço fechado das relações íntima cuja imagem deve ser preservada dos borrões sociais, principalmente nos lares protestantes. Nota-se que há claramente uma genealogia sexual e uma construção epistêmica da ética cristã, o Foucault já desvelou, em sua hermenêutica do desejo, questões relacionadas à corporificação ética sexual da confissão em relação à docilidade e a outros mecanismos de opressão internalizados através do ato de representar a história e a identidade do Outro na confissão histórica cristã.

RAQUEL - Nasci no município de Jaguaquara, em 1974. Morava no povoado do Entroncamento distante 10 km da sede. Meu pai natural do Município de Irajuba/Ba e minha mãe do município de Santa Teresinha/Ba. Meu pai comerciante e minha mãe naquele período costurava para ajudar nas despesas da casa. Ambos não haviam terminado sequer o ensino primário. Comecei os meus estudos aos 5 anos de idade, numa espécie de creche próximo a minha casa na Avenida principal do Entroncamento. Apesar de ser pertinho de casa era sempre conduzida por minha mãe ou irmãos mais velhos para a escola ou no retorno para casa. Aos 7 anos fui estudar no Colégio Estadual Nossa Senhora Auxiliadora, onde

passei a ser a atração infantil dos eventos pelos dons artísticos adquiridos através dos ensinamentos da minha mãe. Apesar da atuação nas dramatizações, grupos de dança, dos recitais de poesia; fora da área da escola as brincadeiras eram sempre na companhia do meu irmão e de preferência as que eram consideradas masculinas, a exemplo do futebol, bolinha de gude, pião, carrinho, sinuca, etc. Talvez por conta de uma época considerada como “inocente” as críticas não eram tão acirradas. Mas sim, cheguei a ser chamada por algumas pessoas na rua, de “moleque macho” uma ofensa levemente grave na época, que insinuava a minha preferência pelas ações masculinas. O termo causava um constrangimento, um certo desconforto, mas a atração pelas brincadeiras que para mim eram mais divertidas do que as bonecas, superavam e provocavam mais prazer, mas adrenalina e eu amava tudo aquilo. Cheguei a ser considerada muito melhor que muitos meninos da minha rua. Isso fazia de mim “o cara”, pelo menos no conceito do meu coração. Foi na minha infância os primeiros desejos por pessoas do mesmo sexo, mas sem qualquer entendimento de onde aquele desejo me levaria. Nas questões religiosas, acompanhei também meu irmão, fomos os primeiros a frequentar uma igreja protestante. Cerca de 3 anos foi que os demais membros da família começaram a frequentar a igreja evangélica.

Jeanette Winterson (1999) mostra o quão incapacitante podem ser as memórias para uma pessoa cuja identidade esteja em luta com o passado e cujo processo todo de formação de identidade seja feito a partir de disrupções, e não por continuidades. O passado pode simplesmente estar dizendo o que não somos, enquanto tem o papel de desautorizar o processo que nos tornamos.

Os marcadores étnicos presentes no campo de pesquisa nos trazem as elucidações dos colaboradores e suas vivências nas esferas públicas e privadas, no seio das relações sociais, o evento é uma saída de armário de um anarquismo significativo contra as díades, a visão da homossexualidade particularmente demoníaca de sexualidade, à luz da igreja e da família.

SAUL - Nasci no interior da Bahia, em uma família protestante. Sou o terceiro de três filhos, logo o caçula. Por ironia do destino, fui o filho escolhido para herdar o nome do pai. Desde muito pequeno, sem taxar efetivamente tudo, eu já tinha a noção de que o que me era imposto não era exatamente o que eu realmente queria. Foi nos processos de socialização que me entendi enquanto homem, gay e não-binário, mas sem nomear nada disso, apenas rompendo as barreiras de gênero e sexualidade com muita curiosidade e inconsciência do que aquilo representava para o resto da sociedade. Acho que é aí que surge uma das minhas primeiras memórias traumáticas, uma reunião de família onde o principal intuito era me alertar de que eu iria para o inferno

por ser quem eu sou. Não exatamente com essas palavras, mas foi assim que eu entendi tudo. Zombaram dos meus desejos, disseram que o que eu sentia era errado e inaceitável. Eu definitivamente precisava mudar. Acho que foi a partir daí que começou o longo caminho na construção da minha baixa-autoestima. Desde então, me entendi também enquanto ser marginal, que teria que viver nas sombras, escondido, mentindo.

Pierre Legendre (1985, *apud* ROUDINESCO, 2002), descreve as instituições judaico-cristãs como montagens simbólicas que permitem aos homens lutar contra as devastações do gozo limitado, do indivíduo “sem tabu” e da “criança-rei”. Assim atribui ao Estado democrático moderno, herdeiros das ditas instituições, o dever de impor a seus súditos uma ordem simbólica cuja função seria salvaguardar as referências diferenciadas do homem e da mulher.

O pequeno episódio do pacto de solidariedade revela que esse Estado abdicou de suas funções de garantia da razão. Freud mostrara a onipresença do desejo homossexual como efeito da bissexualidade psíquica. Instituir a homossexualidade com um status familiar é colocar o princípio democrático a serviço da fantasia. Isto é fatal, na medida em que o direito, fundado no princípio genealógico, abre espaço para uma lógica hedonista, herdeira do nazismo (LEGENDRE, 2001 *apud* ROUDINESCO, 2002, p.89)

A vida familiar é conviver com identidades diferentes e com as diferenças culturais, religiosas, de gênero e sexual em um possível mesmo espaço territorial ou de relações interpessoais. Pensar nos aspectos que se divergem neste contexto é uma tarefa árdua, uma vez que conviver com tais encontros é deslocar ideias fixas sobre quem deve ser o outro a partir de outras experiências.

ISAQUE - No dia que ela soube que o filho tinha casado com outro rapaz, ela foi para embaixo da cama. Passou quase uma semana lá, no chão no escuro, não comia, não bebia nada, ela só chorava... ninguém tirava ela de lá, foi preciso buscar o pessoal da igreja, ela ficou mal. Pensei que ia morrer.

Cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação de uma realidade vivida, com base nos elementos que objetiva e subjetivamente acessíveis aos indivíduos na cultura em que vivem. Os mitos

familiares expressos nas histórias contadas, cumprem a função de imprimir a marca da família, herança a ser perpetuada (SARTI, 2004).

SARA - Fui criada até os 5 anos pelos meus pais sendo minha mãe protestante e meu pai católico. Quando foi aos 5 anos meus pais separaram e eu apesar de muito contato com meu pai continuei morando com minha mãe. Cresci na igreja com ela, até hoje me contam várias histórias e eu me lembro de algumas de quando nova.

Segundo Roudinesco (2002), todos os pais têm o desejo que seus filhos sejam ao mesmo tempo idênticos a eles e diferentes. Daí uma situação inextricável na qual a revolta e a separação são tão necessárias quanto à adesão dos valores comuns, até mesmo a nostalgia de um passado idealizado. Como consequência os filhos herdaram em seu inconsciente da infância de seus pais, de seu desejo e de sua história o mesmo que de uma diferença sexual.

As famílias são agrupamentos de pessoas unidas por laços sanguíneos ou não que dividem um mesmo espaço. Na concepção judaico-cristã a família é um projeto de “Deus” para a continuidade da espécie humana, “sedes férteis e multiplicai-vos” (GÊNESES 1:28). Neste contexto tudo que foge à regra não procede do “Pai”, que certamente punirá o “transgressor”, conforme o que é ensinado por seus dogmatismos religiosos nos lares cristãos.

ABRAÃO - Sempre fui um garoto doutrinado pela religião. Fui criado por mãe e avó protestante e nesse meio sempre foi ditado o que menino pode e não pode fazer quais deveres e como se portar. Durante toda minha adolescência sempre me martirizei, pois desde os 11 anos de idade eu já entendia que eu estava indo para um caminho diferente do que preconizados na igreja. Sempre estive à frente de grupos e até mesmo encima do púlpito, mas quando chegava em casa, pedia a Deus que tirasse de mim os desejos que cada vez mais crescia em mim. Não que eu desejasse ser de outro sexo, mas por sentir atrações por pessoas do mesmo sexo. Várias vezes fui advertido por líderes quanto ao meu andar, minha forma de falar, agir e tratar as pessoas, e isso me destruía por dentro. Aos 18 anos tive a oportunidade de sair de casa, fui estudar fora, e comecei a me dar certas oportunidades de me conhecer melhor e entender o que realmente acontecia comigo. E foi neste momento que eu pude perceber que na verdade não existia nada de errado comigo, e por vezes eu sentia o cuidado e o amor de Deus em mim, demonstrando que ele me ama exatamente como eu sou. A partir do momento que eu entendi isso, decidir não ter mais religião, e hoje sinto que sou mais livre e próximo de Deus.

A família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre as influências do contexto político, econômico e cultural no qual está emersa. A perda de validade e modelos de tradição e a incerteza a respeito das novas propostas que se apresentam, desafiam a família a conviver com certa fluidez e abrem um leque de possibilidades que valorizam a criatividade numa tentativa de acerto/erro (PETRINI, ALCÂNTARA & MOREIRA, 2002).

Freyre (1992 *apud* PETRINI, ALCÂNTARA & MOREIRA, p. 126, 2002), diz que “[...] entra em crise com o surgimento de novos modelos de comportamento que regulam relações entre os sexos e as relações de parentescos”. Essas relações tendem a querer regular e normatizar os corpos sobre o domínio do patriarcado, do chefe de família, cujo nível de valores sociais está baseado no conceito de família enquanto aparato biológico de reprodução e continuação das espécies.

Porém, como muitos fatores externos têm influenciado os modos de pensar e os valores no jogo das relações familiares e os modelos de comportamento de cada membro, uma vez que são questionados os pilares que a sustenta tende a causar instabilidade e desequilíbrio sobre as formas de poder, sendo que tais processos podem ser gerados tanto no campo religioso como pela escola, a difusão e a libertação do pensamento crítico social.

SETE - Tenho 20 anos de idade, nasci na cidade de Brejo Santo, no estado do Ceará. Meu pai foi assassinado, quando eu ainda tinha 10 meses de vida. Ficamos eu, minha mãe e minha irmã, sozinhas. Desde então, minha mãe sozinha para sustentar a casa e cuidar da gente, até que ela conheceu um rapaz e eles começaram a namorar. Viemos embora para a Bahia, no ano de 2002, lugar onde moramos até hoje, passamos a frequentar a igreja protestante, nos tornamos membros, passei a fazer parte do ministério de louvor, eu não me encontrava na igreja, a minha mãe e minha irmã sim... Eu nunca tive um bom relacionamento com esse rapaz que minha mãe se relacionava, ele era muito agressivo comigo, me ofendia, me batia... não aceitava quem eu sou... Graças a Deus não mora mais com a gente, minha mãe descobriu uma traição e finalmente se separaram. Gosto de repetir isso todos os dias: "que paz..." Pois, agora eu posso dizer que vivo tranquilamente com minha mãe e minha irmã.

Para Donati (2008), a família é a relação social que emerge como fenômeno produzido pela interação entre todos esses componentes que a

constituem, no momento em que se especificam no interior do código cultural próprio da família, é aquele de conectar entre si os sexos e as gerações.

EVA - Desde pequena ela sempre foi diferente, gostava de carrinho, bolas e coisas dos meus irmãos. Ela nunca disse para nós que era (lésbica) mas eu sei, acho que a minha mãe também sabe, mas ela prefere ignorar, para não sentir vergonha perante a igreja, para as pessoas não ficarem comentando. É melhor assim para minha não sofrer ainda mais.

Portanto, as novas gerações muitas vezes tendem a estranhar os modelos educativos propostos pelos pais, gerando muitas vezes desgastes nas relações entre os jovens e seus familiares, pois estas formas de convivência não estão em um plano vazio, mas impregnados de subcultura nos aspectos sociais, político, escolar, econômico e religioso, o que desestabilizam a convivência no seio familiar. Para Sarti (2003), o discurso social sobre a família se reflete nas mais diferentes famílias, como um espelho, que por sua vez, devolverá ao mundo social sua imagem, filtrada pela singularidade das experiências vividas. Assim, cada família constrói seus mitos a partir do que ouvi sobre si, dos discursos externos internalizado, mas devolve um discurso sobre si que contém também sua própria elaboração, objetivando sua experiência subjetiva.

3.2 DA REPRESSÃO AO MEDO: OS MODELOS EDUCACIONAIS DAS FAMÍLIAS CRISTÃS

As crises existenciais sempre fizeram parte da construção do Eu. Nossas vidas são marcadas por um longo processo de fazer-se e desfazer-se da nossa identidade. No panorama das histórias de vida, os marcadores étnicos são fundamentais para interiorização de nossas vivências. Os estigmas produzidos no campo das relações sociais refletem em na autoestima, na vida profissional e no relacionamento com os pares.

SAUL - Como eu sou de uma família cristã, eu cresci no cinturão bíblico. Eu fui ensinado a acreditar nas coisas que eles acreditam, que julgam ser certo ou errado. Por muitas vezes por saber que a minha família não iria aceitar a minha orientação sexual, já pensei em situações extremas, pensei em suicídio [...].

Os silenciamentos, o apagar das identidades e reformulação das identidades, são marcadores presentes neste estudo no campo teórico e nos fragmentos nas histórias de vida aqui relatadas. A norma impera poder, e este portanto, passa pelas instituições e o Estado, acionando dispositivos de regulamentação. Para Foucault (1988), a sexualidade do indivíduo está na encruzilhada do corpo e da população, o que explica o investimento e dependência na disciplina e também na regulamentação.

SETE - Quando eu era criança, mais o fato que eu sempre me sentir rejeitada. É eu sempre rejeitada e aquilo fez com que eu me trancasse e não me abrisse para ninguém e desde que eu sempre soube que eu era, eu falei: poxa eu preciso conversar com alguém, eu não tinha amigas, não podia falar com minha mãe, não podia falar com a minha irmã. Aí eu passei muito tempo, acho que dos 12 até aos 18 anos de idade guardando aquilo para mim. E mim doía mais por que eu não me aceitava. Eu olhei para mim e pensei, eu tentei fugir e acho que por isso doeu mais. A minha mãe sempre foi ligada nas coisas religiosas, a participar da igreja e a minha irmã sempre estava ali lado a lado com ela. Mas eu sempre tive a visão que eu não preciso estar lá dentro para ser uma pessoa feliz, uma pessoa que entende o que é certo ou errado. Eu preciso ter caráter para distinguir estas coisas. Eu fui obrigada a ir à igreja, eu não queria ir. Mas a minha mãe falou assim: você vai! E aí eu fui, fiquei lá uns três anos, chegou um momento em que me acostumei, mas eu não gostava. Eu não tinha fé no que as pessoas pregavam.

Aqui nos defrontamos mais uma vez com uma relação de poder, que já havia se apresentado nos discursos dos modelos educacionais patriarcais das famílias cristãs, na tangente nos deparamos com o sentimento de exclusão do seio família e nas rupturas existentes na constituição do “EU”, dos colaboradores, é uma questão fundante.

DÉBORA - Meu filho te disse que é gay, eu não tenho filho gay! Ele está vivendo uma crise, foi assim com outros jovens da igreja. Nós oramos, aconselhamos e vai passar.

O trabalho de transformação dos corpos, ao mesmo tempo sexualmente diferenciado e sexualmente diferenciador, que se realiza em parte através dos efeitos de sugestão mimética, em parte através de injunções explícitas, e em parte, enfim, através de toda a construção simbólica da visão de corpo biológico (e em particular o ato sexual, concebido como ato de dominação,

de posse), produz *habitus* automaticamente diferenciados e diferenciadores. A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes, em certo sentido, intermináveis que, sem dúvida, hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de domínio, assim naturalizada (BOURDIEU, 2012).

SAUL - Até muito pouco tempo eu tentava ser o produto (mesmo que defeituoso) deles. A minha identidade, dentro do contexto em que eu estava inserido, era extremamente negociável de acordo com o que minha família achava apropriado ou não. Por muito tempo eu me comportei como eles disseram que eu teria que me comportar me vestir como eles disseram e até mesmo me esforçava para internalizar pensamentos que eles diziam que eu teria que pensar e sentir. Desde então, me sinto um impostor, não só no meio deles, mas um impostor comigo mesmo, traindo quem eu realmente sou. Até hoje estou no processo de me perdoar por isso e muitas outras coisas mais.

Neste ponto é importante indagar: Porque é necessário normatizar um corpo segundo a visão social e os dogmas da religião? Para este mesmo autor, é através do adestramento dos corpos que se impõe as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo inclinados e aptos a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência etc. Assim, embora as pulsões e tensões existentes no campo das relações familiares sigam um padrão de normalidade na convivência com seus pares, no tangente sobre os homossexuais, observamos o enquadramento de um modelo hierarquizante de alguns mecanismos que são ativados para regulação dos corpos, mesmo que oferecidas de forma inconsciente, o que a Berenice Bento (2011, p. 556), vai denominar de “engenharia de produção dos corpos normais”.

A capacidade do corpo de um menino de representar, entre outras coisas, os medos, fúrias, apetites, e perdas das pessoas ao redor [...] é aterrorizante, quem sabe, em primeiro lugar para elas, mas com um terror que o menino já aprendeu com grande facilidade e, de todos os modos, com muita ajuda (SEDGWICK, 1993, p. 199).

As regras de controle geram tensões e aprisionamento as identidades. O pedido se suplica destes corpos homossexuais refletem de diferentes formas

no campo das subjetividades, os reforços destas normas de controle pelas instituições, implicam na autoestima, nas relações com outros pares e pode implicar no seu próprio apagamento social, conduzindo-os a uma estreita convivência com outras pessoas. Para avaliar os acontecimentos, é indispensável retrair a história de vida dos sujeitos e como se dá a constituição do eu.

SETE - Quando eu contei, ela teve convulsão e essa cena se passa todos os dias na minha cabeça. Foi desesperador vê-la daquele jeito, achei até que fosse morrer. Mas depois as coisas se ajustaram.

Toda essa dor e sentimento de fracasso expressado pela mãe, ao ouvir quanto à orientação sexual aponta que em meio a uma cultura heteronormativa e no seio da constituição familiar, recai sobre as mães o sentimento de “culpa” e responsabilidade sobre a educação e orientação sexual dos filhos, e que quando foge à regra o sentimento de “falha” é exasperado pela repressão. A sociedade patriarcal no qual estamos inseridos perpetua esses discursos sob a óptica das doutrinações eclesiais de que para a mulher está reservado estas atribuições entre outras pertencentes às instâncias da vida privada. Nos termos de Foucault (2007, p.84): “aquele que escuta não será só dono da verdade”, verdade está fundamentada em uma sociedade de controle e repressão do desejo, pela busca da heteronormatividade.

A heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relaciona. Em nossos dias, a sociedade até permite, minimamente, por sinal, que as pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo; portanto, ao menos para alguns estratos sociais privilegiados, já não vivemos mais em pleno domínio da heterossexualidade compulsória. Nas classes médias e altas urbanas, sobretudo metropolitanas, ganhou clara visibilidade da existência de pessoas que se interessam por outras nega a elas a homossexualidade, mas a sociedade ainda exige um estilo de vida que mantém a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todo/as (MISKOLCI, 2017, p.46).

Como Foucault deixa claro, a iniciativa culturalmente contraditória do mecanismo de repressão é proibidora e generativa ao mesmo tempo, tornando a problemática da “libertação” especialmente aguda. O corpo feminino liberto dos grilhões da lei paterna pode se mostrar apenas uma outra encarnação dessa lei, que posa de subversiva, mas opera a serviço da auto ampliação e proliferação da

lei. Para evitar a emancipação do opressor em nome do oprimido, temos de levar em conta toda a complexidade e sutileza da lei, e nos curarmos da ilusão de um corpo verdadeiro além de si. Se a subversão por possível, será uma subversão a partir de dentro dos termos da lei, por meio das possibilidades que surgem quando ela se vira contra a si mesma e gera metamorfoses inesperadas. O corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais (BUTLER, 2003).

SAUL - Desde pequeno eu me entendo desse jeito, é por isso que não consigo compreender quando alguém defende a tese de que as pessoas se tornam ou escolhem porque para mim nunca teve isso, eu sempre fui desse jeito, não existiu esse momento onde eu escolhi ser determinada coisa, eu sempre fui. Eu acho que esse é um dos meus problemas, eu tenho sempre quis viver, eu tenho a urgência de ser quem eu sou, de querer viver quem eu sou muito extremo. Eu sinto vontade de me expressar, eu sinto essa vontade, é por isso que muitas vezes eu fujo para alguns campos, muitas vezes, por exemplo, para arte, música, filmes, porque é como se fosse uma anestesia, quando eu vejo esse tipo de coisa, quando eu ouço uma música que gosto, é quando eu me desligo do mundo real e vou para algum lugar onde eu me sinto aceito.

Os estigmas produzidos no seio dessas relações familiares provocam estranhamento na construção deste “outro” diferente, tais manifestações causam rupturas, afastamento social, culpa e medo. Uma vez que o ponto central seria um jogo mais profundo para compreender o significado e o alcance que a vida social ganhou. É importante perceber que o caráter opressivo produz uma identidade “vulnerável”. Deleuze (1968, p.47), diz que “o poder requer corpos tristes, o poder necessita de tristeza para conseguir dominá-lo”.

Segundo Cohn (2018), a identidade denominada de “fraturada” (talvez devesse dizer “vulnerável”) só se dá em condições históricas e sociais particulares. Isso ocorre quando seus portadores se veem às voltas com as exigências cruzadas que tornam sempre problemática a localização de um centro bem definido, e o convertem em horizontes de busca mais do que em garantia previamente dada. Assim, as identidades são construídas e reconstruídas no campo subjetivo a partir de outras relações, assumindo uma outra dimensão social.

SARA - Eu nunca senti a necessidade de chegar a todos e

"assumir", eu ajo normalmente, como sou com meus trejeitos, sem forçar a barra, todos entendem, fazem vistas grossas, mas no fundo eu sei que me respeitam e me aceitam do jeito que sou!

A Sarti (2003, p.21), vai nos dizer que “na relação dos jovens com a família joga um papel fundamental a forma como está incorpora esses “outros” estranhos ao meio familiar que o jovem traz para casa, porque neles se reconhece, sendo parte essencial da sua busca de sentido para a sua existência pessoal. A disponibilidade da família em lidar com esse outro mundo jovem serão determinantes das relações na família e nesse momento de sua vida.

As formas de educação familiar, religiosa e escolar impactam significativamente na vida dos sujeitos. Elas são vistas como um mecanismo na construção de homens e mulheres “ideais”, regulamentados por um modelo heteronormativo. Neste contexto a vivência de gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto aqueles que fogem à norma são considerados desprezíveis.

SAUL - A coisa foi feia no dia que dei indícios que eu era gay. Pensei que a minha mãe ia morrer. Naquele dia ela gritava dizendo: “você vai para o inferno, Deus não aceita, Ele não aceita esse pecado. É muita desonra ter um filho gay. Eu vou pedir a cura em oração! [...] (houve choro e silêncio durante alguns minutos antes de continuar os relatos orais) [...] eu passei um ano me culpando, envergonhado, todos os dias que eu ia fazer caminhada orava durante o trajeto para que um caminhão passasse por cima de mim. Por que pedia a Deus para mudar, Ele (Deus) não me curava disso. Ela vive o luto, mesmo eu estando vivo, ela não suporta tocar no assunto.

Diante do aparato elucidado pelo sujeito de pesquisa acima, podemos refletir sobre as elucidações de Deleuze (1968, p. 198), onde propõe que “Deus se definia pela identidade de sua essência e de uma potência absolutamente infinita, potencia Como tal, teria uma potestas, ou seja, um poder de ser afetado e um Poder de ser potência em infinitas maneiras; esse poder estaria eterna e necessariamente preenchido, Deus sendo causa de todas as coisas no mesmo sentido que é causa de si”.

Machado (2007, p.1-16) aponta que, “as expressões assumidas pelo demônio dependem da cultura religiosa da sociedade, das relações sociais que envolvem grupos de fiéis, e mesmo do contexto geográfico em que tais relações

se desenrolam”. Os seguimentos sociais denominados pentecostais trazem esses discursos com mais veemência.

ISAQUE - No dia que ele assumiu que era gay eu pensei que a minha mãe ia morrer, ela gritava: você vai para o inferno, Deus não aceita isso. Aí eu falei mãe eu teria muita vergonha de ter um filho gay e a senhora como avó, foi aí que ela deu uma segurada.

Nesta perspectiva, “as experiências do estigma e da humilhação social daquelas pessoas que são frequentemente xingadas, humilhadas por causa da sua não normatividade de gênero” (MISKOLCI, 2017, p.17) é algo cultural que está presente em homens e mulheres moldados pela religião ou modelo educacional. Desta forma, é emergente romper com os padrões sociais e culturais construídos envolto da norma que impera sob a óptica da “condenação ao inferno”. A configuração Bíblica de repressão para a homossexualidade está na interpretação equivocada de alguns cristãos para o texto de Gêneses 19: 1- 29, onde fala sobre a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, o Livro de Levíticos capítulos 17, 18, 19 e 20, mais especificamente os versículos de Levíticos 18:22 ¹⁷e Levíticos 20:13 ¹⁸que traz uma longa punição sobre os que não cumpriam os rituais de “purificação do corpo” entre os judeus.

A interpretação literal da Bíblia e o uso insistente das ações pelo viés da igreja, como aquilo que não se enquadra na norma, sendo classificado como “erro”, “queda” e “desvio” ganham força com a expansão do pentecostalismo brasileiro, oriundo dos EUA, apregoando o princípio que Deus criou homens e mulheres como seres naturalmente complementares, entendendo-se a complementaridade em termos dos elementos necessários para a reprodução humana; e fugir desse arranjo é “negar”, “desobedecer”, rejeitar a ordem divina.

Segundo Mott (2001), como se constata, diversas tragédias da história humana foram atribuídas aos amantes do mesmo sexo: o dilúvio universal, a destruição de Sodoma, Gomorra e das cinco cidades circuncidantes. O principal teólogo franciscano medieval, São Boaventura (1221 – 1274), defendia que a razão da demora de Jesus Cristo se encarnar, desde a remota promessa feita por

¹⁷ Levíticos 18:22 “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”.

¹⁸ Levíticos 20:13 “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles”.

Javé a Abraão, se devia ao fato de a terra estar sobremaneira infestada de sodomitas, e que na noite de natal morreram multidões dessas imundas criaturas. Que além de ter causado o desmantelamento da famigerada Ordem dos Templários (1123 – 1312), atribui-se aos homossexuais a derrocada de dois grandes impérios antigos: a queda do Império Romano e a perda da Andaluzia pelos muros. Razões que abundavam, no imaginário popular, para temer o amor homoerótico.

Segundo Deleuze, podemos pensar que isto não seja apenas uma história relacionada à compreensão de Deus e culturas em confronto em Gêneses 19, mas uma série de novas conexões criadas na história que torna a sodomia um conceito vizinho do Deus da apropriação. Muito provavelmente, Sodoma não era o que poderíamos chamar de uma “cidade homossexual”. Sodoma era uma cidade onde as pessoas provavelmente tinham uma compreensão mais ampla da sexualidade e da divindade do que o povo de Ló (ALTHAUS-REID, 2019, p.130).

Em uma leitura mais hermenêutica dos escritos, é possível constatar que em nenhum momento a palavra homossexualidade é pontuada nas escrituras. O pecado exercido pela população daquelas cidades se deu a falta de hospitalidade com os que ali haviam chegado, o que historicamente é comprovado, pois no Velho Mundo a falta de hospitalidade era considerada uma infração grave. Noutras palavras, o texto em si nada revela sobre a homossexualidade. A difusão deste pensamento ocorre somente a partir do século XI com a difusão do pensamento ideológico e político, impondo a Bíblia a outros significados.

O crente se vê como indivíduo capaz de uma opção religiosa, de se livrar da opressão do mal e conseqüentemente um ser responsável por seu próprio bem e dos outros que o cercam. Ao atribuir maior autonomia e responsabilidade ao indivíduo, o pentecostalismo estaria reafirmando o indivíduo moderno que o autor é o próprio destino. Este passa a perceber sua biografia como fruto de suas decisões racionais que implicam numa reflexão e conseqüente ação (MARIZ & MACHADO, 1996, p. 144).

Assim, a construção doutrinária do “corpo santificado”, produz mecanismos de exclusão social. Neste contexto a igreja evangélica vê a autonomia dos sujeitos como uma ameaça ao grupo religioso e à organização

social como um todo. Segundo Duarte (2005, p.138), esse “*ethos*”¹⁹ privado inclui todos diversos aspectos da ideologia individualista contemporânea, bem como engloba todos os valores, sentimentos e comportamento relacionados ao prazer corporal, à satisfação moral, à reprodução sexual e à conjugalidade – donde também a própria constituição familiar”.

ABRAÃO - Então, não foi como eu queria, mas foi como eu esperava deles. Eles ficaram calados, choraram muitas vezes, me ligaram falando sobre bíblia, sobre inferno, sobre morrer. Fizeram meu psicológico de chão durante várias semanas, mas fui reerguendo e aqui estou.

Essa solidariedade escandalosa da moral e ética que impera nos discursos das famílias cristãs protestantes, são reforçadas diariamente em suas formas de doutrinação dos modos de vida daqueles que permeiam em seus templos. Fundamentados em uma pauta de libertação e cura, com base em seu “livro da vida”, a Bíblia, que regula as normas trazem à tona o discurso da Sodomia para aprisionar os corpos homossexuais. A Butler (2004) vai nos dizer que a homossexualidade em certos contextos pode constituir-se como uma palavra contagiosa.

[...] as mensagens religiosas relativas ao controle comportamental ou “*ethos privado*”²⁰ parecem funcionar para os sujeitos sociais mais como “justificações” (paradoxais porque inconscientes) de sua adesão pessoal, seja sob a forma de uma substituição / alternância da adesão religiosa na direção de uma melhor adequação ao estilo de vida abraçado, seja sob a forma de um questionamento ou desobediência pontual aos preceitos de uma religião assumida. A adesão contemporânea aos discursos e experiências confessionais tenderia, assim, a consistir em uma “justificação” (no sentido de uma “racionalização” a posteriori) religiosa de disposições cosmológicas mais profundas e abrangentes, cujas as chaves se encontram na ideologia laica da modernidade (DUARTE et al, 2006, p.25).

Portanto, na dinâmica dos processos sociais contemporâneos, algumas igrejas são capazes de propiciar justificações religiosas para muitas alternativas comportamentais decorrentes da difusão complexa e não linear dos valores modernos. Outras, entretanto, são especializadas em organizar a resistência mais

¹⁹ Conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade.

²⁰ Discurso de controle

ou menos sistemática a esses valores.

3.3 IDENTIDADES EM CRISE E EX(IN)CLUSÃO SOCIAL

Vivemos a potestade do poder dogmático da igreja, onde o que nos acalenta em nossas orações e petições é chegue aos Céus a forte exclusão, o sentimento de dor e perda do eu interior vivenciado por cada jovem homossexual, excluído de seus seios familiares, aprisionados em seus armários eclesiais e modelos educacionais familiares. O que nos move enquanto pesquisadores das relações étnicas na perspectiva de gênero, sexualidade e etnia é ouvir a eloquência das vozes que ecoam: “Não é possível conceber amor quando dobro meus joelhos em “clamor” para que Deus “liberte”, “salve”, “cure” e “transforme””, uma petição elucidada em um círculo de oração em uma tarde de sexta-feira, por uma mãe que renega o filho do seu ventre por que ele foge a margem dos ensinamentos daqueles que o gerou, daqueles que aprisiona o seu “eu” por questões enraizadas pelo dogmatismo. Estrategicamente e sexualmente localizado essa relação entre a igreja e o domínio social nos do corpo, Deleuze (2001, p.293) elucidada que, “Deus não pode mais garantir nenhuma identidade! Esta é a grande “pornografia”, a vingança levada a cabo pelos espíritos contra Deus e os corpos”.

ANA - É muita desonra ter um filho gay. Eu vou pedir a cura em oração, Deus não vai deixar isso acontecer, todos zombarem de minha família.

A miséria sexual na sociedade autoritária e patriarcal é resultado da negação e repressão sexuais, que lhes são intrínsecas e provocam a estase sexual, a qual por seu lado produz as neuroses, as perversões e o crime sexual. Por essa razão uma sociedade que não tem interesse na repressão sexual deve estar livre da miséria sexual. Historicamente falando, enquanto não existir tal interesse, ela permanecerá livre da miséria sexual (REICH, 1988, p. 29). Assim, analisaremos os discursos heteronormativos existentes nas famílias cristãs protestantes, no tocante nos seus “rituais” de “santificação”, “cura” e personificação da identidade dos jovens homossexuais à luz dos ensinamentos judaico-cristãos, cujo processo educativo visa inserir socialmente um sujeito que

atenda as exigências sociais e disposto a obedecer às normas regulatórias. Assim, as “pressuposições sobre os comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha a causa” (BENTO, 2008, p.35).

SETE - Certo dia estava em um ensaio da igreja, e a líder dos jovens falava o tempo inteiro sobre o inferno, em suas palavras ela me olhava e dizia: Aí não vai não (se referindo para o Céu), desce (inferno). Sabe quando você não acredita em uma coisa? Então percebi que não ficaria lá por muito tempo. Durante a permanência na igreja passei por momentos bem difíceis, eu não podia falar nada para ninguém, eu tive que aguentar tudo sozinha. Foi com o tempo que refletir e disse: Tenho que me aceitar, por que não vou conseguir fugir disso, mas por muitas vezes eu tentei fugir, mas enfim eu sou e acabou! Foi difícil, pois sabia que seria muito criticada e rejeitada, fui e sou. É difícil, mas no começo era bem mais complicado. A gente aprende a não se importar tanto com o que dizem. Ao invés de pregar o amor, com a palavra de Deus, maioria prega o ódio, e usa isso para nos ferir.

Os interditos nas relações construídas entre o sujeito homossexual, a família e a igreja protestante fundamentam-se no discurso médico religioso e ganham força quando seus pares reforçam a ideia de perversão da moral e da ética cristão, tratando o homossexual como “doente”, “pecador” e criminoso. As discriminações existentes nestes espaços de relações sociais vão muito além dos marcadores de repressão e disciplina, vão construindo uma fronteira étnica entre os pares que estão inseridos em uma mesma instituição social seja ela a família ou a igreja. Para Weber (2003, p. 01), “as fronteiras étnicas são mantidas em situações de interação social”, assim, as tensões existentes entre pais e filhos, a igreja e seus adeptos, principalmente nas questões da homossexualidade, vão criando abismos e uma amputação nas relações.

RAQUEL - Acredito que a grande maioria dos homossexuais busca na base familiar justificativa para as suas escolhas ou opções comportamentais, sentimentais, etc... Explicam relatos carregados de possíveis motivos que os levaram aquela escolha. Até determinado período da minha vida, não foi diferente pra mim. Forçava as lembranças da infância, tipo: as ausências noturnas do meu pai, as noites em claro no colo da minha mãe até que ele chegasse em casa, a pequena diferença de idade entre meu irmão e eu, o que me aproximava mais dele nas brincadeiras, participar do trabalho no comércio do meu pai que era mais frequentado por homens e por aí vai. Hoje já não acredito que minha família tenha influenciado de alguma forma no meu modo de ser. Não vejo a homossexualidade como uma escolha, afinal ninguém em sã consciência escolheria sofrer preconceito, viver

em silêncio o que não é nada bom ou esconder sentimentos, algo que eu nunca soube ao longo da minha vida.

O ato de ressignificar o passado em uma partilha de memórias, de crenças em si mesmo, traz à luz vivências que quando revisitadas podem ser perdoadas no ato de confissão de suas subjetividades. Jeannett (1990), mostra quão incapacitantes podem ser as memórias para uma pessoa cuja identidade esteja em luta com o passado e cujo processo todo de formação de identidade seja feito a partir de disrupções, e não por continuidades. O passado pode simplesmente estar dizendo o que não, somos enquanto tem o papel de desautorizar o processo que nos tornamos.

Para Foucault (1980), as sociedades diferentes precisam de corpos diferentes desempenhando coisas diferentes. Foucault já “desvelou, em sua hermenêutica do desejo, questões relacionadas à corporificação ética sexual da confissão em relação à docialidade e a outros mecanismos de opressão internalizados através do ato de representar a história e a identidade do Outro na confissão cristã histórica. Isso nos desvela um ponto crucial, relacionado ao que Butler chama de localização da matriz heterossexual” (BUTLER, 1990, p.12). Os relatos sobre as identidades sexuais nas famílias cristãs expressam as diferentes formas de violências simbólicas e o afastamento destes jovens do convívio congregacional eclesial, pois todos os colaboradores relataram que sofreram crises sem suas identidades por interferência da religião, assim subentende-se que eles deveriam comporta-se “em conformidade com sua essência social que lhes é assim atribuída” (BOURDIEU, 1996, p. 82).

SETE - Acredito que o principal pilar que sustenta a homofobia é a religiosidade (principalmente a judaico-cristã, a qual a nossa sociedade ocidental é fundamentada por um contexto histórico de colonização). Acho que essa discussão passa por outras questões e estruturas de opressão muito além e enraizadas na nossa cultura, como o ideal de família, herança e propriedade privada construídos sob uma ideologia capitalista. Toda e qualquer ideia não-normativa e de não perpetuação dessas estruturas nesse meio é abominada.

Segundo Ceccarelli (2002), os critérios que determinam a forma “correta” do exercício da sexualidade, construídos e historicamente datados, são arranjos

simbólicos que repousam sobre o sistema de valores de uma dada sociedade. Na sociedade ocidental, dominada pela tradição judaico-cristã, esse simbólico é marcado por uma visão negativa da sexualidade, cujas origens devem ser buscadas no relato bíblico do pecado original. Foram também os ideais da cultura ocidental que deram origem ao discurso que classifica as práticas sexuais desviantes em “normais” e “anormais” (ou perversas desviantes). A partir da ideia de uma sexualidade normal segundo a natureza, todo desvio passa a ser considerada uma depravação – pravus (PEIXOTO, 1998 apud CECCARELLI, 2002).

O ato hegemônico de apropriação é constituído por um processo homogêneo organizado em torno de normas, proibições e aspectos litúrgicos de ação efetuados na esfera do sagrado. Nesse sentido, “a homossexualidade como um aspecto intrínseco ao “eu”, não deixa de ser elaborada pelos sujeitos diante de um corpus de sensibilidade – a dor, o sofrimento, desejos incompreendidos, sensações corpóreas, prazeres -, mas também no âmbito da relacionalidade” (ARAÚJO, 2016, p.48).

A violência sexual presente em toda a Bíblia é ignorada pelos adeptos do cristianismo judaico-cristão, as condenações dos corpos estão sempre atreladas as práticas homossexuais. Tanto a sexualidade quanto a religião (na qualidade de crença individual e/ou coletiva) terminam por “modelar” “a subjetividade dos sujeitos, conduzindo a distintas formas de percepção e de vivências do mundo e das relações sociais, que são continuamente reelaboradas no fluxo da experiência social” (NATIVIDADE, 2005, p. 248). Desta forma, aqueles que cometem tais “pecado” serão lembrados diante do arrependimento de vossas práticas, conforme os doutrinamentos de algumas igrejas. Impondo uma ordem heteronormativa e patriarcal estas instituições causam violação dos direitos humanos, no respeito às diferenças e propagam um princípio de igualdade destrutiva que aprisiona corpos por meio da opressão.

ABRAÃO - O respeito predomina em ambos os lados. Não costumo citar questões de gênero e sexualidade com eles, pois a maioria ainda tem pensamentos arcaicos, e para não causar desconforto prefiro guardar muita coisa pra mim. Isso não quer dizer que sou encubado, ou dentro do armário (risos), mas evito discussões.

A questão é que desde que a exclusão se tornou uma forma de morte civil para vastos setores da população de grandes cidades, a sexualidade também se tornou de alguma forma desregulamentada. Como Gramsci (1970, p. 491) pontua, “estamos sempre sendo confrontados com o desafio de encontrarmos métodos de reflexão que podem expor a fragmentação dos excluídos como um grupo, entretanto resistimos às tendências reabsortivas da teologia e das elites eclesiais”.

SAUL -. Hoje tá sendo bem difícil. Parece que é um daqueles dias que todo mundo tirou pra reafirmar pra mim que eles não me aceitam e não vão me amar do jeito que eu sou. Ontem fiz umas fotos e Saulo também. Eu faço a medida de várias coisas a partir do meu irmão do meio, na verdade. Ele é praticamente tudo o eu não sou e que deveria ser. Hétero, cis, magro, bonito e fonte de orgulho para os pais. As coisas nos afetam em diferentes níveis, discrepantes! O caso é que, como LGBTQ+ eu tenho diversos sentimentos reprimidos e reprimidos, para despistar todo mal que isso me causa, eu preciso me expressar de alguma forma, usar de todas as válvulas de escape possíveis. Me expressar através da minha imagem é uma delas. Por isso, as fotos que peço pra tirarem de mim são incomuns, carregadas do meu grito de socorro e atenção. Acontece que eles (família e sociedade) não querem que eu me movimente, me expresse, se destaque e ocupe espaços e tenha visibilidade, porque eles abominam quem eu sou e o que eu represento, além de acreditar que tudo isso em mim diz respeito e eles, o que é o contrário. Minha mãe não para de me perguntar sobre essas fotos, de forma negativa, como se tivesse feito uma obscenidade. Ela disse antes “olha essas fotos que tu tira, tira bonito, com JEITO DE HOMEM”, “vai pedir a Deus para te libertar disso”. Entendeu? Ela não aceita que eu performe quem eu sou ou que eu sinto porque pode estar fora dos padrões de masculinidade que pra eles são invioláveis. Já pra meu irmão, ninguém diz nada ou olha torto.

Vamos analisar pela própria óptica dos ensinamentos bíblicos. Nas Escrituras Sagradas há inúmeros textos que trazem a luz sentimentos como: tolerância, respeito, reciprocidade, cuidado, zelo e o ato mais apregoado por seus adeptos o AMOR, este expresso em um Deus que é trindade, capaz de se tornar homem em um sacrifício de amor. As relações estabelecidas entre os colaboradores e as instituições eclesiais de seus familiares podem ser expressas de múltiplas formas.

SAUL -. A repreensão não, só da igreja, mas de toda a comunidade. É uma cidade pequena de interior, praticamente todos se conhecem. Acredito que será de lamento e repreensão.

Surpreso ninguém vai ficar, obviamente, pois como eu sempre digo, meu armário é de vidro.

Devorante outro colaborador pontua:

SETE - Muitas pessoas não falam mais comigo, outras, falam só o necessário. Hoje, não frequento mais igrejas.

A Bíblia em seus Evangelhos traz estas manifestações de amor e zelo de Deus. Em uma leitura mais hermenêutica, estes aspectos estão fundamentados na acolhida do Outro. Não são poucas as passagens escritas neste livro que elucidam que Deus, ou melhor, o próprio Jesus realizou o primeiro movimento de inclusão e de lutas de classe em sua época, o que já nos faz compreender a sua condenação.

Este Homem, adorado pelos cristãos lutou contra os governos de sua época para que os invisibilizados tivessem acesso à vida em sociedade, tornou-se um revolucionário. Suas passagens pelas cidades eram marcadas de multidões, pobres e oprimidas que ouviam seus ensinamentos. Em um de seus discursos descritos no Evangelho de Mateus 11: 28-30²¹ que diz: “28 - *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. 29 - Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. 30 - Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve*”. Assim, percebe-se que há divergências entre as práticas exercidas pelos cristãos e seus ensinamentos.

Pautados nestes versículos, é possível perceber que as opressões não estavam restritas apenas as mulheres, enfermos, negros e pobres, mas que neste grupo estavam os homossexuais que viviam naquela época. Certamente esse fenômeno pode ser explicado se levarmos em conta que sexualidade e religião constituem “campos inter-relacionados, os quais entram no esquema de morais socioculturais contextualizadas” (SCOTT, 2007, p. 13-14 apud ARAÚJO, 2016, p.68). Estes modelos reprodutivos de controle social da igreja sobre a sexualidade e o corpo exige a compreensão teológica da pluralidade de Deus, reivindicando representatividade e voz em um ato de poder.

No entanto, num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, como em outros tempos não se queira reconhecê-lo nas

²¹ Versão Bíblia Almeida Corrigida Fiel, 2007.

situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que – sem nunca fazer dele, numa outra maneira de dissolver, uma espécie de círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma – é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é completamente ignorado, portanto, reconhecido o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

A heterossexualidade parece ter interferido na Eucaristia ao introduzir sua própria ordem de sociedade de maneira opositiva, domesticando assim a própria figura de Deus anfitrião como um mero intermediário das reproduções religiosas heterossexuais (ALTHAUS-REID, 2019). Assim, a cultura judaico-cristã exerce seu poder dominante sobre as pessoas, subjugada ao medo da condenação, artefato de exclusão e da separação social dos papéis de homens e mulheres.

RAQUEL - Algumas pessoas compreendem e dizem que se eu estou feliz que Deus abençoe. Outras dizem que é uma fase e estar orando por mim. Outras me ignoram.

A personificação do Amor de Deus para os cristãos está na redenção. Ela é uma cartografia do amor diferente ou exposto de maneira distinta, parafraseando a necessidade de redenção sobre as nossas vidas, mas não há uma localização bíblica definida para a redenção sexual.

SAUL - Encontrei um post esses dias, e ele resume tudo o que eu queria que meus pais tivessem em mente. Tem mais, ela (a mãe) tem o mesmo desejo de controlar quem eu sou e o que eu faço que a mãe dela tinha com ela. Acontece que eu não sou uma réplica dela, não aceito as mesmas condições e nem tenho os mesmos propósitos dela. Eu sou uma pessoa diferente e só queria que aceitassem isso.

A experiência vivida por quem se encontra sujeito à dominação capitalista, colonialista e patriarcal é uma experiência vivida no sentido do forte termo, uma vez que os que vivem não têm outra opção senão vive-la enquanto continuar se vendo como vítima da opressão. Na verdade, em sociedade, a necessidade tem sempre como limite a capacidade humana de ultrapassá-la ou evita-la desde que tal capacidade tenha condições mínimas para ser exercida. Contudo, a resistência e a luta não para erradicar a opressão. Apenas para quem

não vive a opressão na carne poderia imaginar que resistir a ela é um ato supremo de liberdade. Resistir e lutar contra a opressão é muitas vezes tanto uma necessidade quanto o é vive-la ou experienciá-la. A experiência da necessidade pode ser vivida de modo diferente: ou como a inevitabilidade de sofrer a opressão ou como a necessidade de interrompê-la. Aquilo que distingue a vítima da opressão não é a escolha entre a necessidade, por um lado, e vontade, por outro; trata-se quase sempre de uma escolha nesse caso é um ato de contingência extrema; somente após a escolha é que a necessidade se torna visível (SANTOS, 2019).

ISAQUE - Mãe a senhora acha que o menino vai querer viver assim, sofrer assim. Aí, ela sentiu um pouco de vergonha, mas daí ela começou a gritar: Não, não! Quando percebi que o negócio estava ficando feio e ela não ia aceitar, e que meu pai ia chegar eu mandei uma mensagem para ele e disse: “diz que você é assexuado”, que não tem vontade de ter nada com ninguém até ela ir digerindo. Foi então que ele falou e depois começou a chorar, chorar, ela também chorava muito, mas foi digerindo até que ela se calou.

Dado o exposto observa-se que divergentes situações ocorrem no seio destas famílias, se por um lado há os que reprimem o desejo, há os que buscam cooperar para que harmonicamente consigam conviver nestes espaços, sem que haja conflitos identitários ou reforço dos sofrimentos psíquicos. No tocante, para Souza (2019), os pais evangélicos esperam que os filhos consigam articular uma relação entre os diversos “espaços de intimidade”, principalmente aqueles relacionados com a família, a congregação religiosa e a sexualidade.

Portanto, em seu caráter doutrinário a igreja assume seu papel de controle social, passando a subjugar as ações de seus membros e familiares, lançando-os fora quando não se “encaixam” em suas formas e fazerem eclesiásticos. Assim, ela passa a excluir, condenar e classificar os “salvos” dos “condenados” por meio de suas práticas. Seria como se Cristo não tivesse nenhuma memória de sua própria comunidade, ou como se Ele fosse uma *tabula rasa*²², deste modo facilitando a inserção das ideologias heterossexuais e de seu Messianismo.

²² Segundo Platão, mente vazia, sem ideia ou conhecimento. No Brasil foi introduzido pelos Jesuítas no início da colonização portuguesa quando se referiam aos povos indígenas e suas tradições, a fim de domina-los para escraviza-los.

3.4 A CURA GAY E “OS DESAFIOS” DOS JOVENS HOMOSSEXUAIS EM FAMÍLIAS CRISTÃS

“Eles mancham o nome da igreja!”, “Envergonham a família!”. “É demônio!”, “Vai experimentar a ira e castigo de Deus!” Sim, são nestes contextos que as identidades homossexuais são confrontadas pelos interditos das famílias cristãs protestantes. A seguinte narrativa do método soará familiar a muitos dos excluídos das igrejas nos dias de hoje.

Todos somos irmãos, filhos de uma mãe e um pai, chamados Adão e Eva; e como um irmão, nosso grande Imperador, lamentando a perda de tantas almas que seus ídolos [ex. *zemis*] levavam para o inferno, onde eles arderiam em chamas vivas, enviara-nos para lhes relatarmos isso, a fim de que eles parassem com tais práticas, e abandonassem a adoração de ídolos e não fizessem mais sacrifícios humanos – pois todos os homens são irmãos – e não mais cometessem roubos e sodomia (DÍAZ, 1963, p. 222 apud ALTHAUS-REID, 2019, p. 214)

A narrativa das revelações do livro de Gêneses é aquela da expulsão das múltiplas sexualidades da construção da humanidade. Em certo sentido, se a relação entre Deus e os homens fosse interrompida pela diferença de gênero no paraíso, a mensagem subversiva do Gêneses é a de incorporar os *zemis* e desenvolver a santidade como demonologia, isto é, uma práxis de espíritos rebeldes. A rebelião para a igreja está na práxis sexual. “Embora a exclusão seja uma parte constitutiva do projeto de dominação sexual que tem sido a substância do poder imperial, a redenção sexual tem estado no núcleo da reinscrição política e sexual do Outro na história do cristianismo” (STOLER, 1997, p.15 apud ALTHAUS-REID, 2019, p. 215).

Conforme Fry & MacRae (1985), na era colonial, a prática da homossexualidade era “hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo” (Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, 1707) e que podia ser punida com morte na fogueira. Na segunda metade do século XIX, porém irrompe na Europa e no Brasil toda uma preocupação médica com a homossexualidade e, de fato, quaisquer relações sexuais fora do casamento, incluindo a prostituição. Formou-se a ideia de “saúde” da nação e da família como controle da sexualidade. Daí em diante é que a chamada Revolução sexual vem veementemente reivindicando os direitos

sexuais.

No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a serem estudados por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, a fim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, todas baseadas em noções empíricas e antigos preconceitos, e fosse possível seu tratamento em moldes científicos. As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas, ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se, em grande número de casos de indivíduos doentes ou anormais, que não deveriam ser castigados, porque careciam antes de tudo tratamento e assistência. A medicina havia libertado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela que salvaria de humilhação esses pobres indivíduos, muitos deles vítimas de suas taras e anomalias, pelas quais não podiam ser responsáveis (RIBEIRO, 1938 *apud* FRY & MACRAE, 1985, p.61-62).

Nas últimas décadas, evidenciaram-se crescentes processos de individualização entre os seguimentos sociais diversos, implicados em uma diversificação de estilos de vida em um clima de liberalização sexual em procedentes. Em contraste, ocorre também o recrudescimento de conservadorismos e tentativas de domesticar diferenças percebidas como ameaçadoras por meio de cruzados morais (NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2009).

Partindo da confissão cristã, passando pelas práticas médicas, jurídicas, pedagógicas e familiares, até chegar à ciência contemporânea da psicanálise, é possível traçar uma história de homens e mulheres, meninos e meninas, a sondar seus desejos, emoções e pensamentos, tanto que os passaram quanto os ainda existentes, e a falar deles com alguém. Contar pecados ao padre, descrever sintomas ao médico, submeter-se a cura pela fala: confessar pecados, confessar doenças, confessar crimes, confessar a verdade. A verdade era sexual (SPARGO, 2017). Estes cenários de confissões estão relacionados aos desejos sexuais, interpelada sobre uma verdade autoritária, que os conduz a um padrão heteronormativo.

Reduzir a sexualidade, o desejo e o prazer a imperativos de saúde pública pode ser uma forma de violência com relação aos diferentes anseios individuais. Historicamente, expressões de desejo e de gênero foram patologizadas e, portanto, vistas como doença mental. A própria homossexualidade só foi retirada do Manual de Diagnósticos de Doenças Psiquiátricas em 1973, enquanto a transexualidade ainda tende a ser

classificadas como disforia de gênero, e a intersexualidade mantem-se sob a definição e controle da medicina (MISKOLCI, 2017).

No Brasil, assim como em vários outros países, os modernos movimentos LGBT representam um desafio às formas de condenação e perseguição social contra desejos e comportamentos sexuais anticonvencionais associados a vergonha, imoralidade, pecado, degeneração, doença. Falar do movimento LGBT implica, portanto, chamar a atenção para a sexualidade como questão social e política, seja como fonte de estigmas, intolerância e opressão, seja por meio para expressar identidades e estilos de vida (SIMÕES, 2012).

É neste contexto que a sexualidade, antes restrita ao domínio do privado, se torna matéria de discussão da cena pública, incluindo uma perspectiva crítica dos supostos constrangimentos sociais que incidiram sobre a mesma. É possível dizer que uma percepção sociológica das sexualidades se difundiu entre diferentes atores, organizações e movimentos sociais, pluralizando discursos e instituindo novas zonas de legitimidade e ilegitimidade. Com efeito, o tema da exclusão da diversidade sexual pelas religiões despontou, por meio de uma crítica à homofobia supostamente presente na tradição cristã e à consequente vinculação de tal prática sexual ao tema pecado, da “abominação”, da antinatureza. A religião, sob essa perspectiva, aparece como lugar do controle e da regulação, e a sexualidade como domínio livre de amarras institucionais e sociais (NATIVIDADE, 2008).

Segundo Roudinesco (2003), para os defensores do discurso psiquiátrico do século XX, a homossexualidade sempre foi designada como uma inversão sexual, isto é, uma anomalia psíquica, mental ou de natureza constitutiva e, em quaisquer circunstâncias, como a expressão de um distúrbio da identidade ou da personalidade, podendo ir até a psicose e frequentemente levando ao suicídio.

SAUL - Eu não aceitava a minha condição, o medo de ser colocado para fora de casa, de mim amaldiçoarem. Eu orei, eu pedi a Deus durante um ano para que Ele me curasse, se fosse uma doença, mas se não, que Ele me matasse, eu pensei muitas vezes em suicídio.

As normas sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas, mesmo àqueles e àquelas que jamais conseguirão atendê-las, daí, nessa

perspectiva, se dissolver o paradoxo aparente de mulher machista, gay homofóbicos ou negros racistas. Afinal, ideais coletivos moldam todos nós, e eles se fazemos valer por normas e convenções culturais que deveriam ser nosso alvo crítico em busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária (MISKOLCI, 2017).

As identidades marcadas pelos flagelos emocionais causados pelos discursos heteronormativos das famílias e suas doutrinações eclesiais deveriam concentra-se em curar, mas “a cura deveria ser direcionada aos sentimentos de inferioridade que essa parcela de excluídos cultivava em decorrência do preconceito e da homofobia” (NATIVIDADE, 2010, p.102).

Aqui discutiremos o ponto central desta pesquisa, elucidando as formas de dominação exercidas sobre os corpos homossexuais sobre os interditos das famílias cristãs protestantes. Conforme Larrosa (2014, p.48), “[...] a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, minha marca maneira de se, configura minha pessoa e minha personalidade”.

SETE - No dia em que me assumi, minha mãe chamou algumas pessoas da igreja para fazerem uma oração aqui em casa, achando eles que iriam resolver a situação. Me lembro que uma mulher colocou a mão na minha cabeça e eu a mandei tirar a mão da minha cabeça, que eu não estava doente, que quem estava doente era ela, pois, me senti desrespeitada com a atitude.

Desta forma, o ato solitário de oração tem uma intenção reprodutiva em si sob os “*corpos endemoniados*”, pois Deus é o parceiro invisível do diálogo da oração. O prazer da igreja em regular e redimir as sexualidades (redenção como universalização) se justifica ideologicamente como realização da identidade sexual, como se as identidades sexuais tivessem apenas uma lição a ser aprendida, a do modelo do dia predominante heterossexual idealizado, uma identidade moralmente aplicada a modelos não-heterossexuais que foram construídos. Mas o suplemento possui múltiplas aplicações. Se, por exemplo, com Derrida, vemos que o hímen pode simbolizar ao mesmo tempo tanto a virgindade quanto a consumação do ato sexual (DERRIDA, 1981).

SAUL - Uma vez a minha mãe chamou uma pastora em minha casa para fazer uma campanha de oração, para orar por mim, porque no fundo ela sabe que sou gay, mas ela tem medo que eu assuma isso, e o que as pessoas vão falar ou achar.

Natividade (2013, p.19) elucida que, “a relação entre sexualidade e religião tem produzido historicamente múltiplas construções”. O guizado destas, geram conflitos as instâncias públicas e privadas. As diferentes classes e frações de classe estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 1989).

Os desafios contemporâneos tornam emergentes as discussões sobre as inovações e reivindicações sociais, uma vez que os modelos heteronormativos ganham força no cenário político e religioso. Os sujeitos que permeiam neste espaço social e reproduz estas formas de dominação e subalternização, por meio do poder que os aparelhos ideológicos de controle exercem sobre os Outros, colocando-os como subalternos em suas políticas de repressão ao desejo, os “*corpos aprisionados*”. Noutras palavras, Deleuze & Guatarri tentam elaborar uma definição alternativa do desejo e da repressão.

Nada falta ao desejo; ele não está em falta em relação ao seu objeto. Na verdade, é o sujeito que está em falta com seu desejo, ou é ao desejo que falta um sujeito fixo; só há sujeito fixo graças à repressão. O desejo e seu objeto são uma unidade: é a máquina, o objeto do desejo é também uma máquina conectada, de modo que o produto suspenso do processo de produção e algo se deslocam da produção para o produto e oferece um resto ao sujeito nômade, vagante (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 26).

É corriqueiro o discurso ideológico político-religioso no Brasil, atualmente, colocando sobre a homossexualidade a “exclusão”, a “condenação” e a comparação, em suas homilias doutrinárias, relacionando a crimes cruéis bárbaros como furtos e homicídios, parafraseando que para estes tem perdão, mas para gays e lésbicas não há, pois as suas práxis são abominação. Gêneses (18: 20), “*o seu pecado se tem agravado muito*”, é um dos textos mais utilizados pelos líderes religiosos para admoestar sobre a homossexualidade como um ato pecaminoso contra Deus e a moralidade, colocado este mesmo Deus que é “amor”, como figura vingativa, perseguidora, excludente e autoritária, para que

possam exercer seu poder de doutrinação sobre os sujeitos, “*crucifique-os!*”.

SAUL - Não fui submetido a nenhum processo de "cura" formal/oficial. Mas além das terapias com profissionais (psiquiatras, neurologistas, psicólogos, psicopedagogos, psicanalistas), houveram alguns momentos relacionados com a religiosidade. Na verdade, eles sempre fazem esse link. Certamente devem acreditar que eu estou "possuído" por um demônio homossexual, eu já ouvi isso em alguns lugares. O ocorrido mais recente que me lembro agora, foi uma campanha de oração feita na casa dos meus pais onde todos participaram, inclusive eu. Minha mãe não falava exatamente o que, mas ela pedia e chorava todas as vezes para a pastora para fazer uma oração em mim, pois eu estava cheio de problemas internos. Na época eu estava no processo de negação e queria tanto quanto ela que a oração da pastora resolvesse esses meus "problemas internos". Na realidade, eu passei a maior parte da minha vida com o "coração aberto" em relação a isso. Rezava a Deus incessantemente pra que ele mudasse isso em mim. Óbvio que nada disso nunca adiantou. Foi quando eu perdi a fé de vez na religiosidade, por essa e diversas outras milhões de questões.

As posturas cristãs sobre a “cura” da homossexualidade estão fortemente vinculadas ao problema do “pecado” e da morte, em seus discursos as consequências para aqueles que não obedecem às Escrituras Sagradas estão sujeitos à queda, a desonra e a exclusão para que todos de seu convívio não sejam amaldiçoados pelo Próprio Deus.

SARA - Mandou que eu procurasse um psicólogo, para conversar sobre meu último relacionamento que eu poderia estar frustrada. Que não era isso, para voltar a frequentar a igreja que Deus tiraria isso de mim.

O “pecado” da homossexualidade, assim caracterizados por eles são apresentados como espíritos malignos subjacentes para estes males. A provisão de Deus é requerida para chegar a tão desejada “cura”, o que podemos denominar de aprisionamento do desejo, para que por meio da cultura do medo, reforçada pela doutrinação, seja alcançado o objetivo central que é a repressão dos homossexuais nas igrejas.

RAQUEL - Há alguns anos atrás, quando me apaixonei por uma amiga e ela por mim. Estávamos na igreja, fazíamos parte das atividades e nossas famílias eram amigas. Lembro-me daquele episódio; trancaram-nos dentro da igreja, nos deram muitas

brincas, falaram que se não nos arrependesse daquele beijo que íamos para o inferno, foi muito doloroso. A família dela colocou a culpa em mim, eu era mais velha, tiraram ela daqui nos afastaram. Mas, não adiantou, hoje ela está casada com uma companheira, eu sei que não foi eu, somos assim [...].

É inegável a importância das religiões para ajudar enfrentar algumas situações sociais, como por exemplo, o combate à fome, pobreza, drogas, álcool e violência. Mas, é preciso repensar as políticas convencionais e a reinvenção das normas sociais, principalmente no que tange a uma postura heteronormativa, pautadas na opressão e repreensão do desejo. Em suma, abordagens de saúde precisam ser feitas evitando incorporar de forma acrítica padrões morais questionáveis. Se por um lado, a modernidade fez da humanidade o fundamento da comunidade política, de outro, favoreceu a constituição de uma cidadania incompleta para muitos, desta forma:

Uma sociedade que deixa de perceber o sujeito individual de direitos tanto como átomo abstratamente similar e, por consequência, comparável a todos os outros (aos olhos da lei geral à qual está submetido) quanto como inseparável do grupo de que saiu e, assim sendo, incomparável aos outros (na perspectiva de seus direitos) (VARIKAS, 2014, p. 83 apud SOUZA, 2019, p.79).

Além disso, Varikas (2014) está perfeitamente atenta ao desenvolvimento de escatologias messiânicas (religiosas ou seculares) no contexto dos grupos menos favorecidos da sociedade. O sofrimento não apenas prepara a alma para a visão (os oprimidos anseiam por sua libertação no além ou num futuro a construir aqui), mas também se apresenta como um convite à resistência: afirmando-se em muitos casos como portadores de “uma missão providencial”, os oprimidos se veem na “responsabilidade ética da redenção do mundo porque foram as vítimas e, muitas vezes, as vítimas ‘mais antigas’ desse mundo” (*ibid.*, p.144). A defesa do “pária²³” revela-se, ao final, também uma escatologia: a “fé religiosa” pode se converter rapidamente numa “fé política” (e

²³ Nessa perspectiva, o “pária”, querendo ou não, está “marcado” socialmente (propositalmente entre aspas) – “marcado” como Mulher, Negro, Gay, Lésbica, Imigrante etc. Paradoxalmente, no plano da militância, as práticas políticas dos excluídos explicitam as possibilidades de se partir justamente dessa “marcação”, desenvolvendo aquilo que Eleni Varikas nomeia (corretamente ou não) de “dignidade pária” (2014, p.90 apud SOUZA, 2019, p. 79), mas não se trata, evidentemente, da única opção política disponível. Portanto, as contradições da cidadania moderna também se expressam aqui – na luta contra a sua invisibilidade, o “pária” vislumbra a oportunidade de reivindicar, em termos fundamentalmente particularistas, um privilégio/ direito que não tem.

vice versa).

SETE - Todos nós somos rejeitados, e aí um dia eu falei: não aguento mais, não dar para viver assim, não dar para esconder isso da minha mãe, eu não estou vivendo tentando agradá-la, eu estou apenas existindo. Foi então que tivemos uma discussão por inúmeras coisas, a minha mãe disse que iria embora, eu então falei: beleza já que a senhora vai embora deixa eu te contar um negócio que escondi por muito tempo. Eu falei para ela que eu era [respiração ofegante, pausa, sem mencionar que é lésbica]. Ela parecia que ia morrer, ela desmaiou, minha irmã ficou desesperada, começou a berrar que eu queria matar a minha mãe. Quando ela acordou, ligou para as pessoas da igreja (alguns líderes e o pastor). Aquelas pessoas bem preconceituosas vieram para minha casa, como um pedido de socorro, foi então que fizeram um círculo em volta de mim, começaram a orar e repreender os “demônios”, colocando sobre a minha cabeça as mãos. Não sei como sobrevivi naquele dia.

As emoções são a porta que dá para o caminho da vida e são esse mesmo caminho na luta. E os corpos estão tanto no centro das lutas como as lutas estão no centro dos corpos. Os corpos são performativos e assim, através do que fazem, renegociam e ampliam ou subvertem a realidade existente. Ao agirem, agem sobre si mesmo; ao dizerem, dizem de si mesmo e para si mesmo. A mobilidade e a imobilidade, o silêncio e o grito, todos são energias vitais que inscrevem marcas nos corpos, marcas que permanecem para além das suas lutas e dos seus sucessos. Os corpos que resistem são muito mais do que a luta, e a luta, por sua vez, abarca muito daquilo que geralmente se crê existir fora dela [...]. “Se acontecem lutas é porque há corpos que acontecem para as lutas” (SOUZA, 2019, p. 138-139).

Padrões morais costumam ser a via de entrada de normas e convenções na experiência educacional. Distinguir entre concepções de educação voltadas para a diversidade ou para a diferença pode ser um meio profícuo de evitar que o aprendizado redunde na manutenção da diferença como algo a ser, no máximo tolerado (MISKOLCI, 2017). As normas de identidades engendram tanto os desvios como a conformidade. Não aceitar sobreviver diante dos jugos eclesiásticos é o primeiro pronto de ruptura destes armários sociais, que colocam a figura de Deus como o guardião do mesmo. A manipulação os estigmas é uma característica marcante na sociedade para regulação das identidades.

3.5 OS PERCURSOS ENTRE “ACEITAÇÃO” E “REJEIÇÃO”.

As Escrituras Sagradas trazem em suas passagens um Deus em movimento, um Deus que é Espírito, livre, que paira em todos os espaços, que não se subordina a outros. No texto descrito na primeira epístola de Paulo aos Coríntios 10: 29 - “*Digo, porém, a consciência não a tua, mas a do outro. Pois por que há de a minha liberdade ser julgada pela consciência de outrem?*”.

Partindo de um princípio bíblico do movimento “pro-liberdade”, nos aprofundaremos sobre a perspectiva deste Deus que luta pela liberdade. A explanação do colaborador 4 sobre “Deus *queer*”, faz uma ponte a estudiosos do movimento LGBTQIA+, dos estudos pós-coloniais e pós-estruturalista, a autores da teologia *queer*. Nas palavras de Althaus-Reid (2019, p. 19), “essa redescoberta de um Deus fora da ideologia heterossexual que tem prevalecido na história do cristianismo e da teologia. [...] é necessário facilitarmos a saída de Deus do armário através de um processo de *queerização* teológica”.

SAUL - Deus é queer e a porta do meu armário é de vidro. Minha família não deveria julgar ou excluir, denominando como doentes os homossexuais.

Para Miskolci (2017), o *queer* é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo abjeto. A abjeção pode ser de diversas formas: você ser classificado de negro em uma sociedade que já foi escravista é uma maneira de ser subalternizado e te relegar a uma posição com menos direitos e reconhecimentos. Mas, não por acaso, a abjeção costuma lidar com que ela passe muito pela sexualidade. Infelizmente, muitas vezes, ao usarem a palavra “sexualidade”, as pessoas tendem a pensar apenas em relações sexuais, mas a sexualidade vai muito além disso.

Para Fernandes (2019), a teoria *queer* teria se avolumado com a teoria pós-estruturalista e o modelo psicanalítico de identidade descentrada e instável, ganhando densidade com a rasura das estruturas conceituais e linguísticas binárias, próprias da desconstrução de Jacques Derrida.

Assim, se Deus se manifesta na história, e mais especificamente nos eventos de libertação da história humana, então precisamos encontrar a face de Deus nos relacionamentos amorosos fora das fronteiras da teologia decente, e no contexto dos Outros como pobres e excluídos (ALTHAUS-REID, 2019).

ISAQUE - A minha mãe, meu Deus é muito preconceituosa. Ela não quer ver o que ele é, e pior que ele vive na escravidão. Ele não sabe o que fazer, porque essa liberdade aí algemada explica por que ele só fica dentro de casa, por isso não sai, porque fica achando que é uma coisa vergonhosa, pecaminosa, porque na rua todos percebem, ele tem medo dos julgamentos, por causa da minha mãe.

O paradoxo de um Deus perfeito inicia logo na história da criação, numa construção não apenas histórica, mas antropológica, de uma separação de gênero e identidade, não apenas no campo biológico como também nas divisões sociais e hierárquica. A homossexualidade passa a ter de uma apreciação híbrida, construída socialmente e politicamente como uma forma de sobrevivência às distintas formas de opressão.

SAUL - A construção da identidade é processo ainda está acontecendo na minha vida. Eu tive/tenho que desenterrar várias vezes o menino que eles enterraram e dialogar com ele, tentar resgatar o ponto de vista dele, como ele enxergava o mundo e a si mesmo. Tudo isso ainda está acontecendo.

Pontos relevantes foram surgindo ao longo dos relatos de história oral de vida dos colaboradores desta pesquisa. Dentre estes estão o posicionamento que eles ocupam nas relações entre as instâncias privadas (família) e sociais (pública). Essa liberdade dada por um Deus livre, mesmo sendo muitas vezes submetidos a processos de violação dos direitos a liberdade sexual e de gênero, estes pontuam de forma relevante, diferentes formas de lhe darem com sua identidade de gênero na esfera familiar e social.

SETE - Não é simples ser "diferente", como diz a sociedade. O processo de construção é um trabalho árduo. Um dia me disseram: "não é por que você é assim, que você tem que vestir sempre calça, camisa fechada e usar sempre tênis", "você deveria se vestir de forma mais meiga, colocar um vestido, usar uma blusa decotada pra mostrar suas curvas, usar um salto ou uma rasteirinha". No começo, eu não me aceitava e isso é muito difícil, pois eu achava que deveria cortar o cabelo para me identificar. Achava que deveria andar como um homem, vestir-me como um homem, por que pra mim, eu tinha que me identificar para que as pessoas me olhassem e dissessem: "essa aí é lésbica" ou isso, ou aquilo, entende? Depois de um tempinho, lendo sobre o assunto, passando por muitas crises, muitas dificuldades, vi que eu poderia e posso me comportar como uma menina, ter o cabelo grande, me

vestir com as roupas que eu gosto, e o que as pessoas vão dizer, fica a critério delas. Hoje, ainda estou em processo de construção de identidade, mudamos a todo o momento, mas como é libertador se aceitar do jeito que se é. VIVA A DIVERSIDADE! VIVA A LIBERDADE! VIVA O AMOR! VIVA A VIDA!

Os anseios por liberdade se tornam latentes na história de vida destes jovens. “Gênero e ideologia entre os evangélicos brasileiros se inscrevem no interior das relações sociológicas e pela relação entre religião e a esfera pública” (SOUZA, 2019, p.78). Preservar a imagem da família no campo social e religioso é a preocupação de muitos deles, pois o medo da repressão e da exclusão é muito presente.

ABRAÃO - Como sempre muito apegado aos meus pais, cresci em família muito próxima; então ao entender que eles não aceitavam, tive medo de perder esse contato com meus pais então demorei bastante pra contar a eles o que me fez desenvolver alguns transtornos psicológicos e sigo até hoje esperando a convivência com a pessoa que escolhi estar ao meu lado. Isso ainda mexe comigo, mas hoje eu estou mais tranquilo porque tenho me priorizado e seguido meu coração. Na hora deles além de respeitar irão aceitar o meu relacionamento.

Segundo Spargo (2017), em todos os cenários confessionais, quem fala produz uma narrativa sobre a própria sexualidade que é interpretada por uma figura de autoridade. A “verdade” revelada nesse processo, claro, não é descoberta, mas produzida. Desta forma, os familiares tentam exercer forte influência sobre a identidade e seus comportamentos sociais. Assim, a homossexualidade precisa ser compreendida a partir de uma relação que se contrapõe grupo estigmatizados contra grupo estigmatizador.

O que importa conhecer sobre os grupos minoritários não é apenas a sua posição, mas os padrões de comportamento que eles desenvolvem e a imagem que possuem de si mesmos e dos outros. Na maior parte dos casos os grupos minoritários são colocados em situação de conflito em relação ao grupo dominante e à sua não participação na sociedade inclusiva, ou em certos aspectos desta que, mais particularmente, os marca como tal e perpetua sua posição minoritária [...] a posição minoritária do grupo homossexual acarreta uma série de restrições que circunscrevem a liberdade individual e o autodesenvolvimento (CÂMARA, 2019, p. 36).

Noutras palavras o Foucault (1999, p. 94), traz à tona que, “as distribuições de poder, e as apropriações do saber não representam mais do que cortes instantâneos em processos, seja de reforço acumulado do elemento mais forte, seja de inversão da relação, seja de aumento simultâneo dos dois termos. As relações de poder-saber não são formas dada de repartição, são matrizes de transformações”.

O corpo é o território fundamental, e um cadáver despedaçado à deriva no rio é a negação absoluta nesse território, o exílio da alma mais profundo possível. Assim atinge a territorialização ao seu estado mais definitivo de não-ser (TAUSSIG, 2012, p. 513 *apud* SANTOS, 2019, p. 137).

Nas prisões de seus “armários” ou talvez “fora deles, mas com a chave nas mãos”, vemos a dialética entre o oprimido/opressor subjacente. Os gritos presos nos *corpus* silenciados pelas normas educacionais familiares, pautados em uma conduta patriarcal, atravessam as fronteiras e geram sacrifícios de vidas e renúncias subjetivas de seus desejos.

RAQUEL - Hoje eu e minha companheira vivemos juntas a quatro anos, eu nunca disse para minha família que ela era minha esposa, mas acho que eles sabem, todos sabem. Mas, tenho medo da minha mãe, a saúde dela não permite, ela deve desconfiar, ela nos ver sempre juntas, sabe que moramos juntas, mas ela nunca me perguntou eu também não sinto necessidade de dizer isso e a ferir. Na rua todos sabem, mas na minha família, prefiro respeitar a educação, a forma de ver da minha mãe, não sei como ela iria reagir, ficaria com vergonha perante a igreja.

A complexidade dessa escolha torna maior quando a pessoa homossexual assume esse papel multifacetado da identidade. Ela deseja alcançar o reconhecimento de sua dignidade enquanto pessoa, não apenas no campo de aceitação de sua orientação sexual. É um ser que clama ao divino por não ser reconhecidos como marginais, transgressores das doutrinas, pois o controle serve para “encobrir, da melhor maneira possível as características da homossexualidade” (CÂMARA, 2019, p. 29), ou seja, no comportamento perante a sociedade.

ISAQUE - Meu pai vai aceitar mais rápido que a minha mãe, porque ele já me perguntou. O meu pai é sereno para essas coisas, apesar de que algumas vezes ele se refere a gays como “doentes”. Um dia desse meu pai perguntou se eu achava que ele era o que? Então eu disse: “pai tu sabes que

ele não gosta de menina!”. Ele parou, pensou um pouco e disse, mas nós vamos amar do mesmo jeito. Eu acho que meu pai vai aceitar mais rápido que a minha mãe, ele vai abraçar e cuidar mais que ela.

As tensões entre moralidade protestante e a sociedade mais abrangente se manifestam principalmente no âmbito da sexualidade. No contexto da tradição cristã encontramos a estrita subordinação da sexualidade à conjugalidade reprodutiva. Geralmente as lideranças religiosas se utilizam dos textos sagrados para impor uma diferenciação dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais (SOUZA, 2019).

A diferença não é algo em si, é uma palavra que indica, aponta referência uma multidão de fluxos, processos, ações, pensamentos e mais muitas coisas. A diferença é uma multidão: uma multidão de pensamento social tentado sistematicamente domar uma série de ferramentas, maquinários conceituais de contenção e multidão impressionante (MACHADO, 2020). Conviver com as diferenças é uma barreira social ainda a ser vencidas por muitas pessoas, livrando-as do preconceito e da homofobia.

Deste modo, os homossexuais não querem impor sua presença nas igrejas, mas querem a liberdade para expressar seu culto a Deus, livre dos olhares de condenação e repressão, livres dos círculos de oração, das imposições das mãos que almejam “a cura” para seus desejos sexuais e reprimem suas liberdades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrelaçamento entre a identidade sexual, a família e a religião é o ponto central destas discussões que aqui foram fomentadas. No tocante, elucidamos que sempre houve relações complexas entre as práticas confessionais e a sexualidade humana.

A ideia central desta pesquisa foi saber no que tange as relações étnicas entre os jovens homossexuais e suas famílias cristãs no processo de construção de si como gays e lésbicas, e os atravessamentos sofridos nos interditos existentes pelas fronteiras religiosas.

Sob os véus dos templos e as orações dos que expulsam os “demônios” dos corpos transgressores, discorreremos as impressões obtidas no campo de pesquisa, cujos silenciamentos são perversos e as máscaras sociais da ausência de santidade são reveladas dentro de casa. “Socorro! Deixem-nos sair dos armários de nossa existência!”. Tais inquietações eram expressas durante as coletas de dados, os gritos latentes dos que clamam pela liberdade e o direito de viver longe destas prisões obscuras da repressão sexual, que ao participarem deste momento pareciam estarem sendo liberto por alguns minutos de suas cadeias emocionais em decorrência das fragilidades existentes nas relações familiares, o sentimento exposto pelos colaboradores era o desejo de fugir das doutrinações eclesiais, onde as identidades são moldadas, reformuladas, reinventadas, estigmatizadas pelo medo e pela exclusão social.

A igreja em seus atravessamentos sempre esteve em um patamar de controle social, dos sujeitos e dos corpos. Tradicionalmente, tem-se suposto que a Bíblia condena todos os atos homossexuais. Mas, será que todos os autores bíblicos são guias confiáveis nessa questão? Os argumentos apontados pela igreja para a heterossexualidade não são limitados pela própria cultura?

Nesta permissa, realizamos uma breve análise dos textos bíblicos utilizados pelo judaísmo-cristão, especialmente no seio do protestantismo brasileiro sobre a homossexualidade e a concepção de casamento, das relações familiares e controle da sexualidade a partir de um discurso de condenação para os corpos que fogem o que lhes são propostos, a fim de compreender a ideia de

“cura gay”, que vem sendo sustentada no atual cenário social pela bancada político-religiosa no Brasil reforça tal concepção entre os que não compreendem a hermenêutica bíblica por diversos fatores, desde ao acesso a escolarização ao a baixa adesão a exploração de outras culturas.

Devorante aos pontos apresentados nos textos de Gêneses e Levíticos, bem como nos textos do livro de Apocalipse, que em nenhum deles há fundamentos que afirmem que eles estão atrelados à homossexualidade. No texto mais utilizado como referência, Gêneses, no que se referem à destruição das cidades de Sodoma e Gomorra os aspectos analisados estão fundamentados nas fragilidades das relações, na liberdade sexual exacerbada e na falta de hospitalidade, que quando era constatada nas sociedades antigas era considerada uma falta grave.

Nas leis levíticas, a preocupação eram os rituais antiquados de fertilidade. Se nos atentarmos ao fato de que os autores bíblicos conduziram os ensinamentos as suas próprias culturas torna-se irrelevantes tais ensinamentos sobre a homossexualidade, pois se o único ensinamento sobre esse tema se encontra nos textos de proibições, seria difícil responder a essas objeções. Mas, uma vez que as doutrinas bíblicas se atem ao casamento heteronormativo como uma instituição da divindade, e o que foge a isso é desviante.

Um segundo ponto importante sobre a literatura eclesiástica é que os autores bíblicos não estavam tratando de nossas questões. Assim, o problema das escrituras não era somente com seus ensinamentos, mas também com seus silêncios. Pois, se o seu único ensinamento bíblico sobre a homossexualidade concentra-se nas proibições em relações entre indivíduos do mesmo sexo, quando em nenhum outro local deste mesmo livro cita se quer a existência deste tipo de relação, seria então difícil à comunidade cristã responder a essa objeção. Os textos são visto como relações divinas entre um homem e uma mulher têm então um atributo de controle social proposto pela igreja, e este por sua vez vem sendo questionado na pós-modernidade.

As análises das amostras colhidas no campo de pesquisa no que diz respeito às instituições eclesiásticas, apontaram para o que já vem sendo observado e comprovado em outros estudos, pois o poder doutrinador e de controle político-social da igreja é um reforço muito forte em algumas famílias no que se refere às identidades, a sexualidade e os papéis de homens e mulheres

dentro da célula mater da sociedade tanto buscar preservar a cristandade. As igrejas em seu caráter disciplinador para os que fogem as normas são coesivas, geram fragmentações nas relações existentes nas famílias, moldam as identidades dos sujeitos e excluem do seio protestante os que são homossexuais.

A cultura é algo algoz no que se refere à sexualidade, se o sexo é uma necessidade humana e a própria Bíblia revela essa necessidade e essa liberdade. Porém, porque entre pessoas do mesmo sexo biológico é uma impureza ou uma “condenação ao inferno”. Quando a igreja prega sobre o pecado para as famílias ela exclui as práticas heterossexuais que ferem essas Escrituras Sagradas? O conceito de pecado categorizado pelas famílias protestantes no Distrito Stela Câmara Dubois, no que se refere à sexualidade humana, está apenas para a homossexualidade? Os princípios morais impostos pelo dogmatismo fere a família ou a Outridade excluída e estigmatizada pela repressão familiar e social?

Assim, o que as impressões obtidas no campo de pesquisa foram das mais variadas situações. No contexto familiar nos deparamos com os mais diversos enfrentamentos entre os interditos religiosos, a invisibilidade quanto à sexualidade dos filhos, a repressão, a patologização da homossexualidade e a busca por meios medicamentoso e divino para a homossexualidade dos filhos.

Ao longo da pesquisa que gerou esta dissertação, constatamos que os caminhos em busca de uma identidade livre se deram por diferentes formas no seio das famílias protestantes. Há os que alcançaram a plenitude de firma sua identidade de gênero perante a igreja e a seus familiares, porém há os que vivenciam o sofrimento, a repressão o medo e os silenciamentos. E por mais revelador que pareça há colaboradores que vivem uma dupla identidade, onde ser gay ou lésbica no contexto familiar é uma questão não vivenciada, porém na vida fora das relações familiares com os amigos e demais pares a identidade de gênero é vivenciada com certa “liberdade”.

A busca pela suposta “cura gay” foi um ponto vivenciado por todos os colaboradores da pesquisa. Eles descreveram ao longo de seus relatos orais sobre estes enfrentamentos. Como a família e a igreja conduziram esse processo em prol da busca daquilo que não é doença, mas sim a sua identidade, o seu pertencimento e desejo sexual. A repressão do desejo levaram os colaboradores a distintas decisões de vida, desde os que saíram da casa dos pais muito cedo em busca de sua independência social e financeira, os que mergulharam em um

sofrimento subjetivo, desejo de morte, pensamentos suicidas. Por outro lado, há quem enfrentou as repressões familiares e da igreja gerando uma mudança do pensamento social na família e na comunidade. Uma das nossas colaboradoras conseguiu firmar a sua orientação sexual perante a sociedade indo de encontro com os preceitos eclesiásticos e doutrinação familiar, seus últimos relatos ela nos contou a cerca da colaboração desta pesquisa para que sua genitora aceitasse sua relação com a parceira, atualmente estão noivas e as famílias de ambas são protestantes, mas já compreende com um posicionamento favorável quanto à sexualidade.

Outro ponto importante no decorrer desta pesquisa foi à escuta dos líderes religiosos e suas impressões sobre a homossexualidade dos jovens, filhos dos membros de suas instituições e das contribuições que está pesquisa causou em alguns líderes que a *posteriore* informaram em conversas informais que compraram livros para estudar sobre a homossexualidade e a religião. Nesta permissão, se valida o quanto o ato do pesquisador transitar nestes espaços educacionais colaboram para a mudança de pensamento social e provoca inquietações e o desejo do aprofundamento teórico sobre este universo que tanto é obscuro para alguns líderes religiosos.

As fronteiras persistem nos seios familiares e eclesiásticos, porém caminhamos em passos lentos para um maior acolhimento dos jovens homossexuais nos grupos das instituições religiosas, o trabalho realizado pela igreja é sempre no campo da heteronormatividade, ao casamento e os papéis de homens e mulheres, no controle social, na preservação e conforme ela em prol da não extinção da raça humana por permitir casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que vemos é um controle biológico, de cunho político-religioso-ideológico.

Portanto, a sociedade que vivemos se mostra, na defesa de seus valores, muito contraditórios, para não dizer hipócrita. Não há no seio do protestantismo um único ser humano que não apregoe o amor, a solidariedade, a bondade, o zelo e o direito à vida. Porém, eis uma inquietação: Se Deus é amor, porque só divino ser um amor hétero? Porque a solidariedade não pode ser exercida para com os que fogem as doutrinações dos corpos? Porque a igreja é cruel em seus discursos contra gays e lésbicas? Porque as militâncias eclesiásticas em prol da vida são apenas no campo heterossexual? Será que Jesus em sua Plenitude de amor, que militou em sua época pelos invisibilizados

sociais de sua sociedade, é o mesmo que condena e exclui dos discursos religiosos de hoje? Sua identidade acolhedora mudou ou a sociedade mudou suas configurações de amor inclusivo?

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALLBERRY, Sam. *Deus é Contra os Homossexuais? A homossexualidade, a Bíblia e a atração por pessoas do mesmo sexo*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018
- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALTHAUS-REID, Marcela. *Deus Queer*. Tradução de Fábio Martellozo Mendes. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia; Novos Desafios, 2019.
- ATHIAS, Renato. *A Noção de Identidade Étnica Na Antropologia Brasileira: de Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira / Renato Athias; apresentação Edvânia Torres*. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- ARAÚJO, Martinho Tota Filho Rocha de. *Marcadores cruzados: etnicidade, homossexualidade e religião*. Cadernos Pagu (48), 2016.
- BARTH, Fredrik. *Etnicidade e o Conceito de Cultura*. Tradução de Paulo Gabriel Hilu R. Pinto. n.19, p.15-30, 2. Sem. Niterói, 2005.
- BARROS, A. J. P; LEHFELD, A. S. *Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transsexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *História Oral: como fazer, como pensar*. – 2ª ed. 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. – 3º. Ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Conceitos Fundamentais*. Editado por Michael Grenfell; Tradução de Fábio Ribeiro. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena 11ª ed. Kuhner. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. *Lenguage, poder e identidade*. Madrid: Editora Síntesis, 2004.

- BUTLER, Judith. *Regulações de Gênero*. Cadernos pagu (42). Tradução: Cecilia Holtermann. Revisão: Richard Miskolci, janeiro-junho, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Mecanismos Psíquicos del Poder* – Teorias sobre la sujección. Madri: Ediciones Catredra, 2001.
- BUTLER, Judith. *O Parentesco é sempre tido como homossexual?*. Cadernos Pagu, n. 21, 219-260, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. *Sexualidade e Preconceito*. Revista Latino-Americana de Psicologia Fundamental. São Paulo, v.3, n.3, p.17-18, set. 2000.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. *A perversão do outro lado do divã*. In: PORTUGAL, A. M; PORTO FURTADO, A; ROUDRIGUES, G; BAHIA, M; GONTIJO, T. (org.) Destinos da Sexualidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- CÉSAR, Marília de Camargo. *Entre a Cruz e o Arco-Íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade*. Belo Horizonte: Editora Gutemberg, 2013.
- COHEN, A. *Introduction: The lesson of ethnicity*. In: _____. Urban Ethnicity. Tradução José Maurício Arruti. London: Taristock, 1974
- CONH, Gabriel. *Identidades Problemáticas*. [et al] orgs. – 1ª ed. 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- CONNELL, Robert W.; MASSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito*. Revista de Estudos Feministas, Florianopolis, v.21, jan./abril, 2013.
- COSTA, Ronaldo Pamplona da. *Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Editora Gente, 1994.
- CRESWELL, John W. *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3ª ed. – Porto Alegre: Penso, 2014.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: Interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. Tradução de Carol Correia. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5738359/mod_folder/content/0/INTERSECCIONALIDADES/parte%204%20%E2%80%9CMapeando%20as%20margens%20interseccionalidade%20poli%CC%81ticas%20de%20identidade%20e%20viol%C3%94ncia%20contra%20mulheres%20na%CC%83o-brancas%20de%20Kimberle%20Crenshaw%20%E2%80%94%20Parte%204%20%20by%20Carol%20Correia%20%20Revista%20Subjetiva%20%20Medium.pdf?forcedownload=1. Acesso em: Outubro de 2020.
- CROSSAN, John Dominic. *O Nascimento do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade: da cultura residual mais irreduzível*. In: - Cultura com Aspas e Outros Ensaios. São Paulo: Cosac & Neify, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Identidade Étnica*. In: Antropologia do Brasil – Mito, História e Etnicidade. São Paulo: Edusp/Brasiliense, 1986.

- CUNHA, Magali do Nascimento. *Gênero, religião e cultura: ecos do neoconservadorismo evangélico brasileiro nas mídias*. In: BRONZSTEIN, Karla Regina Macena Pereira Patriota; MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Gênero e Religião: Diversidade e (in)tolerância nas mídias*. Vol.1. Recife: ABHR/ ABHR Nordeste, 2015.
- DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* - Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10^a ed. – São Paulo: Centauro, 2008.
- DERRIDA, J. (1977) *Of Grammatology*, Baltimore/London: The John Hopkins University Press. [ed. Bras.: Gramatologia, São Paulo: Perspectiva, 2016].
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DONATI, Pierpaolo. *Família do Século XXI: abordagem relacional*. – São Paulo: Paulinas, 2008.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira*. In: M. L. Heilbom et. al. (orgs.). *Sexualidade Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Desejo e Diferença: à guisa de prefácio*. In: *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- ESTABLET, Roger; GUATARRI, Félix. *As Instituições e os discursos: O sistema hospitalar psiquiátrico e a escola segundo análises e críticas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.
- FANON, Franz. [1963]. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERRARI, Anderson; SEFFNER, Fernando. “A Morte e a Morte”... dos homossexuais. Niterói, v.10, p.189-217, 2.sem., 2009.
- FERRARI, Anderson; SOUZA, Marcos Lopes de; CASTRO, Roney Polato de. “Medo da Estigmatização?” – *A Universidade, os processos formativos e a problematização das homossexualidades*. Revista Travessias, Cascavel, v.11, n.1, p.143-156, jan./abr. 2017.
- FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FONSECA, Claudia. *Olhares antropológicos sobre a família contemporânea*. Florianópolis: Papa-livro editora, 2002.
- FONSECA, J.J.S. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FOUCAULT. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. 13^a Ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque Tradução. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT. *O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985. (História da Sexualidade, v.3).
- FOUCAULT. *Em Defesa da Sociedade*. Curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FOUCAULT. *Microfísica do Poder*. 6ª ed. R. Machado Tradução. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT. *Religion ad Culture*. New York, Routledge, 1999.
- FOUCAULT. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FREIRE, Jurandir. *A Construção cultural da diferença dos sexos: Sexualidade, Gênero e Sociedade*, [S.L], ano 2, nº 3-8, jun. 1995.
- FREUD, Sigmund e Ludwig Binswanger. *Correspondance 1908-1938*. Paris, Calmann-Lévy, 1995.
- FRY, Peter. *Mediunidade e Sexualidade*. *Religião e Sociedade*, n.1, 1977, pp.105-123.
- FRY, Peter. *Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros*. In: Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982.
- FRY, Peter. *Da hierarquia à igualdade: construção histórica da homossexualidade no Brasil*. In: Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- G AGNON, Robert A. J. *A Bíblia e a Prática Homossexual*. Tradução: Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1988.
- GOVERS, Cora; VERMEULEN, Hans. *Antropologia da Etnicidade*. Tradução Rogério Puga. Fim de Século – Edições, Lisboa, 2003.
- GRAHAM, R. Gibbs. *Análise de Dados Qualitativos*. Porto Alegre – RS: Artmed Editora, 2009.
- GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. *O desafio histórico de “torna-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades*. *Temas em Psicologia*, v.17, n.2, p.553-567, 2009.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10ª Edição. DP & A editora, 1998.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: T. T. SILVA, (Org.), *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina (Trad.). *Etnicidade: Identidade e Diferença*. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 11, n.2, p. 317-372, jul./dez., 2016.
- LACAN, J. *O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, J. *Écrits: A Selection*. New York, Norton, 1977. [Tradução de Alan

Sheridan].

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LAURENTI, Ruy. *Homossexualismo e classificação internacional de doenças*. Ver. Saúde Pública, v.18, n.5, São Paulo, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *The Elementary Structure Of Kinship*. Ver. Ed. Edited by Rodney Needham. Boston, Beacon, 1969. [Tradução de James Harle Bell, John Richard von Sturmer e Rodney Needham].

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Família Origem e Evolução*. v.1. – Editorial Villa Martha. Porto Alegre – RS, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Família Indesejada*. Serie Antropologia. Trad. Klass Woortmann. Brasília, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. 2ª Edição. Autêntica, Belo Horizonte 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e Teorias Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Etnicidade e Identidade Étnica*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MACHADO. Igor José Renó. *Reflexões sobre o Pós-colonialismo*. Teoria e Pesquisa, 2004.

MACHADO. Igor José Renó. *Diferença: Objetificação e Aceleração*. Scielo. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/1217/1862/1956>
Acesso em: dezembro de 2020.

MACHADO. Igor José Renó. *Deslocamentos e Parentescos*. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

MACHADO, M. D. C; PICCOLO, F. D. *Religiões e Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MACHADO, M. D. C. & MARIZ, Cecilia. *Pentecostalismo e a redefinição do feminismo*. Religião e Sociedade, v.17, p. 140-159, 1996.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MODESTO, Edith. *Religiosidade e Homossexualidade: como conciliar?* Vida Pastoral • ano 55 • nº- 297, 2011.

MOTT, Luiz. *A Revolução Homossexual: o poder de um mito*. Revista USP, São Paulo, nº 49-50, março/maio, 2001.

MOTT, Luiz. *História da Homossexualidade no Brasil*. Cronologia dos Principais Destaques. Anais do X Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros,

Maceió, 2001.

MOTT, Luiz, & CERQUEIRA, M. *Causa Mortis: Homofobia*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2001.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. *As novas Guerras Sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. *Uma Homossexualidade santificada? etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo, Editora Unesp; Brasília, Paralelo 15, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade Étnica, Identificação e Manipulação*. In: Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Editora Pioneira 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Reconsiderando a Etnia*. In: Sociedade e Cultura, v.6, n.2, jul./dez. p.133-147, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade Étnica, reconhecimento e mundo moral*. Revista Antropológicas, ano 9, v. 16, p. 9-40, 2005.

PATTON, M.Q. *Qualitative Evaluation*. Beverly Hill, Ca., SAGE, 1980.

PELIKAN, Jaroslav. *A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina – o surgimento da tradição católica 100-600*. V. 1. Tradução Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

PERMACK, D.; PERMACK, A. *Why animal slack pedagogy and some cultures have more of it than others*. Malden, Massachusetss: Blackwell Plublischers, 1996.

PETRINI, João Carlos; ALCÂNTRA, Miriã A. Ramos de; MOREIRA, Lúcia Vaz Campos de. *Família na Contemporaneidade: Uma análise conceitual*. Revista VERITATI. Salvador, v.2, p.125-140, 2002.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1992.

POLLAK, Michael. *A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?*. In: ÁRIES, Philippe & BEJIN, André [orgs.] Sexualidades Ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POUTIGNAT, Philippe. *Teorias das Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes*. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. CLACSO, 2005.

RICOEUR, Paul. *Ser, essência e substância em Platão e Aristóteles*. Tradução Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Editora WMF Martins Fonseca, 2014.

RODRIGUEZ, Daniel Arbaiza. *A Ambiguidade das Identidades Segundo Étienne Balibar*. Cadernos de Ética e Filosofia Política, n.22, p.129-140.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família Em Desordem*. Tradução André Telles. —

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina. In: *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Fim do Império Cognitivo: A Afirmação das Epistemologias do Sul*. 1ª Ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*. São Paulo: Editora Reunidas, 1995.

SARTI, Cynthia Andersen. *A Família Como Ordem Moral*. Cad. Pesquisa. n.9, p.46-53, nov. São Paulo, 1994.

SARTI, Cynthia Andersen. *A Família Como Ordem Simbólica*. Psicologia USP, v.15, p.11-28. São Paulo: UNIFESP, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Cidadania, Um Projeto em Construção: Minorias, Justiça e Direitos*. 1ª Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Questão Racial e Etnicidade*. In: O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). São Paulo: Sumaré, 1999.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Educação e Realidade, v.15, n.2, jul./dez. 1995.

SCOTT, Parry. *Moraes, Religião e sexualidade em contexto urbano, rural e indígena: namoro, aborto e responsabilidade*. In: SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion Teodósio de (org). Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2007, pp. 13-54.

SCHUTZ, A. *Sobre Fenomenologia e Relações Sociais*. Edições e Organização: Helmut T. R. Wagner; tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Eliana Ávila. *Cultura e Poder na Baixa Idade Média Castelhana: o livro das armas de d. João Manuel (1282-1348)*. Tese de Doutorado (História). Orientadora: Fátima Regina Fernandes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005, 272p.

SINGLY, François; PEIXOTO, Clarice Ehlers; CICCHELLI, Vincenzo. *Família e Individualização*. Tradução de Ângela Xavier de Brito. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SINGLY, François. *Um com os outros*. Instituto Piaget: Stória Editores, 2003.

SINGLY, François. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora

FGV, 2007.

SMELSER, Neil. *Social paralysis and social change: british workingclass education in the nineteenth century*. Berkeley, University of California Press, 1991.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Educação: Diversidade, Descolonização e Redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. *A verdade Seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil*. 34ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, Robson da Costa de. *Gênero e Ideologia entre Evangélicos Brasileiros*. São Paulo: Intermeios, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

STEARNS, Petteer N. *História das Relações de Gênero*. Tradução Mirna Pinsky. – 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

STOTT, John. *O Cristão em uma Sociedade não Cristã*. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

TAUSSING, Michael. *Excelente Zona Social*. Cultural Anthropology, v.27, n.3, p. 498-517, 2012.

THOMPSON, Paul. *A Voz WEBER, Max do Passado: História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figuras do pária*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VELASQUES FILHO, Prócoro. “*Deus como emoção: Origens históricas e teológicas do protestantismo*”. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêia; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe barbosa. Revisão Tec. Gabriel Cohn. São Paulo: Editora UnB, 2004.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.